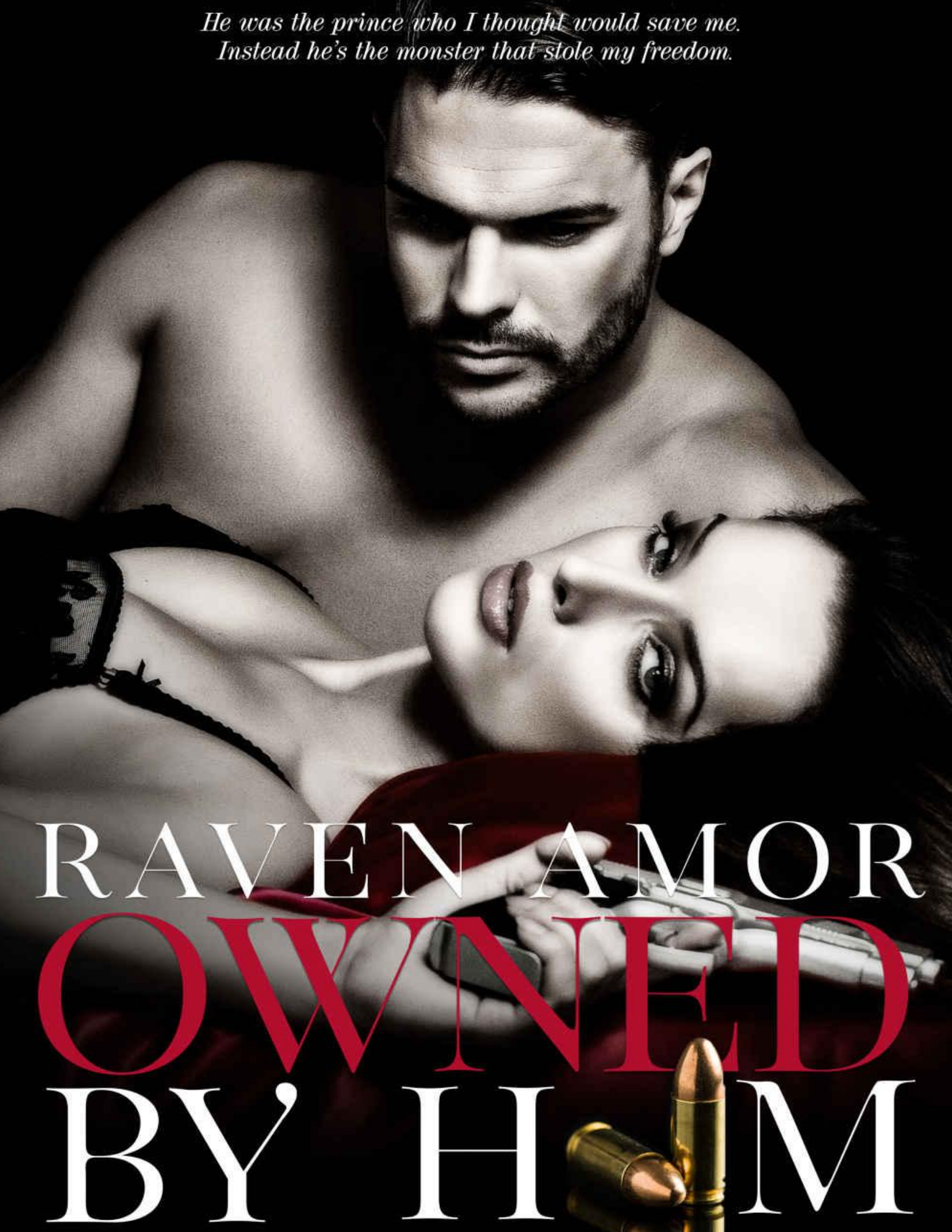
He was the prince who I thought would save me.
Instead he's the monster that stole my freedom.



RAVEN AMOR

OWNED BY HIM



Aviso

A presente tradução foi efetuada pelos grupos WAS, e Bookaholic, fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo dos grupos é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, os grupo WAS e Bookaholic poderão, sem aviso prévio e quando entenderem necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo os grupos WAS e Bookaholic de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



3°

ANNIVERSARIO

WAS

Owned By Him by Raven Amor



Owned By Him

©2020 Raven Amor

Parceria WAS & Bookaholic

Staff

Disponibilização: Bookaholic

Tradução e Revisão Inicial: Bookaholic

Revisão Final: Sidriel Wings

Leitura Final: Angel

Formatação: Miss Law

Janeiro 2021

Sinopse

Lilliana faria qualquer coisa por seu pai. Mas o vínculo familiar pode ser uma faca que corta fundo. Seu pai devia muito dinheiro. Na derradeira traição, ele trocou Lilliana como pagamento.

Trocada com o melhor amigo de seu irmão. O homem que ela amou uma vez, seu príncipe de infância.

Malachi Kingston é agora o monstro que roubou sua liberdade.

No entanto, conforme segredos do passado vêm à tona, os dois lutam contra seus desejos mais sombrios.

Sangue será derramado.

O coração ficará partido.

As balas voarão e vidas serão perdidas.



Esta não é uma típica história de amor.

É do tipo que quebra sua alma em mil pedaços e os cola a tempo de você sentir cada grama de sua emoção selvagem.



Capítulo 1



Lilliana

Jack só me chama por dinheiro. O que, via de regra, é para salvá-lo de algum tipo de problema. Nos últimos dias, suas mensagens de voz têm estado frenéticas, o suficiente para que eu acabe de terminar um turno de quatorze horas no hospital, e em vez de ir para casa, estou subindo as escadas de seu apartamento, assaltada pelo fedor de urina. É tão pungente, tão ácido, que está fazendo meus olhos lacrimejarem e arderem. Garrafas de cidra vazias e latas de cerveja se amontoam a cada passo que tomo; é como tentar escapar de um maldito campo minado com todo o lixo descartado. As paredes antes cinzentas agora estão cobertas de grafite, como se eu estivesse seguindo uma estrada de tijolos amarelos emaranhada que está me levando para casa.



Prometi a mim mesma na última vez que vim em seu resgate que não faria mais isso. Jurei às cegas que, se chegasse a hora em que Jack precisasse ser salvo, eu o deixaria em paz, e ele que se defendesse sozinho. Não importa o quanto eu diga que será a última vez, não posso deixá-lo quando ele precisa de mim. Não posso virar as costas e abandoná-lo. Eu gostaria de ter a capacidade de ser tão egoísta quanto ele. Que eu poderia dizer não a ele.

Ele sabe que eu o amo, não importa quantas vezes me decepcione, e usa meu amor cego como uma arma contra mim. Me manipula com as palavras certas para que não importe quantas vezes eu desligo na cara dele, eu ainda acabo saindo e procurando por ele nos becos mais profundos e nos bares mais sujos, esvaziando minhas economias de vida para salvá-lo de sua última bagunça.

Os cabelos da minha nuca se arrepiam quando chego ao degrau mais alto. Eu conheço essa sensação; você não cresce no bairro Ark Hill, o pior bairro de Londres, sem perceber quando o chumbo enche seu estômago e um arrepio percorre sua espinha. Meus olhos correm ao redor, e é quando eu noto que a porta de seu apartamento está entreaberta. Um arrepio passa por mim, fazendo todo o meu corpo estremecer enquanto eu empurro ainda mais aberta. — Jack? — Minha voz é um sussurro contra meus lábios.



Eu deveria me virar. Deveria correr. Já vi essa cena nos filmes e já gritei com a tela da TV com frequência quando é óbvio que o assassino está na sala. Mas assim que aqueles idiotas entram pela porta e vão para o caminho do perigo, eu passo por Jack, ignorando todos os avisos.

O lugar não mudou; as paredes ainda manchadas de amarelo pela fumaça da corrente de Jack, teias de aranha penduradas nos cantos, piso de madeira lascado e manchado, quebrado em alguns lugares. Nenhum retrato de família cobre as paredes.

Conforme eu me movo para dentro do apartamento, há um *baque*. Um gemido baixo enche o ar, fazendo meu estômago embrulhar com o som brutal. Não muito depois do primeiro, um segundo *baque* quebra o silêncio novamente. Desta vez eu reconheço o som como carne batendo carne. O som é tão familiar que parece uma canção de ninar. Em seguida, há o esperado gemido de dor quando alguém se machuca, algo profundo e gutural.

O ar se enche de sons de esmagamento de ossos, seguidos de gemidos e uivos, como um animal ferido. Eu me movo mais rápido, medo de não ter mais espaço em minha mente. Eu só preciso ajudar quem está recebendo esses golpes de partir a pele.

Virando na sala, meus olhos se arregalam quando o corpo machucado e ensanguentado de Jack aparece. Eu paro e vejo sua aparência; sangue



manchando suas roupas e cabelos, braço torcido de uma forma que me diz que está deslocado ou quebrado. Seu olho esquerdo está quase inchado e fechado, apenas um vislumbre da costumeira íris marrom-escura aparecendo. O sangue está pingando de sua boca para o chão e - *oh meu Deus, isso é um dente?*

— Quem é você? — A voz profunda ressoa em um canto sombreado da sala. Com minha mente captando a cena diante de mim, eu não esperava a voz perigosa. Cada palavra é pronunciada, a voz de um homem que deve ser ouvido, respeitado. Sinto como se o próprio bicho-papão tivesse saído de suas sombras e falado comigo. O medo que tentei empurrar para baixo começa a girar, deixando minhas pernas tensas, prontas para correr enquanto oscilo entre lutar e fugir. Dou outra olhada em Jack e sei, como todas as outras vezes, que nunca poderia deixá-lo.

Eu levanto meu olhar para os três homens de pé acima dele, com os nós dos dedos vermelhos, os respingos de sangue de Jack cobrindo seus braços e rostos. Todos os três estão usando sorrisos sinistros iguais. Percebo então que não foi um deles quem falou comigo. O ar muda de repente conforme a temperatura cai, arrepios cobrindo minha pele enquanto um frio enche a sala. O frio inesperado faz com que pareça que estamos no meio do inverno, não o calor quente e úmido de agosto.



Um movimento no canto chama minha atenção. Uma figura solitária está escondida nas sombras. Tudo o que posso entender é seu contorno. A escuridão esconde seu rosto e é enervante. Apenas sua presença grita perigo e faz meu coração disparar. Eu quero gritar, mas está preso na minha garganta enquanto estou congelada no lugar. Minha imaginação corre desenfreada enquanto imagens dele saindo de seu véu de escuridão e nos matando passam pela minha mente. Tento descobrir uma maneira de sair dessa. Eu não sobrevivi a este lugar para morrer aqui.

Meu peito sobe e desce em rápida sucessão e tento me acalmar.

Os detalhes que consigo distinguir são limitados, mas deduzo que ele é alto; seus ombros largos e emoldurados por um terno, com uma camisa preta que se abre logo abaixo da gola, estendendo-se sobre o peito cinzelado. Abotoaduras de ouro brilham quando captam o menor sinal de luz, e um relógio Rolex fica confortável em seu pulso, enfatizando um antebraço grosso. Consigo distinguir uma cintura bem aparada com cinto e fivela de ouro, e calças elegantes que cobrem as coxas grossas. Para finalizar o look estão os sapatos de couro que são tão limpos que você poderia comer com eles. A forma como a luz atinge seu corpo, mas deixa seu rosto na sombra, me lembra de Belle vendo a Besta pela primeira vez. Há algo familiar sobre a maneira como ele está vestido, a maneira como se levanta, pernas fortes separadas, costas retas. Confiante, seguro de si.



Tudo nele é intenso. Dominante. Esmagador.

A aura que ele emite envolve-me como um manto, trazendo febre à minha pele e me tornando perfeitamente consciente de como me sinto pequena neste momento.

— Eu lhe fiz uma pergunta. — Sua voz está gélida, fazendo-me sair do transe em que estou. Tento organizar meus pensamentos. Oh, sim, meu nome.

— Lilliana, — eu respondo, orgulhosa de quão forte minha voz soa enquanto olho para seu corpo novamente, quebrando o olhar forte que ele parece ter sobre mim, mesmo sem eu ser capaz de ver seus olhos.

Sua cabeça sombreada acena com a minha resposta, mas ainda assim seu rosto permanece escondido. Meu estômago se revira, o coração bate forte e todas as terminações nervosas que tenho estão chamuscadas. Ele não questiona se estou dizendo a verdade. Não há hesitação. Significando uma coisa: ele sabe quem eu sou!

No entanto, não tenho ideia de quem ele é. Isso imediatamente nos torna desiguais e nos coloca firmemente em seu campo de jogo.

— Seu pai nos deve muito dinheiro... Lilliana. — Sua voz, embora ameaçadora, é suave, sensual.



Ele diz meu nome como se tivesse enrolado cada letra em sua boca, provando antes de deixá-la cair de seus lábios, fazendo minha respiração parar.

A respiração ofegante de Jack recupera minha atenção. Eu vejo que ele está segurando sua costela e tentando se levantar. — Jack?

Ele sempre se recusou a permitir que eu o chamasse de pai. Desde que eu era pequena, ele permitia apenas o seu nome. Talvez fosse sua maneira de escapar da verdade, de se esconder do fato de que tinha uma responsabilidade. Ser Jack significava que ele era capaz de me manter à distância. Então, não importava se ele me deixasse parada no portão da escola, esquecida de novo, se ele nunca compareceu a uma função escolar ou à noite dos pais, nem me incentivou no dia dos esportes. Não importava se ele não checava meus relatórios escolares ou mesmo percebia se eu ia para a escola.

Quando eu estava doente, ele nunca me levou ao médico, esfregou minhas costas ou leu uma história para dormir. Ele não consertou meus joelhos arranhados ou enxugou quaisquer lágrimas que escorreram do meu rosto. Porque isso é o que os pais faziam, e ele era - bem, ele era apenas Jack. Não tenho certeza se posso chamá-lo de pai agora. Uma parte bagunçada de mim costumava pensar que ele estava me protegendo para que seus cobradores de dívidas não pudessem me usar contra ele, mas Jack



não é tão atencioso ou altruísta. Em vez disso, ele deixou essa responsabilidade para meu irmão, Hayden, que tinha feito todas essas coisas e muito mais. Sempre fomos nós contra o mundo.

Jack olha para mim antes de virar a cabeça e manter o olhar no chão, para ter certeza de evitar o contato visual enquanto continua tentando se levantar.

Seu corpo espancado e quebrado cai, e eu corro para pegá-lo antes que ele caia no chão. Envolvo meu braço em volta de sua cintura e o ajudo a se mover para uma cadeira encostada na parede, segurando nele quando ele se abaixa nela. Coloco meus dedos em seu pulso e, por impulso, tomo seu pulso, que está um pouco alto. Mas, considerando as circunstâncias, isso é bom.

Todos os seus ferimentos parecem superficiais, talvez precisando de alguns pontos. Além do braço, que está quebrado. Pegando a caixa de primeiros socorros do armário ao nosso lado, começo a limpar seus cortes, enxugando o sangue. Eu o deixei aqui depois de todas as vezes que ele *caiu*. A maioria das filhas estaria se encolhendo, soluçando ao ver o sangue gotejar das feridas abertas de seu pai, mas eu já vi isso centenas, milhares de vezes. Jack tem o hábito de pegar emprestado mais do que pode pagar e explodir tudo nas cartas, pensando que cada mão vai lhe dar a melhor. Perseguindo aquele sonho de que algum dia ele vai vencer. Mas essas mãos



nunca vêm e ele sempre tem que pagar. Na maioria das vezes, ele acaba pagando com ossos quebrados e hematomas. Às vezes eu pago.

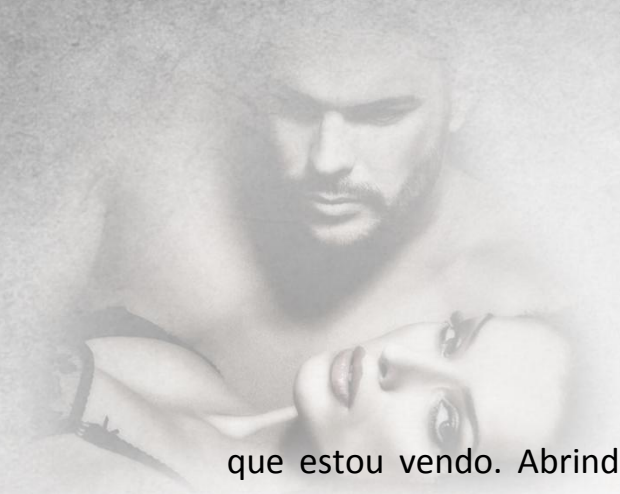
Coloco delicadamente seu braço em uma tipoia para não machucá-lo. Percebi que ele não olhou na minha direção nenhuma vez enquanto eu estava cuidando de seus ferimentos, e gostaria que não doesse, que eu pudesse bloqueá-lo com a mesma facilidade.

Em vez disso, seu olhar corre ao redor da sala, pousando em qualquer coisa, menos em mim.

— Desculpe, — Jack diz baixinho, tão abafado que eu mal consigo entender.

Há um movimento atrás de mim e me viro a tempo de ver o homem escondido nas sombras emergir da escuridão. Eu mergulho em cada uma de suas feições, desde seu cabelo preto estilizado sem esforço até os olhos amendoados que são tão escuros que combinam com seus cílios negros como a meia-noite. A pele beijada pelo sol o faz parecer exótico, e suas bochechas esculpidas são definidas, levando a uma mandíbula forte e bem barbeada que parece ter sido esculpida pelos deuses. Seus lábios sensuais estão puxados em um sorriso de escárnio.

O reconhecimento pulsa através de mim e eu fico mais reta, puxando uma respiração apressada. Fecho meus olhos, não querendo acreditar no



que estou vendo. Abrindo-os, pisco duramente, mas ele ainda está lá. Eu tropeço para trás. *Oh Deus, não... Por favor, não*.

Já se passaram sete anos desde que o vi, o próprio Hades de Londres, governante do submundo, portador da chave e herdeiro do reino de seu pai, que é cheio de violência e crime organizado.

Malachi Kingston - O Príncipe Negro.

Tento esconder meu suspiro, ainda não acreditando que ele está parado na minha frente depois de todo esse tempo. *Malachi.*

Respiro fundo enquanto meu coração bate forte e tento em vão bloquear minhas reações. Enquanto meus olhos o percorrem, metade de mim quer agarrá-lo e perguntar: — Por quê? — O outro quer ver seu corpo no chão, sangrando e machucado.

Quanto mais eu o encaro, mais encontro velhos sentimentos voltando. Um flashback da última vez que o vi me bateu, e gelo enche minhas veias, fazendo meus próprios lábios se curvarem.

— Você disse que ele deve dinheiro a você? Quanto? Podemos configurar um plano de pagamento? — Quem estou enganando? Já estamos com pouco dinheiro, nada sobrando. Vendi meu carro depois da última confusão em que Jack se meteu, dei a ele cada centavo que sobrou. Mas eu precisava tentar.



O grandalhão se vira e é quando vejo a tatuagem de asas de anjo em seu pescoço. Ele bufa ao meu pedido, balançando a cabeça enquanto estreito meus olhos para ele, observando o queixo forte, os ângulos de seu rosto e os olhos cobre.

Declan. Primo de Malachi.

Eu deveria saber que ele estaria aqui. Ele, Malachi e Hayden eram inseparáveis quando eram mais jovens. Parece que ele ganhou suas asas como o executor do complexo, como o líder dos *Angels of Death*[1], que fazem todo o trabalho sujo de Gage, cobrando as dívidas, usando seus punhos e quebrando ossos, fazendo com que sangue derramasse. Eles não estão acima de torturar ou mesmo assassinar. Daí o nome Angels of Death; ninguém quer que eles batam em sua porta. Os Anjos também são a proteção do composto.

O complexo onde Gage governa Londres, seu império.

Londres não tem máfia. Em vez disso, tem algo muito pior: *os Kingstons*.

Os lábios de Declan se contraem, crescendo em um sorriso que mostra seus dentes, quando ele vê a lembrança em meus olhos. Como se o resto do mundo contasse uma piada que eu não conheço.

[1] Anjos da morte.



— Jack já usou todas as suas cordas vitais, — Malachi diz, dando um passo mais perto, para que eu possa vê-lo mais claramente. Para todos os outros na sala, ele está parecendo frio, calmo e controlado. Mas ainda posso lê-lo, ver a tensão em torno de seus olhos, os músculos de sua mandíbula estalando sob a pele. A raiva vibra dele, ricocheteando nas paredes. Dou um passo para trás para instintivamente proteger Jack, o que parece irritá-lo ainda mais, aqueles olhos negros seguindo cada movimento meu. Reprovando. Bravo.

— Ele está chateado com muitas pessoas, — Malachi continua enquanto ajusta uma abotoadura em seu pulso.

Eu balanço minha cabeça, virando-me para Jack, xingando. Ele pode ser um pai péssimo, mas é o único que tenho. Mamãe me abandonou antes que eu pudesse andar. Jack não tinha ideia de como criar uma filha. Passei a maior parte da minha vida em bares decadentes, comendo amendoim no jantar enquanto o via jogar nosso aluguel e dinheiro em uma aposta que tinha tanta certeza de ganhar, apenas para sair de mãos vazias.

— Jack! — Eu sussurro, rangendo os dentes e fechando os olhos para tentar recuperar o meu autocontrole. Esfrego minhas têmporas, esperando que isso seja algum pesadelo do qual eu vou acordar a qualquer momento. Quando abro os olhos, tudo continua igual.



Eu odeio que Jack nos trouxe aqui. Lágrimas ardem em meus olhos. Deus, estou tão cansada de tentar manter tudo junto, de ser a adulta e salvá-lo cada vez que ele cai, fazendo malabarismos com tudo que ele joga no meu caminho. Mas não posso perdê-lo.

— Por favor. — Uma única lágrima escapa, queimando minha bochecha. Eu me odeio por mostrar qualquer tipo de fraqueza, especialmente na frente de Malachi e seus capangas. Ele não é o tipo de homem que junta minhas lágrimas e me livra de minha tristeza. Ele colocaria a lágrima nos lábios e provaria seu sabor salgado, saborearia o gosto da minha dor como se fosse o melhor vinho.

— O que está feito está feito. Seu pai sabe que o único pagamento que resta é vermelho, — Malachi diz com finalidade, sua voz pedregosa, sem qualquer emoção, enquanto inclina a cabeça como se estivesse entediado com a situação.

O sangue drena do meu rosto e eu respiro profundamente, minha mão se estende, agarrando as costas da cadeira de Jack para impedir que meus joelhos dobrem enquanto meu corpo balança. A dor da realidade me atingiu, a verdade em suas palavras batendo no meu peito, tornando cada respiração crua, insuportável. O pagamento em vermelho significa seu sangue. É isso. Vou perder a única família que me resta.

Eles vão matá-lo. Levá-lo embora para que eu nunca o veja novamente.



A polícia ligará em alguns dias, dizendo que encontrou um corpo. O corpo dele. Eu terei que ir e identificá-lo, enterrá-lo sozinha. Isso se Malachi decidir não enterrar meu pai em algum túmulo não marcado que eu nunca vou encontrar. Ou eles vão fazer isso aqui, na minha frente, me fazer assistir enquanto eles roubam o último suspiro de Jack?

Levo minha mão ao peito para tentar esfregar a dor, piscando para conter as lágrimas que caem em meus cílios, desesperada para cair. — Não. — Eu balanço minha cabeça, estendendo minha mão em direção a Malachi, antes de puxá-la de volta. — Por favor.

Odeio minha voz tremer, mas não me importo se estou implorando. Vou cair de joelhos se isso os impedir de machucar Jack. Meus olhos imploram a Malachi.

Qualquer coisa menos isso, por favor. Não o tire de mim. Não me deixe sozinha. Eu procuro seus olhos, mas não há misericórdia em tudo.

Com uma leve elevação de seu queixo, uma grande mão calosa agarra meu braço com força, as unhas cravando-se em minha pele.

— Me solta! — Eu rosno, puxando com força para tentar fugir. Conforme nos aproximamos da porta, eu cavo meus dedos em seu braço, chutando minhas pernas, usando minhas unhas, dentes, qualquer coisa que eu puder, fazendo-o sibilar. Tudo o que me faz é ele apertar seu aperto, apesar de eu ainda o estar arranhando como uma gata selvagem



encurralada. Não posso deixá-los matar Jack. Estou em menor número, mas ainda vou lutar contra eles. Eu não vou ficar em silêncio noite adentro. Vou gritar até que até os pássaros caiam do céu.

Pego o batente de madeira da porta, minhas unhas sangrando com a força.

— Não lute contra eles, Lilliana. — Eu me viro para o apelo de Jack. Há algo estranho escondido em seu tom; dor, arrependimento, derrota, talvez até os três, mas também há outra coisa. Algo mais forte que o resto. Esperança?

— Eu não entendo. — Eles o estão deixando ir? Minha raiva se esvai como a água suja da louça. Meu coração bate forte, meu peito arfando com a luta enquanto minha mente se enche de confusão. Muitos pensamentos giram ao redor para ser capaz de pensar direito enquanto meus olhos olham para cada um de seus rostos frios como pedra. *O que está acontecendo?*

Malachi fecha a distância entre nós até que ele esteja tão perto que posso sentir sua respiração sussurrando em minha pele. — Você é uma garota inteligente - solucione isso! — Suas palavras flutuam sobre mim, envolvendo-me como uma corda.

Eles querem o sangue de Jack, seu pagamento em vermelho, mas estão deixando-o ir embora. Então, todas as peças do quebra-cabeça se conectam e isso me atinge como um soco no estômago.



Eu me curvo, arfando enquanto a verdade me atinge, como as ondas de um mar tempestuoso.

Meus olhos olham para aqueles negros, revelando a verdade.

Eu sou o sangue dele.

Eu sou o pagamento.

Balanço minha cabeça, puxando com todas as minhas forças para sair das garras do homem. — Não. Não. Não. — Os lábios de Malachi se erguem e é como se eu estivesse enfrentando o próprio diabo. E de muitas maneiras, estou.

Ele não me responde, aqueles olhos negros se arrastando sobre mim, do jeito que costumavam fazer. Isso me assustou naquela época. Como ele tinha o poder de fazer todo o resto desaparecer, a forma como meu corpo reagiria de uma forma que eu nunca entendi... Agora, esse poder se intensificou.

Não estou com medo neste momento. Não é o medo me rasgando como uma faca quente na manteiga, enchendo minhas veias como heroína. Não, é raiva. A raiva pura está me consumindo, tanto que sinto que pode me separar. Como meu pai ousa pensar que poderia me vender. Como se atrevem a pensar que sou um peão no tabuleiro de xadrez da vida com o



qual podem jogar à vontade. Não sou algo que pode ser comprado e vendido à vontade deles.

Levanto minha mão, dando um tapa no rosto de Malachi, o som ecoando pelas paredes. Lanço uma carranca por cima do ombro quando o homem me libera.

Voltando-me para Malachi, dou um passo à frente. — Te odeio! — Eu cuspo nele, sem saber mais a quem minha raiva é dirigida.

Sua respiração se torna mais profunda, seus dedos se contraem e suas narinas se dilatam enquanto ele me observa encolher sob seu olhar. Ele esfrega a marca vermelha em sua bochecha, antes de um meio sorriso aparecer em seus lábios e ele estourar, os olhos nunca deixando os meus. Antes que eu possa piscar, ele me dá um soco, me mandando para o chão. Eu mordo meu lábio, parando as lágrimas, observando através do meu cabelo enquanto ele se agacha na minha frente. Ele esfrega os nós dos dedos na minha bochecha, o mesmo lugar que ele acabou de bater. Levantando a mão no meu cabelo, ele agarra um pedaço dele com força, fazendo-me gemer e seu sorriso cresce enquanto ele me mostra quem está no comando, enquanto ele me domina.

— Está feito? — Jack pergunta, olhando ao redor da sala com os olhos inchados e vermelhos. Não sinto falta da esperança neles. Suas palavras



fazem meu coração se despedaçar. Ele está realmente passando por isso. Me vendendo. Sua própria filha.

— Não estou à venda. — Falo em um tom baixo e controlado, olhando para eles, meus lábios torcendo em um sorriso falso enquanto fico de pé, levantando meu queixo e mostrando a Malachi cada fragmento de raiva que está queimando por mim. Continuamos nos encarando.

— Não estou à venda, — tento mais uma vez, odiando como minha voz agora está insegura, que a raiva está se dissolvendo como sal na água. E isso me atinge como uma marreta. Malachi não faz ameaças vazias e sempre consegue o que quer.

Quando eu era mais jovem, admirava isso nele. Ele não deixava que as pessoas o impedissem de ir atrás do que ele queria. Agora, sou eu.

Não! Isto é errado. Ele não me quer. Tenho certeza que ele me odeia. Ele quer me possuir. Fazer de mim apenas mais um de seus bens.

Nós dois olhamos um para o outro. O brilho em seus olhos e a torção cruel de seus lábios me diz que ele pode ler todos os meus pensamentos. Ele anda - não, ele ronda em minha direção e agarra meu queixo, seus dedos apertando dolorosamente. Eu mordo minha língua para impedir o gemido de escapar até que sinto um gosto metálico revestir minha boca. Ele esfrega o polegar sobre meu lábio inferior rudemente enquanto um sorriso perverso desliza em seu rosto. Olho para baixo para ver uma gota de sangue no



polegar. Meu sangue. Sua língua aparece, limpando-a. Ele sorri enquanto meus olhos se arregalam com o gesto.

— Isso mesmo, Bela, eu sou seu dono. Cada respiração é minha, cada batida do seu coração pertence a mim, incluindo os rios de rubi correndo em suas veias. Eu vou consumir cada centímetro de você.

O apelido que ele uma vez usou para mim revira meu estômago e meus lábios se curvam em um sorriso de escárnio enquanto o observo, sem piscar.

Eu adorava esse nome - Bela - pensando que significava que eu era especial. Até que o vi tendo seu pau chupado por uma das garotas do complexo. Eu estava lá para pegar Jack depois que ele bebeu até ficar inconsciente, e ouvi vozes. Foi quando eu os vi. Era errado ficar parada olhando, proibido, mas eu não conseguia fazer meus pés se moverem, então fiquei, escondida nas sombras. Observei enquanto ela caía de joelhos como se servisse a um rei, mexeu com seu zíper, antes de se inclinar para a frente. Os sons de seu rosnado e seus gemidos ecoaram pelos corredores ao meu redor, e ele jogou a cabeça para trás, o prazer cobrindo suas feições. A visão fez meu estômago apertar; minha respiração entrecortada. Então eu o ouvi gritar um nome que me congelou no lugar - meu apelido. Prendi a respiração, pensando que ele me viu. Ele não tinha. Ele a chamou do nome que eu inocentemente pensei que significava que ele se importava comigo, que eu era especial.



Arranco meu queixo de seu alcance, mostrando meus dentes. — Hayden teria estripado você por isso! — Eu cerro meu punho, unhas cravadas na palma da minha mão até que sinto gotas de sangue viajando pelos meus pulsos. Uma frieza aparece sobre ele com a menção de meu irmão mais velho, seu melhor amigo...

Hayden morreu há sete anos, no dia em que deixei o complexo e nunca mais voltei. Nem mesmo Jack poderia me colocar de volta naquele lugar. Eu nunca fiz parte daquele mundo, apenas uma estranha olhando para dentro, mas aquele lugar ainda aparece em todos os pesadelos. Foi o último lugar que vi Malachi. Ele entrou no complexo como um deles, com o sangue do meu irmão ainda molhado em suas mãos.

O dia em que ele se tornou o inimigo.

Naquele dia, perdi dois homens. Meu irmão para uma sepultura fria e Malachi para o reino de seu pai. Ele deixou que a escuridão que jurou que odiava assumisse o controle dele, tornando-se o Príncipe Negro.

Malachi me agarra pela garganta e me empurra contra a parede, fazendo com que a placa de gesso caia no chão. Esses olhos negros me penetram. Seus dedos tremem em volta do meu pescoço, e eu sei que é porque ele quer apertar com mais força. É a primeira vez que realmente o temo, vejo o homem que nasceu no mundo do crime e da violência. Eu sei que ele vê meu medo, o sente da mesma forma que um predador sente sua



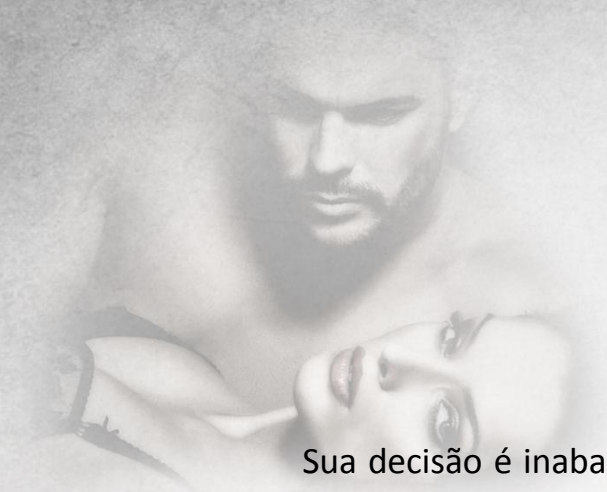
presa. Quando seus lábios se estendem em um sorriso de lobo, ele aperta meu pescoço com mais força, cortando minhas vias respiratórias, me mostrando que tem o poder de me acabar bem aqui nesta merda de um apartamento, o mesmo lugar em que ele se sentou e jogou videogame comigo. Ele está me dizendo que nada disso importa, que eu não sou nada para ele.

Malachi se vira tão rápido, liberando meu pescoço. Eu suspiro, tentando tanto puxar o oxigênio que meus pulmões queimam que não tenho tempo para processar o que está acontecendo. É quando vejo o metal liso da arma que ele escondeu empurrando com força contra a têmpora do meu pai. Tão forte que um fio de sangue cai como uma lágrima carmesim.

— O que você está fazendo? — Eu sussurro, apavorada demais para respirar ou fazer o movimento errado.

Meu coração dispara quando ele libera a trava de segurança, o dedo firme no gatilho.

— Seu pagamento será pago! — Com a arma apontada para a têmpora de meu pai, ele está me dizendo claramente que, se eu não concordar com suas exigências, ele está matando meu pai. Ele vai me fazer assistir enquanto ele explode seu cérebro em todo o minúsculo apartamento. Malachi sabe o que está fazendo. Ele está mexendo os pauzinhos e agora vai me ver dançar.



Sua decisão é inabalável. Não há remorso em seus olhos enquanto seu dedo recua, a mão completamente firme.

Ele é um monstro.

Fechando meus olhos contra a dor, uma lágrima escapa. Estou de luto pelo homem que conheci, por minha liberdade, e a garota que conheço mudará para sempre com a minha resposta.

— Leve-me.



Capítulo 2



Lilliana

Um dos homens me escolta para fora do prédio, seu aperto forte o suficiente para que eu saiba que terei hematomas, mas não faço nenhum som. Em algum lugar no fundo do cérebro, eu sei que deveria estar gritando, me coçando como um gato do inferno, tentando me livrar antes de correr e nunca olhar para trás. Em vez disso, noto o grafite nas paredes do bloco de apartamentos, assim como fiz na subida mais cedo, admirando as cores brilhantes que se destacam contra a pedra cinza. Percebo como o jardim está coberto de vegetação, como as flores silvestres parecem bonitas em meio a sua aspereza e um cachorro latindo ao longe. Todos os meus sentidos estão em alerta máximo, esperando a próxima coisa acontecer.

Assim que chegamos aos degraus inferiores, dois Rolls Royces pretos sobem. Os homens, ainda cobertos com o sangue de Jack, entram no mesmo

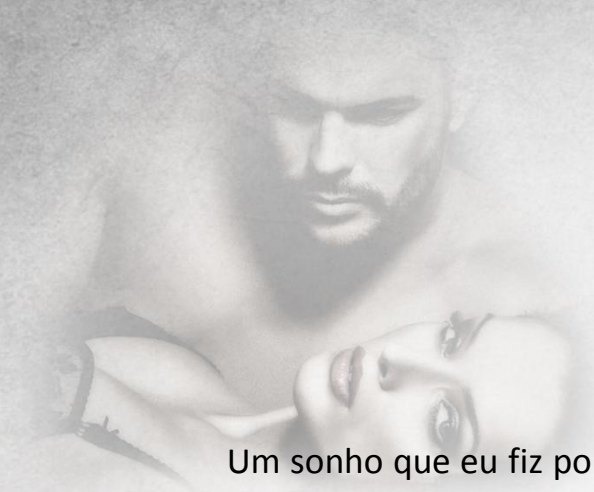


carro. *Corra, agora*, uma voz interior grita para mim; a parte racional de mim. Ele sabe que é o que eu deveria estar fazendo, mas meus pés estão enraizados no lugar, congelados no lugar.

— Lilliana. — Sua voz é como um golpe contra minha pele. Eu olho em volta mais uma vez antes de deslizar ao lado dele. O cheiro de couro me envolve, e o assento vibra quando o barulho do motor é ligado. Eu me viro, observando enquanto o lugar em que cresci desaparece atrás de mim, e o peso do que acabou de acontecer se instala em meu estômago. Meu pai me deu para pagar a dívida dele. Sua própria filha. Ele apenas me entregou aos homens que quase o mataram.

Tento equilibrar minha respiração irregular enquanto a preocupação irracional assume pensamentos claros, lembrando que não é uma série de TV, mas a realidade. Isto é minha vida. Eu me belisco apenas para ter certeza de que não adormeci depois do meu turno duplo e que isso não é apenas um pesadelo. As pessoas em Londres não vendiam suas filhas em troca de pagamentos, vendiam? No entanto, foi isso que aconteceu. Meu peito aperta e minhas mãos começam a tremer quando as coloco no colo, apertando-as para que ninguém mais possa testemunhar o colapso interno que estou tendo.

Minha respiração fica presa quando passamos pelo hospital, porque sei que nunca poderei voltar ao trabalho que trabalhei tão duro para conseguir.



Um sonho que eu fiz por conta própria, derramando sangue, suor e lágrimas para conseguir algo para mim, para que pessoas como Hayden e sua mãe não morressem. Foi tão facilmente arrancado de mim.

Eu sou uma enfermeira da agência, então quando eu não aparecer amanhã, eles não vão me procurar ou denunciar meu desaparecimento. Eles vão ligar para o consultório e pedir outra enfermeira para me substituir, sem olhar para trás ou pensar em algo. Sempre gostei da liberdade que a agência de enfermagem me dava, indo para diferentes departamentos. Eu nunca ficava no mesmo lugar por tempo suficiente para fazer amigos. Uma punhalada passa por mim quando percebo que não tenho nenhum amigo verdadeiro e nunca falei com meus vizinhos. Ninguém vai sentir minha falta.

Eu me certifico de manter a distância entre nós, me empurrando o mais perto possível da porta. Não quero tocar em nenhuma parte dele. Ainda assim, seu cheiro me invade; é inebriante, amadeirado, com um toque cítrico, mas também há algo escondido embaixo. Um cheiro que faz meu corpo querer se aproximar, embora eu recuse. É como memórias musculares; meu corpo ainda pensa nele como seguro, embora minha mente saiba a verdade.

Viajamos para o coração de Londres e meus sentidos se intensificam a cada movimento seu; o ritmo de sua respiração (lenta e constante), dedos pastando sobre o telefone. Sinto seu olhar no meu rosto, traçando cada uma



das minhas características. Ele costumava ser capaz de me ler, mas o tempo mudou nós dois.

Não sou mais aquela garotinha ingênua, aquela que acreditava que seria salva, que tinha fé em um feliz para sempre. Posso ter acabado de ver os limites do reino violento que ele governa com seu pai, mas não estou mais escondida sob o manto da ilusão. Isso foi roubado de mim no dia em que o sangue do meu irmão cobriu as ruas, quando ele morreu em uma poça de rubi.

Arrepios cobrem minha pele em todos os lugares em que seus olhos pousam. Viro minha cabeça para escapar da sensação. Sempre esteve entre nós, uma conexão. Nunca consegui explicar, mas sempre soube quando ele estava olhando para mim ou se estava na mesma sala; como uma tempestade elétrica, meu corpo zumbia, me enchia de vida.

Olhando pela janela, vejo como tudo se mistura como uma pintura borrada. Ficamos presos no trânsito e vejo pessoas correndo. Talvez eles estejam indo para o trabalho, uma reunião ou estejam animados para chegar em casa para o abraço de um amante. É uma sensação estranha ver o mundo continuar normal, quando o meu acaba em suas mãos, rasgado pelas costuras e destruído, tudo em um piscar de olhos.

Franzo a testa quando viramos para o lado oposto de onde me lembro do complexo estar. Não é onde alguém poderia imaginar que o covil do



maior senhor do crime em Londres comandaria seu império. O complexo era um hotel antigo, sua grandeza se destacando contra os prédios cinzentos de Londres. Seu exterior era lindo, mascarando o mal escondido em seu interior.

Vamos para o campo, percorremos estradas sinuosas que parecem durar para sempre. Então, um par de portões de metal preto aparece, abrindo-se de uma vez, como por mágica. Eu pulo com o barulho dos portões de metal se fechando atrás de nós, o mesmo som de um guarda fechando a porta de uma cela. Irônico, considerando que esta é a minha prisão, afinal.

A estrada é longa, com árvores nuas pontilhadas ao longo do caminho, seus galhos se estendendo como se estivessem tentando me avisar para não ir mais longe. Como se fossem as almas já perdidas para esta prisão, transformadas para sempre para avisar os outros do mesmo destino.

Minha prisão aparece, e é linda, a casa mais linda que eu já vi. Tem pelo menos trezentos anos, é ricamente ornamentada e é tipicamente Tudor[2], com grandes janelas de vidro e um telhado acastelado. As janelas superiores são lindamente esculpidas. É majestoso, se destaca nas colinas e na

[2] O ***estilo Tudor***, em arquitetura, é o último desenvolvimento da arquitetura medieval durante o período Tudor (1485–1603) e até mesmo posteriormente, por patronos conservadores. Ele seguiu o estilo perpendicular e, embora seja substituído pela arquitetura elisabetana na construção doméstica, o estilo Tudor ainda se manteve no gosto inglês, inclusive nas universidades, como as de Oxford e Cambridge, onde continuam a ser realizadas obras no estilo Tudor que remontam os primeiros tempos do neogótico.



paisagem. O carro para e Malachi pula como se não pudesse suportar compartilhar o mesmo ar que eu por mais um momento.

— Saia, Lilliana. — Sua voz exigente ecoa pelos limites do carro, e a ameaça subjacente em suas palavras me faz pegar a maçaneta. Saio para o cascalho, olhando para a casa. Parece esmagadora agora que estou tão perto. Deixo o vento soprar em meu cabelo enquanto o sol aquece meu rosto, e respiro profundamente o ar fresco, sem saber quando ou se vou sentir isso novamente.

Dois homens abrem a porta da frente, descendo as escadas para saudar Malachi.

Seus capangas.

Eles falam em sussurros abafados, alto o suficiente para ser levado pelo vento, mas não claro o suficiente para eu ser capaz de entender. A conversa deixa seu corpo tenso, como se ele estivesse se preparando para atacar, golpear. Malachi diz algo que faz os homens darem um passo para trás, os olhos arregalados de terror enquanto ambos engolem em seco, assentindo sem demora. Ele se vira, olhando por cima do ombro para mim. Sua expressão, a maneira como seus olhos negros me olham, penetram até os meus ossos, tão fria, sinistra e perigosa que me faz dar um passo para trás. Neste momento, ele se parece tanto com seu pai, Gage Kingston, o rei do



submundo, o homem que inspira medo até mesmo nas piores pessoas, o maior e mais cruel chefão do crime em Londres.

— Eu vou falar com ele, — ele disse entre os dentes. Os homens acenam com a cabeça antes de correr de volta para dentro, mostrando apenas a quantidade de medo que ele ganhou neste mundo.

Ele fica com a cabeça voltada para o lado oposto por alguns segundos, como se estivesse tentando se recompor, antes de virar aqueles olhos negros para mim, estendendo a mão. — Venha. — É um gesto que deve ser reconfortante, como um amante que busca seu amor em um ato de solidariedade. De segurança. Esta ação não é nenhuma delas. Ele não está me dando sua mão para me consolar ou por amor. Ele não se preocupa com meu bem-estar ou segurança. Não, este é um ato de propriedade, para mostrar aos seus homens que pertenço a ele. Eu sou um lembrete para todos eles do que acontecerá com suas filhas se eles o contrariarem ou ficarem devendo a ele o que não podem pagar. Ele quer mostrar sua propriedade sobre mim, torcer e curvar-me à sua vontade, fazer-me submeter-me a ele até ser seu fantoche; sob seu poder enquanto controla minhas cordas como um mestre de marionetes.

Ando com pés instáveis, mas mantenho minha cabeça erguida, não pegando sua mão, mas indo para o calcanhar ao seu lado. Mordo o interior da minha bochecha, impedindo que tudo o que quero dizer saia da minha



boca. Minhas unhas apertam a palma da minha mão, tirando sangue, para me impedir de arrancar seus olhos, agarrar sua arma e enterrar a bala bem em seu peito vazio enquanto vejo a escuridão escapar e se acumular ao redor de seu corpo. Não tenho dúvidas de que ele sangraria preto, não vermelho.

Ele levanta a sobrancelha. É como se ele pudesse ver o que está se passando em minha mente, quase me desafiando. Eu vejo seus olhos negros ficarem duros quando ele estende a mão, segurando minha mão até o ponto da dor, ignorando meu grito enquanto ele me leva através das portas duplas.

A estrutura externa da casa pode ter centenas de anos, mas o interior é moderno, todo recém-acabado. O corredor é definido por uma escada em espiral dupla, terminando com uma varanda de Julieta, metal preto se contorcendo em belas formas. O chão é em mármore, incluindo as escadas. Nenhuma despesa foi poupada, mesmo nas maçanetas de metal das portas.

— Esta é a sua casa agora.

Casa? Quero rir. Pode ser linda e sem grades nas janelas, mas não sou idiota com a realidade que me cerca; esta agora é minha prisão. Ele solta um suspiro de frustração quando eu não respondo, mas há confusão em seus olhos também. Ele espera que eu fique impressionada? Você pode vestir qualquer coisa para ficar bonito, mas no final do dia, ainda é uma gaiola para me segurar.



— Lembre-se, você fez essa escolha. — Sua voz áspera esfrega contra minha pele. Viro tão rápido que minha cabeça fica leve por alguns segundos e pontos aparecem na minha frente.

— Eu não tive escolha! — Eu quero gritar sem parar, gritar até que cada respiração deixe meu corpo. Então, ele pode entender.

Seus lábios se curvaram em um sorriso de escárnio cruel. — Todo mundo tem uma escolha. Você fez a sua! — Esses olhos escuros me puxam como um buraco negro. Eu sou incapaz de lutar contra a força que eles têm sobre mim. — A menos que você tenha mudado de ideia. — Um sorriso ameaçador toca seus lábios.

Te odeio! Eu te odeio pra caralho!

Minha mente grita, perguntando o que aconteceu com o garoto que era o melhor amigo do meu irmão, que era meu. Que falava comigo por horas e nunca me tratava como se eu fosse apenas uma criança chata, mesmo com a diferença de dez anos. Onde estava o menino que me olhou com tanta tristeza, com lágrimas nos olhos, quando me disse que meu irmão estava morto?

Ele se tornou um deles, uma pequena voz sussurra. Ele os deixou vencer, cedeu à luta. Ele não é o garoto para quem eu dei meu coração inocente. Ele é o Príncipe Negro, tudo o que uma vez afirmou odiar, desprezar; o monstro que ele se recusou a reconhecer como seu pai. Ele se



tornou todos eles. Enquanto estou aqui olhando para ele, acho que ele é mais monstro do que Gage jamais foi. Porque ele estava com uma adaga na mão, sangue cobrindo sua lâmina brilhante de sua traição a mim, a seu melhor amigo, Hayden. É isso o que mais dói. Meu irmão o amava como um irmão. Eles eram mais do que apenas melhores amigos. Me levar é como cuspir no túmulo de Hayden, mijar na lápide, em sua memória.

— Não, — eu digo, ficando mais ereta, levantando meu queixo, deixando-o ler a verdade em meus olhos. Minha decisão foi final, não importa o que ele tenha reservado para mim. Eu nunca deixaria meu pai morrer. Nunca o deixe vencer.

Aquele sorriso ameaçador se espalhou com a minha resposta, como se ele soubesse o tempo todo que eu não mudaria de ideia. Ele se inclina, seus lábios roçando minha orelha, causando um arrepio na minha espinha. — Tente escapar e eu matarei seu pai. — Ele faz uma pausa por uma fração de segundo, mas tem o efeito desejado enquanto ele lambe a minha orelha. — Depois você. — Cada palavra que sai de seus lábios é lenta e habilmente pronunciada, deixando um tom ameaçador em cada sílaba.

A verdade das palavras de Malachi paira como uma promessa no ar ao nosso redor.

Ele pressiona seus lábios contra minha bochecha como se quisesse selá-la.



Desgraçado!

Agarra meu cotovelo, puxando-me em direção a duas portas de madeira preta com entalhes intrincados e cabeças de gárgulas de metal como maçanetas. É uma visão perturbadora, como se as portas conduzissem ao próprio inferno, sua fornalha ardente escondida atrás do carvalho de ébano. Talvez seja isso; ele realmente é o diabo e está me levando para o interior do subsolo, para o próprio inferno, para queimar por toda a eternidade em suas chamas.

Respiro fundo enquanto ele empurra as portas, revelando uma sala de jantar tão luxuosa quanto o corredor; paredes douradas aconchegantes, mesa de jantar preta comprida com cadeiras de veludo de encosto alto combinando e piso de madeira escura com um tapete dourado luxuoso que ocupa a maior parte do espaço. Não o que eu esperava. Há uma grande lareira acesa na parede dos fundos. Ele se aproxima e pega um atiçador da prateleira ao lado, alimentando o fogo, antes de alcançar o líquido âmbar colocado em cima. Ele pega um copo e o enche.

A visão diante de mim é a do próprio diabo de pé com um fogo furioso dançando atrás dele, suas chamas laranja e vermelhas estendendo-se, como se tentando tocá-lo, para trazê-lo para casa. É quase um símbolo de quem ele é agora.

Um sorriso aparece em seus lábios enquanto ele me olha.



Capítulo 3



Prince

Agora que estamos sozinhos, deixo meus olhos observá-la. Nada da jovem de que me lembro permanece. Ela é toda mulher agora, maçãs do rosto definidas, lábios carnudos e cheios. Sua juba de cabelos negros está em um rabo de cavalo, alguns fios escapando, e isso faz meus dedos coçarem para envolvê-lo em meu pulso e liberar seu pescoço para mim. O resto de sua juventude se foi, deixando para trás uma figura de ampulheta, seios pesados, uma cintura justa e quadris que alargam.

A pequena Lilliana cresceu para ser uma beleza, como eu sempre soube que ela seria. Observo seus olhos enquanto eles me observam, tudo o que está ao meu redor, e eu sei que ela vê:

O monstro que me tornei.



Capítulo 4



Lilliana

Malachi puxa minha cadeira, como se ele fosse um cavalheiro e este seja nosso primeiro encontro, treinado em etiqueta e boas maneiras. *Mentiras.* Antes que eu possa comentar, uma garçonete aparece do nada, carregando duas bandejas com cúpulas prateadas no topo. Seus olhos se arregalam quando ela me vê, e para no meio do caminho. O que me choca é como ela parece normal; pequena, com cabelo loiro preso em um rabo de cavalo baixo, grandes olhos azuis e lábios em forma de coração. Eu diria que ela tem mais ou menos a minha idade. Pode ser alguém por quem você passa na rua e mantém a porta aberta, o que me deixa pensando como ela acabou aqui. Ela é uma prisioneira, assim como eu? Ou ela queria a escuridão, ansiava por ela?



— Clara. — Ele quebra seu estupor, e ela corre para a mesa, quase deixando cair a comida em sua pressa. — Lilliana vai ficar aqui de agora em diante. — Clara dá um sorriso tenso enquanto coloca as bandejas de prata em forma de cúpula na nossa frente. Não deixo de verificar o modo como ela constantemente observa Malachi, passando a língua nos lábios. Acho que obtive minha resposta. Não estou surpresa. Ele sempre teve esse efeito nas mulheres. Ele é bonito, mas era a atitude que as deixava loucas. Eu sei porque eu costumava ser uma delas.

Um garçom aparece ao meu lado, me fazendo pular enquanto ele derrama vinho tinto em nossos copos, deixando a garrafa na mesa antes de desaparecer novamente. Malachi remove as tampas, revelando um suculento bife, batatas fritas e ervilhas. O cheiro é maravilhoso, fazendo meu estômago roncar, me lembrando que não como há horas. Trabalhar em turnos duplos deixa pouco tempo para comer. Estou com tanta fome, mas pego a comida e pego a haste do copo, tomando um grande gole.

O gosto explode na minha língua; groselhas pretas, tabaco de charuto não fumado e algo floral, como flores. É rico e encorpado. É quando eu noto a garrafa. Mesmo tendo sido feito em 2000, custou mais de dez mil libras. Eu só sei porque o hospital teve uma arrecadação de fundos no ano passado e estava em leilão. *'Chateau Mouton Rothschild'* ficará para sempre gravado em meu cérebro. No entanto, aqui está Malachi, servindo-o com o jantar.



Termino meu copo em dois goles e o encho novamente. Sua sobrancelha arqueia enquanto seus olhos rastreiam o movimento do copo, o líquido roxo cobrindo meus lábios.

— Coma. — Não é uma pergunta, mas um comando.

— Não estou com fome, — rosno para ele, o álcool rodando em minhas veias me dando mais coragem.

Ele pousa os talheres, senta-se mais ereto na cadeira e o ar ao nosso redor muda. Sua mão bate na mesa, fazendo com que uma lasca atravesse a madeira. — Você vai comer! Marco, o chef, fez isso para você. Pare de ser ingrata.

Eu mantenho meus olhos em seu peito e longe daquelas orbes pretas. — Parece que perdi o apetite. Quem diria que ser vendida, feito prisioneira e ter uma arma apontada para a cabeça de meu pai faria isso? — Minha voz está cheia de sarcasmo enquanto eu cuspo cada palavra.

Ele solta um suspiro profundo, sua paciência se esgotando. É como cutucar o leão, mas não há muito o que cutucar antes que ele se lance e ataque. Eu deveria manter minha boca fechada, jogar seu jogo para sobreviver antes de bolar um plano, mas não posso evitar.

Eu continuo o provocando. — Quanto? Quanto vale a minha liberdade?



Ele está tomando um gole de seu próprio vinho, olhando para mim por cima da borda do copo, parecendo totalmente entediado comigo. — Cem mil libras.

Minha respiração fica presa com a quantidade. Isso é todo o custo da minha vida? Minha liberdade? É como esfregar sal em uma ferida aberta. Todos eles colocam um preço no que eu valho.

— Por que diabos você emprestaria a Jack essa quantia de dinheiro? Você sabe que ele nunca seria capaz de pagar de volta! É insano.

Seus dedos brincam com a haste do copo e ele estuda o líquido roxo enquanto o gira ao redor, antes de levantar os olhos para mim. — Negócios.

Besteira é o que é.

— Quanto tempo até que sua dívida seja paga? Um ano? Dois? Até você ficar entediado? — Malachi sorri, mostrando seus dentes brancos perfeitos, e de repente eu me sinto como a Chapeuzinho Vermelho sentada na frente do Lobo Mau. — Para sempre.

Levanto sem avisar, a cadeira caindo atrás de mim enquanto coloco minhas mãos na mesa. Eu vejo enquanto ele corta seu bife, levando-o aos lábios antes de removê-lo do garfo, mastigando vagarosamente antes de engolir. Todo o tempo em que o observo, estou fervendo de raiva, com tanta raiva que tenho dificuldade para respirar. Eu vejo como seu pescoço se move



com o movimento e isso me faz franzir a testa enquanto algo em meu estômago se torce. Uma punhalada de algo atira através de mim. É medo? Porque não tem como ser desejo!

— Olhe para mim! Isso é besteira!

Ele se levanta, a tensão crescendo no canto dos olhos, todos os músculos de seu corpo se juntando. Seu punho se fecha, amassando o tecido do guardanapo em uma bola. — O que é besteira é que Jack não pode pagar o dinheiro que deve. Você não precisava estar aqui. Essa foi sua escolha.

Balanço minha cabeça. Como ele não entende? Como ele não tem coração, consciência? — Se eu não concordasse, você teria matado Jack! — Respirando fundo, acrescento: — Depois de Hayden, você mataria meu pai e me deixaria sem ninguém?

Ele não hesita. — Sim.

Encurto a distância entre nós. — Você pode levar meu corpo, minha alma, e pode me manter aqui como uma prisioneira, mas eu nunca serei sua. — Cada palavra é lenta, cheia de raiva e ódio.

Ele se move tão rápido, envolvendo meu cabelo em torno de seu pulso, forçando minha cabeça para trás e expondo meu pescoço. Seus dedos acariciam minha garganta enquanto ele arrasta os dentes sobre o lábio inferior, observando a base do meu pescoço vibrar como uma borboleta



presa. Quando seus olhos voltam para os meus, é como se ele estivesse me puxando para um buraco negro do qual não consigo escapar. Não posso fazer nada além de olhar em seus olhos enquanto ele os deixa me consumir, me devorar.

— É aí que você está errada. — Ele beija o lado da minha boca, antes de morder meu lábio inferior e depois lambê-lo. — Você sempre foi minha, não foi... Lilliana?



Capítulo 5



Lilliana

8 anos de idade

Sentada no chão sujo, tudo que posso sentir é o fedor de cerveja e coisas desagradáveis, mas aprendi que se eu chegar mais perto do bar, lá é mais limpo e cheira menos nojento. Quebro a casca do amendoim antes de enfiar o grão na boca. Jack tinha esquecido o jantar de novo e meu estômago estava doendo e rosnando como um leão. Terry sempre deixa os amendoins no bar e me dá uma tigela, às vezes até me dá algumas batatas fritas.

Eu sei que não tenho permissão para perturbar os homens quando eles estão jogando com cartas e fichas coloridas. Fiz isso uma vez porque estava com o estômago machucado e me sentia mal. Jack gritou na minha cara e



me sacudiu como uma boneca. Sua saliva caiu em minhas bochechas e seu rosto ficou muito vermelho.

A sala dos fundos está sempre enfumaçada, como o bafo de um dragão. Os homens bebem cerveja e gritam uns com os outros. Eles batem as mãos na mesa com um grande estrondo, e isso sempre me faz pular. Eles têm mulheres bonitas trazendo bebidas para eles e que se sentam em seus colos. Não entendo por que Jack gosta de jogar com todos aqueles homens, mas não joga comigo. Ele nunca me deixa entrar.

— Princesa? — Minha cabeça se levanta com a voz profunda, um sorriso crescendo em meu rosto enquanto pulo, fazendo com que as cascas de amendoim caiam no chão.

— Hayden, — eu grito, correndo o mais rápido que minhas pernas podem me carregar. Assim que estou ao seu alcance, ele me pega, me girando antes de me abraçar para que meus braços possam envolver seu pescoço. Hayden é minha pessoa mais favorita em todo o mundo. Ele é meu irmão mais velho.

Hayden tem dezoito anos, então ele é muito maior do que eu e tem músculos.

Ele ficou triste quando veio morar comigo e com Jack. Sua mãe havia morrido e agora morava no céu, que fica muito longe.



Vou encontrá-lo quando for mais velha, para trazer sua mãe de volta, porque Hayden sente muita falta dela.

Eu o faço sorrir. Não o sorriso bobo que ele recebe quando fala com garotas, mas um grande sorriso que mostra seus dentes brancos. Esse é o meu sorriso favorito de todos. Está tudo quente, como o sol, e deixa minha barriga confusa.

Ele não gosta de Jack. Eles estão sempre gritando um com o outro, fazendo buracos nas paredes e fazendo as portas baterem. Hayden sempre garante que eu não esteja com medo, no entanto. Ele entra em meu quarto e lê uma história para mim. Qualquer uma que eu quiser. Às vezes ele as inventa, e essas são as melhores. Ele tem idade suficiente para se mudar e sempre diz a Jack que vai embora, mas ele fica por mim.

— O que você está fazendo acordada tão tarde, princesa?

Eu bocejo, apontando meus dedos gordinhos para trás.

— Jack está jogando de novo! Eles ainda não me deixam jogar. — Eu faço beicinho quando o ouço dizer uma palavra muito perversa baixinho, mas não vou contar a Jack.

Ele me coloca no chão com um beijo forte na minha bochecha. — Ecaaaa! — Eu esfrego a umidade na minha pele, fazendo-o rir. O som é bom e me faz sentir como se tivesse sido envolvida em um cobertor quente.



É quando vejo que ele não está sozinho. O menino ao lado dele é ainda mais alto. Preciso inclinar minha cabeça para trás para ver seu rosto. Ele não está sorrindo. Seus braços estão cruzados como se ele estivesse louco, e eles têm desenhos diferentes neles.

— Este é o Prince. Ele é meu amigo, — Hayden apresenta, mas o menino não parece gostar desse nome porque franze a testa para meu irmão.

Espera! Um príncipe? Minha boca se abre. Há um verdadeiro príncipe aqui! Seguro meu vestido sujo, cruzo as pernas e me inclino.

— Que diabos? Ela acabou de fazer uma reverência? — Sua voz é baixa e resmunga. Gosto do som.

Hayden sorri, esfregando meu cabelo. — A princesa aqui adora contos de fadas.

Eu gosto. Eu realmente adoro. Hayden lê para mim o tempo todo. Elas têm vestidos bonitos e cabelos compridos, exceto uma. Ela não tem cabelo comprido, mas assobia e faz os animais virem, e isso é tão legal. Os príncipes têm cavalos brancos e salvam as princesas, levam-nas para os seus castelos, seus reinos, para sempre.

— Você está aqui para me salvar? — Eu sussurro, em completo temor ao homem parado na minha frente. Ele é bonito, também como os príncipes



dos meus livros. Não posso acreditar que ele é um verdadeiro príncipe. Isso é o que os príncipes fazem; eles salvam as princesas.

Os dois riem, fazendo meu lábio tremer.

— Merda, — Hayden rosna enquanto se inclina e me pega em seus braços, usando seus polegares para enxugar minhas lágrimas. — Desculpe, princesa, — ele sussurra, colocando um beijo rápido na minha testa.

Olho para meu irmão. — O príncipe não gosta de mim?

Então eu sinto dois braços me agarrarem, olhos negros olhando para mim com cílios da mesma cor que se curvam no final. Ele tem olhos muito bonitos. Quero olhar para eles para sempre. — Claro, qualquer príncipe gostaria de você. Você é a princesa mais linda que eu já vi. Mas estou um pouco velho para você. Um dia seu príncipe virá.

Eu franzo a testa para ele, balançando minha cabeça. — Não! Você é meu príncipe. Você tem que vir me pegar e, quando eu crescer, vou me casar com você! — Ele faz uma careta, como se fosse merda. Seus olhos se arregalam e meu irmão começa a rir.

Naquela noite, sonho com meu príncipe salvando-me e Hayden em seu cavalo branco.



Não vejo meu príncipe por muitos dias. Jack está se escondendo novamente. É o único jogo que jogamos.

Quando há uma batida forte na porta, temos que nos esconder. Eu não quero mais jogar. Quero voltar ao bar e ver Hayden e o Prince. Cresci um centímetro inteiro, tenho certeza.

Devo estar pronta para meu príncipe agora.

São mais dias e mais jogos de esconde-esconde antes de eu estar andando nas ruas sombrias, o vento frio me cortando e fazendo meus dentes baterem juntos, meus olhos lacrimejarem. Estou cansada, mas assim que virarmos a esquina, sei para onde estamos indo.

Estou tão animada que minha barriga solta uma risadinha. Jack está de mau humor, mas eu não me importo. Esta noite, estou saindo com meu príncipe. Eu simplesmente sei disso.

Quando Jack abre a porta, meu nariz enruga com o cheiro. Meus olhos ardem quando olho em volta e os esfrego com força para me ajudar a ver. Juro que comi todas as minhas cenouras e ainda não estão funcionando.

Jack bate na minha cabeça antes de correr para a sala dos fundos, com o dinheiro esmagando sua mão. Ele havia descoberto o dinheiro secreto que Hayden mantinha em seus livros. Meu irmão vai ficar bravo, muito bravo, quando descobrir. Mas eu não vou dizer nada. Jack me disse que informantes



levam pontos e eu não os quero. Eles magoam; eles enfiam uma agulha afiada em seus lábios e os costuram para que você nunca mais possa falar.

Então eu o vejo. Meu príncipe.

Ele está sentado a uma mesa com Hayden. Corro pelo bar, mesmo passando pelo bar e pelos amendoins. Minha barriga de leão rosnando pode esperar.

— Princesa? — Eu corro passando por meu irmão e direto para Prince, tentando limpar a sujeira do meu vestido e esconder os buracos em meus sapatos.

— Oi Prince. — Eu sorrio, mostrando meu sorriso pasmo que Hayden jura que é fofo. Prince levanta os olhos e um sorriso surge em seus lábios. Ele é tão lindo, assim como os desenhos dos meus livros. Isso faz minha barriga se encher de borboletas.

— Venha, Malachi, vamos sair daqui. — Eu vejo uma garota loira sentada ao lado dele, e ela está agarrando a blusa de Prince com suas unhas pintadas de vermelho. Ela está tentando roubar meu príncipe, como uma bruxa malvada.

Uma lágrima rola pelo meu rosto e eu grito antes de chutá-la na perna, fazendo-a gritar.

— Merda! — Ela estremece e esfrega a perna.



Sua mão sai e eu sei que ela vai me bater. Fecho meus olhos ao sentir a picada na minha bochecha, fazendo minhas lágrimas correrem, mas não faço nenhum som.

— Ninguém toca em Lilliana. — A voz de Malachi é baixa, mas não é como normalmente é. É assustadora. Abro os olhos para ver meu irmão, com o rosto vermelho, observando a bruxa má. Seu peito está se movendo muito rápido. Malachi sussurra algo em seu ouvido. A garota engole em seco, pulando e correndo para fora da porta, me fazendo sorrir.

Meu príncipe me salvou.

— Princesa, não chute as pessoas! Porque você fez isso? — Hayden está confuso. A voz dele também é diferente e eu não gosto disso. Isso me faz sentir mal, muito mal. Sinto meu lábio tremer.

— Ela tentou roubar meu príncipe. — Eu soluço, observando os dois com olhos lacrimejantes. Hayden me traz em seu peito, me apertando, fazendo com que a sensação ruim na minha barriga desapareça quando ele dá um beijo na minha cabeça.

— Prince... ele é muito velho para você. Mas um dia, princesa, seu príncipe virá.

Ele me dá um daqueles sorrisos que mostram seus dentes, mas não me faz sorrir. Isso me deixa irritada.



Coloco minhas mãos em meus quadris. — Eu cresci um centímetro! Prince é meu. Vou me casar com ele e você, Hayden Parker, não vai me impedir! — Eu bato meu pé para ter certeza de que ele entendeu antes de sair para pegar alguns amendoins, porque meu estômago está roncando agora.





Capítulo 6



Prince

Observo seu rosto pálido enquanto as memórias a assaltam.

A compreensão preenche aqueles olhos cinza em forma de gato.

Isso mesmo, Lilliana, *você reivindicou seu príncipe*.

Agora vou possuir cada centímetro de você.



Capítulo 7



Lilliana

— Eu tinha oito anos! — Eu zombo dele enquanto todas as diferentes emoções assolam dentro de mim; raiva, medo, derrota, sobrevivência. Todas elas se chocam, lutando pelo domínio.

Seus olhos negros brilham enquanto ele me estuda, observando a gama de emoções tomando conta de minhas feições, desfrutando de minha angústia, deleitando-se com minha dor. Ele me empurra de volta para a mesa, e a dor irradia pela minha espinha enquanto o carvalho espesso morde minhas costas e coxas. Com a mão ainda em volta do meu pescoço, ele abaixa os olhos e observa a batida frenética do meu coração na base do meu pescoço. Está vibrando como asas de beija-flor sob minha pele.



Movendo minhas mãos ao redor da mesa ao mesmo tempo que ele se inclina, sacudindo sua língua sobre o meu pulso como se reclamasse seu latejar severo como o dele, meus dedos enrolam em torno da faca de carne.

Quando um sorriso sobe pelos meus lábios, seus olhos se arregalam, mas eles se estreitam quando ele entende meu plano. Odeio que ele pense que ainda me conhece, que me veja como a garota estúpida, tola e ingênua.

Antes que ele possa conectar totalmente os pontos, eu movo minha mão rapidamente, sentindo a resistência da faca quando o apunhalo com ela. Ele pragueja, cambaleando para trás, olhando para sua coxa, onde a lâmina de sete centímetros está espetada. O choque se registra em seu rosto.

Essa vadia morde de volta.

— Isso é por Hayden. — Eu cuspo, mirando ao lado de seu pé.

Antes que eu possa piscar, estou olhando para o cano de uma arma. O som da liberação ecoando por mim, vibrando em meus ossos. Eu o encaro, mantendo minha posição, desafiando-o a puxar o gatilho. — Faça!

Eu seguro seu brilho. Malachi ri, um estrondo profundo do qual me lembro, enquanto ele arrasta a ponta da arma pelas minhas bochechas, pelos meus lábios.



— Tente de novo, Bela, desafio você! — ele zomba. Seus olhos estão vivos de excitação, como se fossem preliminares doentias.

Nenhuma dor cobre suas feições enquanto ele puxa a faca com um gemido, a lâmina gotejando com seu sangue. Meus olhos vão para a ferida e vejo um fluxo constante de vermelho, deixando-me saber que não acertei em nada importante, mas que vai doer pra caralho andar por aí nos próximos dias. Eu odeio estar preocupada. Meu estômago se retorce quando o sangue penetra no tecido preto de suas calças. Assim como ele, quer se tornar parte das trevas.

Só de pensar nisso, meu lábio torce de nojo.

— Marcus. — Em seu tom exigente, um homem entra. Seu cabelo é curto e castanho escuro, combinando com seus olhos castanho chocolate, e ele está vestido com um uniforme de terno preto e camisa. Uma AK-47 está pendurada em seu ombro esquerdo, seu dedo pairando sobre o gatilho, pronto a qualquer momento. Não tenho dúvidas de que se Malachi lhe pedir para atirar em mim aqui e agora, ele o fará, sem piscar.

Marcus nem mesmo pula quando ele aponta a arma contra meus lábios, não levanta uma sobrancelha para seu chefe apontando sua arma para mim. É como se eu fosse invisível. Como um robô, ele fica parado, sem falar uma palavra, esperando seu próximo pedido.



— Leve-a para o quarto dela. — Sua voz está calma, calma demais. Sinto a mesma falsa sensação de segurança que o olho de uma tempestade dá a você. Ele abaixa a arma, empurrando-me para a frente com sua ponta. Marcus assume, levantando sua própria arma, usando sua ponta preta para me direcionar. Quando estamos prestes a sair, a voz de Malachi me lava como ácido. — Oh, e, Marcus, certifique-se de que ela está segura.

Não posso evitar o gemido que deixa meus lábios, minha armadura desaparecendo, odiando o jeito que ele disse segura. A forma como seus lábios se torcem em um sorriso me diz mais do que qualquer outra coisa. Ele lembra que meu maior medo é ser amarrada, ficar vulnerável e ser deixada à mercê de outra pessoa. Eu nunca disse a Malachi ou Hayden por quê. Três homens invadiram o apartamento, procurando por Jack, e me amarraram à cama enquanto descreviam o que iam fazer comigo. Eu tinha quatorze anos na época, mas ainda sabia todas as coisas nojentas sobre as quais eles estavam falando. Foi a única vez que Jack me salvou.

Sentir a ponta da arma de Marcus na minha espinha me deixou complacente, a raiva se esvaindo. Ele me guia para fora da sala de jantar, pelo corredor e em direção à grande escadaria, sua respiração quente contra o meu pescoço quando eu bato o primeiro degrau. Um movimento errado e tudo estará acabado. Acho que é verdade: melhor o diabo que você conhece. Assim que alcançamos o topo, a ponta cava mais fundo, assim que



sua mão agarra meu braço, me arrastando para a esquerda. Passamos por porta após porta até chegarmos ao final do corredor. As mesmas portas pretas assustadoras do andar de baixo me cumprimentam, e ele libera meu braço para abri-las.

Ele nos leva em direção à cama king-size. É linda, metal antigo e lençóis de um branco puro com almofadas de exposição rosa suavizadas. É quando eu viro meu olhar ao redor do quarto. É decorado com lindos tons de rosa claro, móveis do quarto brancos, um tapete branco espesso no qual meus pés desaparecem e cortinas suaves penduradas sobre a cama e a janela - algo que eu teria sonhado em ter.

Nada como você esperaria na casa de um homem.

Com esse pensamento, meu estômago embrulha. — Malachi é casado? Ele tem filhos? Este é o quarto deles? — As perguntas saem rápido, mas sou recebida por completo silêncio. Enquanto ele empurra com mais força, me forçando na cama, minha frequência cardíaca aumenta quando o pânico toma conta. Ele me empurra para a cama, colocando o joelho nas minhas costas.

Por favor, não.

As palavras ficam presas na minha garganta quando ele agarra meu pulso. O metal morde minha pele enquanto ele usa as algemas que eu não tinha visto, prendendo-as ao redor do meu pulso a ponto de doer. Eu mordo



minha língua até sentir o gosto de sangue, me recusando a dar os sons que ele quer. Quando ele me puxa rudemente para a posição sentada, fico surpresa quando ele não algema a outra mão. Ele apenas sai pela porta, o som da chave clicando na fechadura ecoando pelas paredes.

Sozinha, com apenas os últimos poucos raios de sol visíveis enquanto eles lançam um brilho pela fresta nas cortinas, eu levanto minha mão, balançando meus dedos em seu calor. Meu coração está se despedaçando, mas nenhuma lágrima cai. A raiva me enche, mas nenhum grito escapa.

Tiro o grampo do meu cabelo e minhas mechas caem em cascata sobre meus ombros e minhas costas. Trazendo-o para o meu pulso, eu estalo o metal liso. Erro estúpido - Malachi sabe que posso me livrar de algemas e laços. Ele e Hayden foram os que me ensinaram. Eu esfrego meu pulso machucado, uma marca vermelha circulando minha pele pálida. Sua marca. Passo o polegar sobre ele, como se pudesse massagear, antes de começar a saborear a queimadura, do jeito que beija minha pele, como se a dor fosse minha corda, me prendendo à realidade.

Eu me levanto e afasto um pouco as cortinas. A vista é de tirar o fôlego. Acres de campos com uma paisagem ondulante de colinas, como se alguém as tivesse pintado. O sol está se pondo atrás delas, lançando laranjas e rosas quentes no céu. Como pode o mundo parecer tão bonito com tanto mal nele?



Como se convocado pela palavra, eu vejo quando Malachi sai mancando ligeiramente, curvando a cabeça, fazendo com que seu cabelo negro caia em seu rosto enquanto ele acende um charuto, soprando a fumaça. Ele fica lá, olhando para os campos, mas posso dizer que está preocupado, perdido em pensamentos. Posso ver no pequeno vinco entre suas sobrancelhas, seus lábios franzidos. Ele dá outra tragada antes de jogá-lo no chão, esmagando-o sob o sapato. Assim que ele se vira, nossos olhos se encontram. Nenhum de nós pisca. Mesmo daqui, sinto a força de seu olhar, aqueles olhos negros me puxando, sua gravidade me puxando para sua órbita.

Fecho as cortinas, quebrando o feitiço. Eu gostaria que fosse assim tão fácil esquecê-lo.



Capítulo 8



Lilliana

Acordo com o calor em meu rosto, piscando algumas vezes enquanto a névoa se levanta e eu me lembro onde estou. Meu pai me vendeu, e não para qualquer um, mas para Malachi Kingston, o Príncipe Negro de Londres. Nos sete anos que estive longe do complexo, ainda ouvi os rumores, a maneira como as pessoas falam em sussurros abafados, quase como se tivessem medo de falar seu nome, caso isso o convoque. Tenho ouvido falar das lutas ilegais que acontecem, lutas que são chamadas de lutas mortais. Depois, há o jogo ilegal. Sei que há mais coisas escondidas, como o contrabando de drogas, o tráfico de pessoas e o transporte de armas. Todos eles são rumores queimando nos becos de Londres, mas nunca há fumaça sem fogo.



Malachi tem tanto sangue em suas mãos que elas deveriam estar manchadas de vermelho.

Minha vida acabou naquele apartamento, e uma nova está começando com o nascer do sol sobre as colinas. Eu não posso me esconder da verdade.

Eu sou dele.

Ele é meu dono.

Houve um tempo em que sonhei com ele dizendo aquelas palavras para mim, um tempo em que eu ainda acreditava no bem que jurei que meu coração inocente e meus olhos viam nele. Você não pode amar o mal, e eu o amei muito.

Lembro-me de como meu coração saltava quando ele estava perto. Ele disparava em um galope selvagem sempre que ele apontava aquele meio sorriso na minha direção.

Arrepios cobriam minha pele com sua voz áspera, que vibrava através de mim. Um olhar dele e o mundo todo borrado em um, em tons suaves de cinzas, deixando-o parado na minha frente em cores. Eu não conseguia ver nada além dele.

Sonhei com ele me salvando, me levando para seu castelo e me fazendo sua princesa.

De estar em um quarto como este.



Assim como Oscar Wilde disse: *'Eles prometeram que os sonhos podem se tornar realidade - mas esqueceram de mencionar que pesadelos também são sonhos.'*

E eu estou presa no meu.

O complexo não tem muita utilidade para uma mulher, deixando meu destino com duas coisas: me tornar uma das mulheres que eles usam para se divertir, para compartilhar entre eles, usar à sua disposição, ou me tornar escrava de Malachi, submissa, reverenciar todos os seus desejos e comandos. Ambos têm um resultado sombrio. Eu não sei o que seria pior; deixar que os homens, aqueles que querem, usar e abusar de mim até que meus pedaços quebrados se quebrem como vidro no chão, ou me tornar uma escrava do homem que costumava segurar meu coração, entregar minha alma ao diabo, me tornar seu fantoche.

Não tenho certeza de qual é o menor de dois males: morrer nas mãos de estranhos ou pelo homem que um dia amei. Tudo se resume a uma palavra de sete letras: escolha.

Eu fiz a escolha de aceitar meu destino, fiz a escolha de salvar meu pai.

Agora é a escolha de Malachi sobre o que acontece comigo.

Levanto minha cabeça e avisto um vaso cheio de rosas que eu não tinha notado na noite anterior. Caminho até elas e corro meus dedos sobre suas



pétalas macias, o lindo perfume me envolvendo. Pego uma, levando-o ao nariz.

— Ai! — Eu franzo a testa para o meu dedo, vendo uma mancha vermelha aparecer na ponta do meu dedo do espinho que estava protegendo a beleza da rosa.

Eu vejo quando a rosa cai, as pétalas explodem no chão e uma memória cai em mim.



Capítulo 9



Lilliana

16 anos de idade

Estou correndo pelo apartamento. Jack tem me deixado sozinha há anos e Hayden se mudou, mesmo depois de todas as suas promessas de que ficaria. Eu não poderia culpá-lo, no entanto. Cada vez que ele economizava dinheiro e o escondia, Jack o encontrava. Ele queria me levar com ele - eu podia ver em seus olhos, a dor de me deixar - mas ele não poderia fazer melhor do que Jack. Ele tinha vinte e cinco anos. Ele não tinha ideia de como criar uma adolescente. Está fora tanto quanto Jack, e não posso pedir a ele para desistir de tudo por mim. Hayden merece estar livre de Jack. Ele nunca gostou dele. Comigo é diferente, meu coração ferrado ama Jack, não importa o quão desesperado ele esteja.



Hoje à noite, é o baile de São Valentim na escola, e eu estou com um vestido vermelho estilo anos cinquenta que comprei na loja de caridade. Passei mais tempo do que nunca enrolando meu cabelo e tentando colocar maquiagem. Enquanto me olho no espelho, acho que pareço uma princesa. Superei o estágio de conto de fadas em que estive há anos, mas aquela garotinha dentro de mim grita quando vê meu reflexo. Meu cabelo negro cai sobre meus ombros e nas minhas costas, e a gordura da juventude está começando a desaparecer, minhas bochechas se tornando mais definidas. Aquela estranheza esguia está desaparecendo e meu corpo formou curvas que fazem o vestido caber como um sonho. Os tons de cinza que coloquei em minhas pálpebras fazem meus olhos cinzas se destacarem, meus cílios pretos emoldurando-os fazendo-os estourar.

Ouço a porta se abrir e coloco minha cabeça na entrada. Jack nunca volta tão cedo, a menos que tenha perdido um grande momento. Com essa possibilidade, meu estômago embrulha. Mas a bagunça do cabelo loiro me faz sorrir.

— Hayden! — Mesmo aos dezesseis anos, corro em sua direção, como sempre corri. Ele ainda é minha pessoa favorita no mundo. Pegando-me em seus braços fortes, ele me gira, como se eu ainda fosse uma garotinha, antes de me puxar para um abraço, beijando meu cabelo. Não perco a respiração profunda dele.



Isso me faz recuar e estudá-lo. — Ei, está tudo bem?

Seu sorriso é instantâneo. — Sim, estou bem. — Ele passa as mãos pelos cabelos, antes que seus olhos me percebam. — O que você está vestindo? Você tem alguém vindo aqui? — Suas narinas dilatam, os olhos ficando duros, me fazendo rolar os meus.

— É o baile do Dia dos Namorados. Eu te disse. E sim, Callum está me pegando. — Sua sobrancelha sobe, um sorriso puxando os cantos de seus lábios, fazendo-me estreitar os olhos. — Pare com isso. Eu conheço essa cara. Deixe-o em paz. Ele é legal!

Hayden bufa, cruzando os braços sobre o peito. — Confie em mim, nenhuma merdinha de dezesseis anos é legal.

Pego minha bolsa, borrifando meu perfume. — Nem todo mundo é um vadio como você e Malachi! — Seus lábios se curvam em um sorriso malicioso, como se ele estivesse orgulhoso do fato. — Sabe, vai cair um dia desses! — Seu rosto imediatamente se transforma em uma carranca enquanto ele se cobre, me fazendo rir.

Quando a porta bate com três batidas fortes, eu corro para ela antes que Hayden possa se mover. Eu a abro e, em vez de Callum, é Malachi do outro lado. Seus olhos se arregalam com a visão de mim, sem piscar. Seu olhar se afasta do meu primeiro, mas permanece em mim, observando cada centímetro, lentamente, dos meus saltos prateados até os meus cabelos



negros. É diferente de qualquer olhar que ele já me deu antes. Parece que está me despindo, bem aqui na minha porta. Nunca me senti tão nua, vulnerável, crua, mas ao mesmo tempo viva.

Malachi ficou mais bonito com a idade. Aos vinte e seis anos, seu rosto está esculpido, seus olhos amendoados negros como carvão, cercados por cílios pretos fuliginosos. Seus lábios são sensuais, sempre inclinados para cima em um sorriso arrogante, e ele é musculoso, definido, magro, mostrando seu poder.

Tudo nele acende algo dentro de mim, chia nas minhas veias, se espalhando como fogo, com o mesmo calor. A maneira como seus olhos me olham faz com que algo pesado surja em meu estômago. Eu finjo que é o que vejo, isso está fazendo seus olhos escurecerem. Observo com fascinação enquanto sua língua sai, molhando seus lábios levemente, a minha imitando seus movimentos, e sonho que é porque ele está morrendo pelo meu gosto, por sentir meus lábios contra os dele, o mesmo que eu.

Seu cheiro me envolve como uma cobra enrolada. Tudo sobre ele grita uma noite selvagem e desgosto.

Eu fico lá, levada pela minha fantasia mais profunda e sombria - que ele poderia me querer tanto quanto eu desesperadamente o quero.

— Tudo bem, mano? — A voz profunda de Hayden me faz pular.



Malachi balança a cabeça, uma carranca profunda puxando entre suas sobrancelhas como se ele não gostasse dos pensamentos girando em sua cabeça. — Sim, o velho quer conversar. — Isso significa que ele está evitando o complexo.

Deixo-os assim, indo até o espelho quebrado e reaplicando meu batom, alisando meu cabelo para tentar disfarçar o rubor em minhas bochechas.

— Para onde está indo a pequena Lilliana? — Eu odeio que ele ainda me chame de pequena. Tenho dezesseis anos. Não é mais fofo. Haverá um dia em que ele me verá, a mulher que me tornei?

Eu me viro, olhando por cima do ombro para ver que a carranca está mais profunda, puxando suas sobrancelhas juntas.

— Eu tenho um encontro, Prince. — Ele odeia esse nome, o que significa. Seu pai, Gage, é o rei de Londres. Não no sentido real - embora ele seja tratado dessa forma. Ele dirige o submundo. Não tenho certeza do que acontece lá, o que ele faz, mas sei que seu nome é como o do bicho-papão: você não pode dizer isso três vezes ou vai para o inferno ou alguma merda assim. Malachi, seu herdeiro, é o próximo na fila para assumir. Malachi odeia tudo, incluindo seu pai. Ele foi preparado durante toda a sua vida para um lugar na família que se recusa a aceitar.

Os dois também odeiam que eu vá lá, para o complexo. Nunca tenho permissão para entrar na sala dos fundos, que costumava ser o grande salão

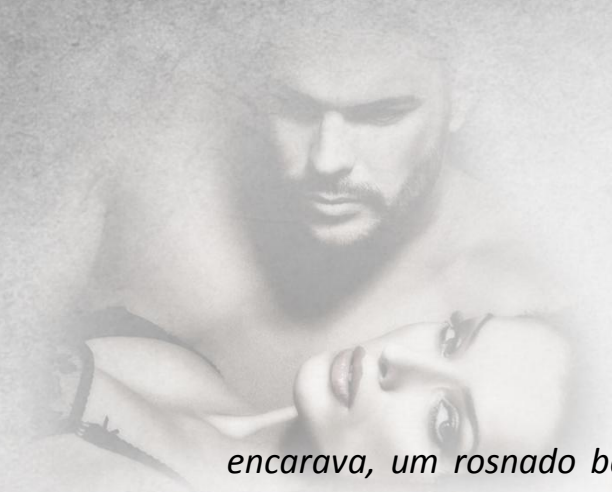


de baile do hotel, mas agora se transformou em um lugar secreto onde todos se reúnem. Eu só tenho permissão para entrar na área do bar e na sala de estar, que é onde eles geralmente deixam Jack para eu encontrar.

Malachi olha para Hayden, que está digitando em seu telefone, sem dúvida enviando uma mensagem para Saskia. Ela parece ser sua namorada de novo. Embora ele pareça mais sério sobre ela do que qualquer garota antes. Ele não consegue esconder o sorriso quando ela liga, ou a maneira suave como fala com ela. Ela também é prima de Malachi e irmã mais nova de Declan, e pelo que posso entender, Declan não sabe sobre meu irmão e sua irmã.

— Você está bem com o namoro dela? — Malachi bate no ombro de Hayden quando ele não escuta. Eu rolo meus olhos para o ato do irmão mais velho que esses dois vêm jogando há anos.

— O quê? Sim, é apenas um adolescente da classe dela, — diz Hayden, sem tirar os olhos do telefone enquanto digita uma resposta. Bem, isso foi uma reviravolta. As sobrancelhas de Malachi sobem em seu couro cabeludo. Hayden é protetor comigo, e essa simples declaração não foi sua reação normal. Para ser honesta, isso até me surpreendeu. Normalmente, ele gostaria de saber tudo. Ele me deixaria, me pegaria e deixaria qualquer um com quem eu estava sabendo que se eles me machucassem, eles se arrependeriam. Malachi era pior do que Hayden na maioria das vezes. Ele os



encarava, um rosnado baixo escapando, um rosnado puxando seus lábios. Ele se inclinava e sussurrava algo que faria seus olhos se arregalarem e a pele empalidecer.

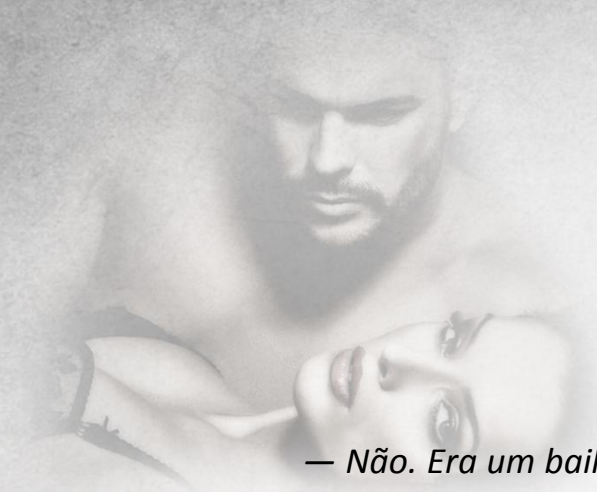
— Eu vou pegar um pouco de cerveja. Quer alguma coisa? — Hayden balança a cabeça, seus dedos digitando em seu telefone novamente, fazendo Malachi revirar os olhos e eu sorrir, o que ele pega, seus próprios lábios se contraindo.

Callum está atrasado. Não apenas atrasado, mas fora da ordem de atraso. O baile começou há mais de uma hora. Eu mexo com a barra do meu vestido vermelho enquanto os meninos assistem futebol, gritando para a TV como se os jogadores pudessem ouvi-los. Não é incomum para eles ficarem por aqui, sabendo que Jack estará jogando tudo o que ele conseguiu juntar. Acho que na maioria das vezes era para manter a culpa longe de Hayden por me deixar aqui sozinha com Jack.

Hayden dá um pulo, entrando na cozinha, falando em seu telefone em um tom suave.

É isso aí! Eu me levanto e caminho para o meu quarto, uma lágrima caindo enquanto puxo o vestido pela cabeça e o atiro no chão. — Bela?

Balanço minha cabeça, escondendo meu rosto atrás de um véu de meu cabelo.



— Não. Era um baile estúpido. Eu não queria ir de qualquer maneira! — Não posso evitar a forma como minha respiração engata no final, enquanto mais algumas lágrimas escapam. Eu não faço coisas com a escola. Chego um pouco antes do sinal e sou a primeira a sair. Não tenho tempo para me preocupar ou me importar com a política e o drama da escola. Tenho o suficiente disso com Jack e puxando sua bunda para fora do clube nas primeiras horas ou evitando os homens a quem ele deve dinheiro. Esconder-me quando a franja veio tinha um significado totalmente novo aos dezesseis anos. Eu não sou mais enganada por jogos de infância. Eu sei quem está por trás das batidas, quais os perigos que trazem.

Uma noite - apenas uma - eu queria escapar de tudo, queria apenas ser... uma garota normal fazendo o que todas as outras garotas de sua classe estavam fazendo.

Algumas horas de intervalo da vida.

Malachi me vira para encará-lo. Mantenho meu rosto inclinado para o chão, odiando que estou chorando. Eu não sou uma chorona. Houve muitas vezes ao longo dos anos em que as lágrimas seriam aceitáveis, quando pessoas normais teriam chorado um rio, mas eu não deixei nenhuma cair.

Mãos calejadas seguram meu queixo, me trazendo para encontrar seus olhos. Eu respiro fundo com a suavidade lá, enquanto a ponta áspera de seu polegar enxuga minhas lágrimas. Algo passa entre nós que faz meu



estômago tremer, minha respiração entrecortada e meu coração bater tão forte que juro que ele consegue ouvir. Fico na ponta dos pés, atraída por ele como se ele fosse minha gravidade. Está tudo errado, proibido. Ele é o melhor amigo do meu irmão, de vinte e seis anos, mas não consigo parar a maneira como meu corpo se inclina em direção a ele, como se puxado por magnetismo. A força é inegável.

O toque de nossos lábios, a sombra de um beijo, envia uma facada de algo através de mim. Não sei o que significa, mas sei que quero mais, já anseio. Um som que eu nem sabia que era possível sai dos meus lábios.

— Porra! — Ele recua como se eu o queimasse, seus olhos arregalados, como se ele não pudesse acreditar no que acabou de acontecer. Ele se vira, seu punho enrolado quando ele começa a socar a parede até que listras vermelhas apareçam.

— Pare! — Eu agarro seu braço, fazendo-o recuar. Seus olhos se arregalam quando ele vê que estou de calcinha, como se ele não tivesse notado antes. Ele agarra seu cabelo, puxando-o, parecendo doente.

— Eu sou como ele. — Pela primeira vez na minha vida, ouço uma pontada de medo em sua voz e sei que ele está falando sobre seu pai. O pensamento faz a bile subir com o que ele está se referindo.



— Não! — Agarro seu rosto entre minhas mãos, ignorando a forma como seus músculos se contraem enquanto ele recua ao meu toque. Eu o encaro nos olhos. — Não foi nada.

Suas sobrancelhas se contraem. — Nada? — Há uma mordida em suas palavras. Ele está com raiva? Claro, ele está. Eu tinha acabado de me jogar nele, roubado um beijo que nunca me pertenceu. Ainda posso sentir a sensação de formigamento.

Sinto minhas bochechas esquentarem. — Eu sinto muito. Eu estava chateada e você estava aqui. Por favor, não diga a Hayden. Isso foi um erro.

Ele ergue até sua altura máxima, cruzando os braços sobre o peito. — Um erro? — Ele repete. Eu aceno, prendendo a respiração, implorando com meus olhos para entender, para não contar a Hayden. Ele levanta o queixo em concordância, mas não perco o enrolar dos lábios em nojo. Para mim, ele mesmo, não tenho certeza. Ele se vira e sai, e a batida da porta da frente me faz pular. Ele saiu.

Pego meu pijama, colocando-o enquanto Hayden coloca a cabeça dentro.

— Tudo certo? Malachi estava indo embora? — Eu aceno, colocando o mais falso dos sorrisos. — Sim.



Ele franze a testa para a porta. — Ele estava bem? Ele não disse que estava indo embora.

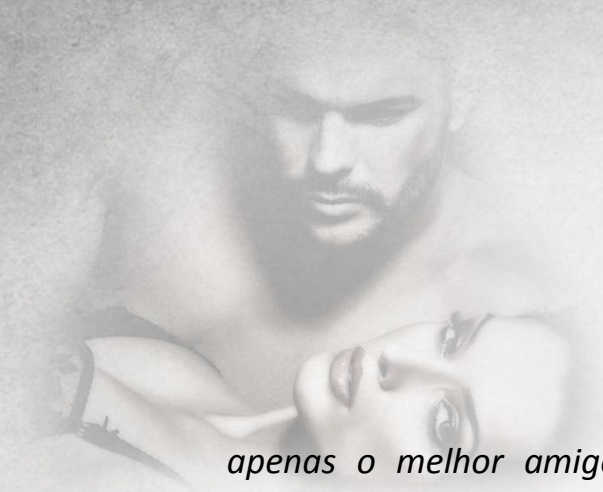
Aceno novamente. — Sim, coisas no complexo. — Eu odeio estar mentindo para meu irmão. Não escondemos nada um do outro, não com um pai como Jack que vive no mundo do engano como contador de Gage, o que significa que ele cozinha seus livros, lava seu dinheiro. Eles pagam bem a ele, mais do que vale este minúsculo apartamento com seus armários vazios.

Hayden caminha até à cama, sentando ao meu lado, assim como quando éramos crianças. — Desculpe, seu encontro não apareceu. Seu príncipe está a caminho, ele só não encontrou você ainda. — Ele sorri para mim. Eu juro que ele ainda me vê como aquela garotinha, se recusando a admitir que estou crescendo, assim como um pai faz, e eu acho que ele é de várias maneiras. Ele é melhor do que Jack jamais tinha sido. Ele garante que eu esteja alimentada, que esteja bem, que vá para a escola; cuida de mim quando estou doente. Ele é minha cola, minha segurança, meu lugar seguro.

Coloco meu braço em volta dele. — Obrigada... por tudo.

Ele me encara por um segundo antes de assentir, me segurando perto. Seu telefone vibra e ele se senta, olhando para o identificador de chamadas. — Tenho que ir.

Eu sorrio. — Seja cuidadoso. — Não tenho certeza de quais são os laços de Hayden com o complexo, se ele é mais profundo do que eu imagino ou é



apenas o melhor amigo de Malachi, seu salvador das trevas, sua boa consciência. Ele balança a cabeça, sorrindo, inclinando-se para dar um beijo na minha testa.

Quando ele chega à porta, ele se vira. — Eu falei sério, princesa. Ele está a caminho. — Eu sorrio, assentindo, porque embora eu não acredite mais no príncipe em um cavalo branco que cavalga para salvar o dia e leva a garota para seu castelo, não acredito em contos de fadas e magia, eu sei de uma coisa com certeza: o amor inocente que eu tinha por meu príncipe se transformou em algo mais. Assim como uma semente incrustada em meu coração, ela cresceu e se tornou algo menos inocente, apenas rompendo a superfície.

Esses livros nunca me falaram sobre a princesa que se apaixonou pelo príncipe que não a amava de volta.



Capítulo 10



Lilliana

Caminhando para casa depois da escola, com os dentes batendo de frio, enfio as mãos no casaco fino, assim que meu nome é chamado. Olho para cima para encontrar Callum correndo pela estrada. Eu não desacelero meu ritmo, passando direto por ele.

— Você está com os Kingstons? — Eu congelo com o nome, me virando para encará-lo, olhando para cima e para baixo da rua para ter certeza de que ninguém está ouvindo. Pego a manga de seu casaco, puxando-o para uma porta.

Callum é bonito nesse estilo de boyband, mas ainda é um menino. Eu o imagino e a Malachi juntos. Não há competição. Malachi é quente com uma vantagem que ele não coloca. Não pode ser replicado. É ele, um carisma, uma presença que o atrai, que o cega como um holofote.



— Eles são perigosos, Lilly! — Parece que ele quer me sacudir, mas seus olhos são suaves.

— Eles são uma família. — É uma pequena mentira, meu pai me faz ligar para Gage, tio. — Meu irmão é Hayden, o melhor amigo de Malachi, — eu cerro entre meus dentes batendo.

Seus olhos se arregalam. — Merda! — ele sussurra baixinho. — Isso explica o ato do irmão mais velho na noite passada.

Suas palavras me congelam, fazendo meus olhos se estreitarem. — Você viu Malachi ontem à noite? Foi por isso que você não apareceu?

A confusão enche seus olhos enquanto seus lábios se apertam, e ele me dá um aceno de cabeça. Como Malachi sabia sobre meu encontro com Callum, eu não sei, mas não me surpreende. Malachi detém tanto poder de seu nome sozinho, algo que provavelmente nunca saberei toda a extensão.

Balanço minha cabeça, passando por ele, mas ele agarra meu cotovelo.

— Ele é Malachi Kingston. — Ele diz isso como se explicasse tudo. Acho que, de certa forma, sim - para as pessoas de fora. Eles não sabem quem é Malachi. Ele pode ter o nome de Kingston, mas não é como o pai, como os homens do complexo. Ele é mais forte do que eles. Ele não vai deixar o nome definir quem ele é. Ele lutou contra a escuridão, nadou em seu oceano profundo, lutou contra suas ondas e sobreviveu.



Aceno para Callum antes de me afastar, ignorando-o quando ele chama meu nome, um apelo em sua voz.

Eu corro o resto do caminho para casa, cobrindo meu nariz contra o cheiro de urina enquanto subo os degraus de dois em dois até nosso apartamento. Jack não estará aqui. Ele está no complexo, trabalhando nos livros de Gage ou já apostando dinheiro que não temos.

Todos os pensamentos sobre Malachi me abandonam quando uma figura se empurra da parede quando eu alcanço o degrau mais alto.

— Onde está Jack?

Eu balanço minha cabeça, dando um passo para trás. — Não sei.

Olho por cima do ombro, para a escada, antes de meus olhos voltarem para o homem - então eu me viro e começo a descer as escadas, tudo em mim me dizendo para me mover mais rápido. Eu gritaria, mas sei que ninguém virá. Este é o tipo de lugar onde um grito é como o canto de um pássaro.

Minha cabeça é jogada para trás, meu couro cabeludo irradiando dor enquanto sua mão aperta o punhado de cabelo que ele conseguiu agarrar. De alguma forma, ele me gira, e a dor se espalha pela minha bochecha, fazendo com que as estrelas turvem minha visão.



— Cadela! — ele cospe, e é quando eu percebo que estou no chão. Como vim parar aqui? O cheiro me faz vomitar. Grito quando meu corpo se sacode com um chute para a minha costela, fazendo o ar desaparecer.

— Diga a Jack que estaremos de volta. — Ele puxa meu cabelo para ver meu rosto. — Você entende, vadia? — Eu aceno, ofegante, incapaz de falar, antes que ele solte meu cabelo com um empurrão, fazendo minha cabeça bater no concreto.

Choramingo quando sinto uma mão em meu cabelo. — Merda, Lil, você está bem?

Eu conheço aquela voz, embora soe como se ele estivesse debaixo d'água, ou talvez eu esteja? — Callum?

— Sim. Eu vi o que ele fez. Merda, você está bem? — Há tantas coisas confusas com o que ele disse. Ele viu e me deixou, mas eu também sei que eles o teriam matado. Eles fizeram antes, por menos.

Tenho certeza de que minha costela está machucada. Tento me levantar, mordendo meu lábio enquanto uma dor quente e branca irradia por minhas costelas. — Me ajude.

Parece que ele quer vomitar, mas ajuda, dando-me o suporte de seu peso até eu ficar de pé.



— Você mora aí? — Seu nariz enruga como se ele estivesse apenas vendo o lugar. Eu acho que está. Às vezes esqueço que nem todo mundo mora em um lugar como este.

— Sim. Eu tenho que encontrar Jack.

Seus olhos se arregalam. — Mas você está ferida!

Eu bufo, balançando minha cabeça. Ele não entende, e isso não é culpa dele. Em seu mundo, as pessoas não apanham por não pagarem suas dívidas, seus agiotas. Angels of Death não existem.

— Eu preciso encontrar Jack, Hayden ou Malachi. Antes que ele o faça.

Eu vejo como seus dentes rangem, a veia em sua testa saindo. — Eu não sou idiota. Ele tinha a tatuagem em seu pescoço. A tatuagem Kingston, aquela com asas.

Ele tem razão. Executores do complexo, Angels of Death. Não importa que Jack trabalhe para eles, que eu chame Gage de tio, que Hayden e Malachi sejam melhores amigos. Nada disso importa neste mundo. As únicas coisas que importam são dinheiro e poder. Os gêmeos do mal.

Respirando fundo novamente, começo a descer as escadas. Cada empurrão traz lágrimas aos meus olhos, mas me recuso a deixá-las cair.

— Vá para casa, Callum.



Há tanta coisa escondida em minhas palavras, e ele parece entender. Ele dá uma última olhada para mim antes de concordar. — Desculpe, Lil.

O que ele tem que se desculpar? Mas eu dou a ele um sorriso torto.

Assim que viro a esquina, começa a chover. Olho para o céu.

— Engraçado, muito engraçado, — grito para todos os deuses em que não acredito. Tento puxar meu casaco em volta de mim enquanto a chuva morde minha pele como formigas e faço meu caminho através do bairro. Eu vim para a Casa do Diabo e paro. Tenho chance de atravessar o parque sem luzes? O sol está sendo afugentado pelo céu noturno, e não sei quem pode estar escondido nas sombras. Uma garota foi estuprada lá há um ano. Eu poderia continuar pelo bairro, mas vou encontrar pelo menos uma gangue. A decisão diante de mim é por que é chamada de Volta do Diabo; não importa qual caminho você vá, qualquer um pode levá-lo direto para o inferno. O nome verdadeiro é Primrose Lane, mas ninguém o chama assim há anos.

Eu viro meu olhar para o parque mais uma vez antes de continuar. Mesmo que isso possa reduzir meu tempo pela metade, é muito arriscado. Viro a esquina, quase caindo em Barry, um dos alcoólatras do bairro. Ele cambaleia pelo lugar, para nunca ser visto sem uma lata na mão. Suas roupas estão fedendo e molhadas, amarelas onde ele urinou em si mesmo e não percebeu. Barry é inofensivo. Ele esbarra em mim, causando uma dor



aguda nas minhas costelas e eu me agarro na parede para me equilibrar. Ele pede desculpas ao ar antes de continuar cambaleando.

Envolvo meus braços ao redor do meu corpo e ganho velocidade. Meu olhar dispara para todos os lados e vejo Riley. Ele é o líder de uma gangue e começou a reivindicar partes do bairro como suas. Ele é a nova geração que está chegando, um aspirante a gangster. Ele já começou a fazer seu nome e é apenas alguns anos mais velho que eu.

Mantenho meus olhos no chão enquanto passo por ele, meu batimento cardíaco acelerado e minha respiração acelerada, embora a gangue não tenha o mesmo medo do nome Kingston. Eu sei que não quero lutar contra eles, e se Riley está aqui, o resto não está longe.

— Lilliana? — Eu paro, congelada, mas ao mesmo tempo me sentindo quente, úmida. Mordo meu lábio inferior para parar meu queixo de tremer enquanto ele se aproxima. Eu sei que preciso olhar para ele, mostrar respeito, então levanto meus olhos até que eles fiquem em seu rosto. Sua pele negra e olhos verdes são um contraste gritante. Ele tem boa aparência. Seu cabelo é longo, até os ombros, em pavor, e seus lábios se erguem em um sorriso tenso.

— Lilliana. — Sua voz é rica e suave. Eu pisco para ele rapidamente, olhando para qualquer coisa, exceto seus olhos, mordendo minha bochecha



até que um gosto metálico enche minha boca, tentando encontrar a resposta para uma pergunta que não entendo.

Ele agarra meus braços. — O que diabos você está fazendo andando por aqui? Achei que você fosse inteligente, garota. Uma garota tão bonita quanto você andando por este lugar... está pedindo encrenca, querida.

Sua mandíbula aperta e seus lábios se estreitam, me fazendo dar um passo para trás. Seus olhos se estreitam. — Não vou te machucar!

Meus olhos se voltam para os dele, depois voltam para suas mãos em meus braços. Ele me solta imediatamente e eu esfrego os pontos doloridos. O que há com todo mundo me maltratando hoje? O dia hoje é uma merda!

— Você não deveria estar aqui. — Há preocupação genuína em sua voz, e é quando percebo que ninguém mais da gangue se aproximou de nós.

Lágrimas brotam dos meus olhos. — Angels vieram atrás de Jack. Eu tenho que encontrá-lo! Estou indo para o complexo para pegar Hayden.

Seus olhos suavizam e algo que lembra um sorriso aparece em seus lábios.

— Como está o H?

Eu franzo a testa com a mudança de conversa. — Bem.

Ele olha em volta, esfregando o queixo enquanto me estuda. — Você não deveria estar protegendo Jack. Ele deveria estar cuidando de você.



Uma risada escapa, mas não há humor nela. Balanço minha cabeça. — Ele é meu pai. Ele poderia ter ido embora, assim como minha mãe, mas ficou. Eu devo a ele por isso. Nenhum de nós tem pais que ganhariam um prêmio, mas isso não significa que não vamos salvar sua bunda. — Porque talvez, apenas talvez, se eles virem o quanto os amamos, eles mudem a situação, se tornem os pais que deveriam ser. Talvez eles nos amem. Se não, que chance outra pessoa tem? Eu adiciono silenciosamente.

Ele levanta dois dedos e quatro de seus homens saem das sombras. Eu reconheço alguns, outros não. Engulo em seco, meu olhar passando rapidamente entre Riley e os quatro homens que se aproximam. Enfio as mãos nos bolsos para que não as vejam tremendo.

— Eles vão levá-la para Dead Man Mile. — Foi chamado assim depois que corpos começaram a aparecer no beco ao lado. Eu pisco para ele. Ele está me dando segurança para cruzar o bairro. Rapidamente olho para cada um deles. Eles parecem assustadores, mas um se destaca mais do que os outros. Ele tem cerca de um e oitenta, estando uma cabeça acima de todos os outros. Suas mãos estão nos quadris, uma carranca profunda cobrindo seu rosto, e então seus olhos se tornam letais. Ele vem em minha direção em alta velocidade, e eu grito, mas ele passa por cima, fazendo todos nós virarmos.



Uma garota está chegando. Ela tem longos cabelos loiros, maquiagem esfumada nos olhos e está usando roupas com as quais deve estar morrendo de frio.

— Emmie! — Sua voz ricocheteia em cada torre de apartamentos que nos rodeia. A garota para, cruzando os braços sobre o peito, cheia de atitude. Quem quer que seja este homem, ela não tem medo dele. É quando ela se vira, olhando para o nosso grupo.

— Essa é Emily Parker? — Eu pergunto antes que possa me impedir. Riley se vira, seus olhos indo em direção aos meus.

— Você a conhece? — Eu concordo. Ela está no meu ano na escola. Ela está sempre quieta, tímida até. Mas no ano passado mudou, usando cores escuras o tempo todo, que combinavam com a maquiagem esfumada dos olhos. Ela agora tem problemas na escola, tornou-se selvagem. — Ela é a melhor amiga dele. Um dia, ele vai perceber que ela não quer ser salva. — Ele olha para mim ao dizer isso, cheio de duplo sentido. Devo ter esperança em Jack, porque, se não tiver, o que mais haverá? O cara corre de volta, xingando todo o caminho, seu corpo preparado. Ele se alinha com o resto dos caras, como um soldado esperando o comando. Eles poderiam me dominar por conta própria. Juntos, eu nunca iria sobreviver. Sou como um cordeiro rodeado por lobos.



— Eles não vão te machucar! Você nem vai vê-los. Eu só não queria que você surtasse, — Riley tranquiliza, como se pudesse ouvir minha batalha interior. Ele poderia ter começado com isso.

Eu sorrio fracamente. — Obrigada!

O maior faz uma careta, seus olhos chocolate me encarando antes de levar o bando para as sombras.

Riley os observa sair antes de erguer o queixo e se esconder nas sombras. Eu continuo pelo bairro, ciente de que tenho quatro pares de olhos em mim. As pessoas ficam à distância, como se soubessem que estou sendo protegida. Quando algo correndo em minha direção chama minha atenção, um soluço fica preso em meu peito.

Dois grandes braços vêm ao meu redor. — Bela?

Eu não solto, me sentindo segura em seus braços enquanto eles me envolvem. Nada pode me tocar aqui, e todo o feio sangra como água suja escorrendo por um buraco de tampão.

Então eu me lembro por que estou aqui. — Jack. Temos que encontrar Jack.

Seus olhos escuros franzem a testa para mim, correndo em cada uma das minhas feições. Quando algo frio cruza seu rosto, seus olhos já negros se



tornando letais, como os de um tubarão, cada um de seus músculos contraídos, eu juro que ele cresce um centímetro.

— Quem tocou em você?

Eu olho para o chão. Como posso dizer isso? Como posso dizer a ele que foi um dos homens de seu pai? Ele não é estúpido ou ingênuo. Ele sabe quem é sua família. Mas isso é como dar um tapa na cara dele. Brinco com uma pedra com a ponta dos meus tênis, e então os dedos acariciam minha bochecha, sobre a marca que sem dúvida deixou, antes de deslizar sob meu queixo, trazendo meus olhos para encontrar os dele.

Incapaz de negar qualquer coisa a ele, eu sussurro: — Angels.

Assim que deixa meus lábios, ele tira a mão de mim. Eu quero recuar quando uma série de emoções passa por suas feições; confusão, culpa e raiva pura. Ele não diz nada, apenas balança a cabeça, pegando o telefone e enviando uma mensagem rápida.

— Vamos, pequena Lilliana. — Eu sigo ao lado dele, a dor irradiando da minha costela enquanto tento acompanhar seus passos largos.

O complexo fica à vista, sua grandeza se destacando no horizonte de Londres. É um hotel antigo e real. Costumava ser cheio de vida e memórias felizes, mas agora é onde Gage Kingston comanda seu império. Malachi

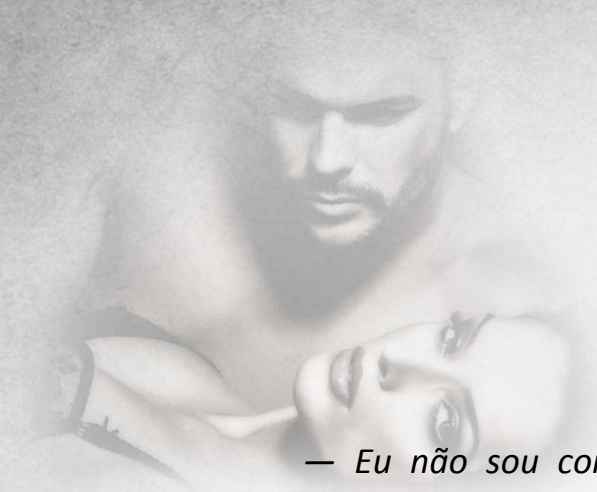


franze a testa para o prédio, e seus olhos voltam para mim, como se ele não quisesse me levar para dentro. Mas eu sei que Jack pode estar lá.

Abro a porta pesada, gemendo um pouco por causa da dor em minhas costelas, e então me viro, rápido, seus olhos escuros me cortando como diamantes negros e vidro. Ele puxa minha blusa, rosnando ao ver minha pele pálida ficando em diferentes tons de roxo. Em vez de entrar no centro do complexo, ele me leva a um elevador. Puxa uma chave antes de colocá-la no teclado, e em segundos o elevador dá um solavanco. Viajamos por alguns segundos antes de as portas se abrirem, revelando um corredor com paredes brancas e piso de xadrez.

Sigo Malachi em um quarto, levando todo o seu conteúdo. Parece que era originalmente uma suíte. Uma grande cama fica encostada em uma parede, forrada de seda preta, e dois armários de cabeceira escuros e de alto brilho ficam de cada lado com lâmpadas combinando. Um tapete ocupa a maior parte do chão do quarto. No espaço da sala de estar, um grande sofá de canto branco fica no meio da sala, uma unidade de TV ocupando uma parede inteira. Mas é a parede de vidro cheia que me tira o fôlego. Todo o horizonte de Londres está abaixo de nós, como se ele fosse o governante deste reino.

O pensamento me faz franzir a testa.



— Eu não sou como eles, — ele murmura, respondendo aos meus pensamentos secretos.

Sorrio de forma tranquilizadora. — Eu sei.

Ele caminha até à cozinha, pegando algo e escondendo nas costas. Um sorriso aparece, fazendo meu estômago se encher de borboletas e uma pequena risada. Eu sei que estou com um sorriso estúpido. Ele puxa uma única rosa vermelha das costas. — Esqueci de trazer isso ontem.

É linda, a rosa mais linda que eu já vi, de cor vermelha brilhante, sangrando em um vermelho mais escuro perto de seu centro. Olho para ele em confusão quando uma queimadura toma meu estômago, como se ele segurasse o fósforo que o acendeu e agora a chama queima para ele, acendendo uma centelha de esperança. Espero que ele sinta o mesmo.

— O príncipe não dá uma rosa à sua Bela? Você nunca parava de falar sobre aquele livro.

Eu aceno, os olhos ainda nas pétalas, totalmente sem fôlego. — Sim, ele tem que fazê-la se apaixonar antes que a última pétala caia, — eu digo, arrastando meus dedos sobre as pétalas delicadas.

— É melhor ele chegar aqui logo, então. — Ele ri, fazendo meus olhos piscarem nos dele, para vê-los cheios de humor. Ele está zombando de mim?



— Você está tirando sarro de mim? — Eu aperto o caule, sibilando enquanto solto a rosa. Uma mancha de sangue aparece na ponta do meu dedo, dos espinhos. Ele agarra meu dedo em suas mãos, franzindo a testa para o sangue, antes de sua língua sair, lambendo a gota. Minha respiração fica presa quando ele repete o movimento. Nossos olhos se conectam.

— Eu não sou seu príncipe, — ele sussurra.

Dou um passo mais perto. — E se eu quiser que você seja?

Ele respira fundo, suas narinas dilatadas. — Você tem dezesseis anos. Porra! Eu tenho vinte e seis anos. Hayden é meu melhor amigo.

Eu dou mais um passo, nossos lábios um sussurro separados, olhos fixos um no outro. — Tenho quase dezessete anos. É meu aniversário no próximo mês. E o que é a idade, afinal? Eu te amo. Eu te amo desde que tinha oito anos.

A batida da porta nos faz pular, antes que Hayden entre com o inferno nos olhos.



Capítulo 11



Lilliana

Eu pego o vaso de rosas antes de jogá-las contra a parede, observando enquanto elas caem em uma pilha no chão, a água deslizando pelas paredes como se fossem as lágrimas que eu não consigo chorar. Ele ainda está zombando de mim, colocando-as aqui como uma memória, para me insultar.

A porta se abre e o próprio homem está parado ali, o veneno em minhas veias. O próprio Malachi Kingston.

— Te odeio! — Eu grito até minha garganta ficar em carne viva. Pegando os livros ao lado, jogo cada um deles nele. — Te odeio! Eu realmente odeio você!

Pego a roupa de cama, arrancando-a da cama. Os travesseiros vão para o outro lado da sala. Viro os armários de cabeceira, amando como seu



conteúdo se espalha. As fotos emolduradas caem no chão, vidros se espatifando ao nosso redor. Pego tudo que posso com uma fúria que nunca conheci; está queimando através de mim como um incêndio, cada molécula vibrando com ele. Está consumindo cada respiração.

— Te odeio! — Eu corro para ele e o soco, arranhando-o, desesperada e selvagem, meu punho batendo contra seu peito. — Eu te odeio, — eu sussurro, minha garganta áspera com angústia.

Ele agarra meus pulsos, me torcendo para que minhas costas batam na parede com um *baque*, os braços presos acima da minha cabeça, seus olhos tão selvagens quanto os meus. — Diga isso de novo. — Há uma ousadia em sua voz, e seu peito arfa da mesma forma que o meu.

Estreito meus olhos, cerrando os dentes, inclinando-me para a frente até ver meu reflexo naqueles olhos negros. — Te odeio!

Antes que um pensamento tenha tempo de ser processado, seus lábios caem sobre os meus, selvagens, raivosos, indomáveis. Dentes e línguas se chocam como um poderoso maremoto, nossas mãos rasgando as roupas um do outro. Os dentes mordem a pele um do outro, como se fôssemos animais selvagens, marcando, reivindicando, destruindo e beijando. Tudo com o mesmo ódio que arde dentro de nós. Algo se forma em meu estômago; medo, excitação, desejo. Talvez seja todos os três.



Ele me pega como se eu não pesasse nada, minhas pernas envolvendo sua cintura automaticamente. Seus dedos apertam, fazendo-me chiar.

— Lilliana. — Ele sussurra meu nome como se estivesse de joelhos na igreja e eu fosse sua oração final.

Pressiono um dedo contra seus lábios. Não quero palavras, quero... não sei o que quero. Eu afogo todas as emoções, menos uma: o desejo cru que me agarra com tanta força que preciso que ele me liberte disso.

Agarro seu zíper, rasgando-o, antes de enfiar minha mão dentro de sua calça, envolvendo meus dedos em torno dele. Ele parece seda enrolada em aço. Eu deveria estar enojada e não tenho dúvidas de que ficarei depois, mas essa necessidade ardente que sinto não deixa espaço para pensamentos racionais.

Dobrando as pernas para me manter de pé, ele arranca minha calcinha, a queimação me fazendo gemer e meus olhos rolam para trás enquanto um barulho do fundo do meu peito escapa. Eu amo a pontada de dor.

Ele guia seu pau até minha entrada, me olhando com os olhos mortos, puxando-me para o abismo bem ao seu lado, mostrando como ele vai fundo, que não há mais espaço entre onde ele começa e começa a escuridão. Ele me deixa ver tudo enquanto me puxa para baixo, me enchendo completamente.



Eu grito de dor, mas é bom. Ele se agarra a mim, me lembra que o homem dentro de mim não é meu salvador, meu príncipe. Ele é o monstro dos meus pesadelos. Ele é meu dono. Eu sou sua prisioneira. Isso não é fazer amor; é uma foda animalesca no seu melhor, mostrando a cada estocada a dor, a traição e o ódio. Lágrimas escorrem dos meus olhos e ele lambe cada uma delas como se estivesse saboreando seu gosto, apreciando o fato de que está me quebrando pedaço por pedaço.

Ambos começamos a perseguir o sentimento alto enlouquecedor, quando por um segundo não estaremos mais quebrados, não nos odiaremos mais. Quando estaremos suspensos no tempo, onde o passado, o futuro... nada disso importa; toda a mágoa e raiva desaparecem e tudo o que resta somos nós.

A escuridão de seu toque se espalha por mim, infiltrando-se em todos os poros, entrando em minha visão. Estou à beira de algo, pendurada no penhasco apenas com a ponta dos dedos, o fundo preto, tão infinito quanto seus olhos. Ele agarra minha garganta, apertando um pouco, me fazendo ver estrelas. Enquanto grito, deixo isso me levar para baixo, sentindo as ondas de prazer ondulando pelo meu corpo.

Acordo sentindo os lençóis lisos e frios abaixo de mim, minhas pálpebras pesadas enquanto pisco. Meu peito arfa enquanto o suor cobre



meu corpo, fazendo arrepios aparecerem enquanto pequenos choques ainda crepitam em minhas veias.

Vejo quando Malachi olha para o chão, todos os seus músculos brilhando com uma fina camada de suor enquanto seu peito arfa. Então observo enquanto ele para por algumas frações de segundo, como se não estivesse respirando. Cada um de seus músculos fica tenso, antes de travar com força enquanto sua cabeça vira para mim.

— Você era virgem? — ele cospe, como se as palavras o enojassem, desafiando-me a mentir.

Sento-me mais reta, agarrando o lençol ao meu redor. — Isso importa? — Eu atiro de volta para ele.

Seus olhos se arregalam, antes que suas feições fiquem duras, me fazendo chiar enquanto ele atravessa a sala. Agarrando minha garganta, ele me pressiona contra o colchão macio, um sorriso doente e retorcido subindo por seus lábios.

— Você é minha, — ele sussurra em meus lábios, antes de se afastar. Eu observo a porta, meu corpo doendo com seus toques implacáveis, meus lábios inchados de seus beijos punitivos, meu coração batendo forte no peito. Eu sonhei tantas vezes com Malachi me levando, me reivindicando como dele, mas nada assim. Ele pegou meus sonhos tolos e ingênuos e os esmagou, deixando-me com uma dor entre as pernas como uma memória.



Capítulo 12



Prince

Odeie-me, me ame... não importa, Bela. Você é minha.



Capítulo 13



Lilliana

Vejo como Prince me encara. Nossos olhos colidem, mas nenhum movimento é feito. Minha mente constantemente luta entre querer que ele fique longe ou que venha quebrar a solidão que me agarra como um laço apertando dia após dia. A única pessoa que vi foi Marcus, que ainda não disse uma palavra, mas anda por aí como uma sombra. É este o seu castigo, deixar-me sozinha com os demônios dentro da minha cabeça?

Malachi partiu depois de tirar o resto da minha inocência. Isso me deixou com uma sensação de inquietação. Estou coberta de vergonha quando me lembro daquele dia, como me submeti tão facilmente ao seu toque, como me inclinei em suas mãos, meu corpo se curvando ao dele. Quente... Mesmo com a vergonha escorrendo de mim, meu corpo ficou tenso com a maneira como ele disse meu nome, seu toque forte, mas uma



carícia. A maneira como sua língua lutou contra a minha, antes de desacelerar, levando o beijo em algo mais sensual. A maneira como meu corpo o desejava como um viciado. Já está coçando de desejo, construindo algo mais no fundo do meu estômago, como necessidade, desejando a maneira como ele foi capaz de puxar algo de mim, algo proibido. Um desejo sombrio.

Eu odeio a frieza que ele me deixou, uma sensação estéril que só ele pode preencher.

Estou queimando de raiva de tudo e de todos. De Hayden, por me deixar, por quebrar sua promessa de sempre cuidar de mim, de estar sempre lá. De Jack, por ser tão indefeso, incapaz de ser o pai que deveria ter sido, por salvar sua própria pele e me fazer pagar por seus erros. De Malachi, por se tornar fraco e deixá-los vencer, por jogar a toalha e sucumbir ao reinado de seu pai. Por se tornar o Príncipe Negro. De Marcus, por estar constantemente aqui toda vez que eu me viro, me olhando com aqueles olhos castanhos chocolate profundos, como se pudesse ler cada pensamento meu. Como se fosse meu juiz e júri. Mas, acima de tudo, odeio a suavidade, juro que vejo nos olhos do Príncipe às vezes, como se ele quisesse me levar para longe do mal e me proteger. Mas ele é a raiz desse mal. Estou aqui por causa dele. Eu sou sua prisioneira.



Ao mesmo tempo, há confusão. Eu sei que estou perdendo algo, que as coisas não fazem sentido. Quando me afasto, vejo tudo, as coisas não têm sentindo nem razão. Eu sou sua prisioneira, mas ele não me mantém em uma cela. Uma gaiola, talvez, mas não uma cela. Recebo três refeições por dia, então ele não está me deixando com fome, nem está me batendo. Mas é esse o plano dele - fingir que não é mau, então vou baixar minhas defesas, portanto, confiar nele, antes que ele ataque? Seria ele a segurar a adaga gotejando em meu sangue?

Depois, há o medo de não saber o que o futuro reserva, de saber que tudo pertence a Prince e o que ele decide. O medo de que ele me venda, me entregue a seu pai, o criador desta escuridão em que todos estamos presos. Rei deste mundo cruel e incerto em que vivo agora. Posso ver tudo ao meu redor, suas mãos fantasmagóricas alcançando para fora, as pontas dos dedos roçando em mim. Temo que ele me mantenha, que eu morra nas mãos de Malachi em uma poça de carmesim enquanto ele sorri acima de mim, enxugando meu sangue contra minha pele pálida, marcando meu corpo como seu, mesmo quando os últimos suspiros me deixam, antes de me beijar, roubando o resto do meu oxigênio.

O que me assombra mais é um sentimento avassalador de tristeza. Ele aperta meu coração como um vício, rouba a respiração de meus pulmões, mantém minhas lágrimas cativas. Tristeza por Prince, pela maneira como ele



matou a parte dele que um dia amei inocentemente, com pureza e de todo o coração. Pelo mesmo garoto que eu quero abraçar agora, assim como ele costumava fazer, como ele fez quando baixaram o caixão do meu irmão na terra. Ele me envolveu em seus braços, bloqueando tudo, como se fosse me proteger de qualquer coisa. Tristeza por Hayden, que perdeu sua vida muito cedo, quando ele tinha todo um futuro pela frente. Mas agora ele jaz frio numa cova. Por Marcus, a quem observei de perto, e a dor que vejo escondida em seus olhos, que ele usa como um albatroz sobre os ombros.

Vejo pela janela quando Malachi sai. Ele está partindo uma vez mais, e não sou cega para ver que algo está acontecendo. Existe um perigo no ar. Entro na sala de jantar e Marcus levanta a cabeça antes de continuar comendo. Clara coloca tigelas de mingau e frutas na mesa em frente a ele.

Declan levanta a cabeça e sorri, e não é um sorriso acolhedor. Isso me fez apoiar. Ele chuta a cadeira à sua frente. — Venha e sente-se.

Eu tinha sido capaz de evitá-lo nos últimos dias, embora soubesse que ele estava aqui em casa pelo jeito que sua voz viajava até o meu quarto. Eu sabia que Marcus morava aqui, mas vi Declan sair. No entanto, ele parecia estar aqui mais do que em qualquer outro lugar. Eu acho que sendo o segundo de Malachi, ele estaria.

Marcus levanta a sobrancelha, mas não para de comer. Dou um pequeno passo. Algo parece errado. Estreito meus olhos para os âmbar de



Declan, olhando de lado para ver que o garçom saiu, assim como Clara, a governanta. Dando um passo mais perto, pego a cadeira. Assim que me inclino, um gemido deixa meus lábios quando ele agarra meu cabelo, com tanta força que parece que meu couro cabeludo está sendo arrancado. Meu rosto vira para a direita quando ele me bate com as costas da mão e sinto o gosto de sangue.

— Você não pode sentar com a gente, — ele rosna, empurrando meu rosto para o chão, onde percebo que o mingau derramou. Ele esfrega meu rosto nele e eu tento me afastar, mas ele está me segurando com muita força. O pânico começa a subir pela minha espinha.

— Vamos, cara, estou tentando comer aqui. Isso é nojento. — A voz de Marcus está cheia de nojo. Declan começa a rir acima de mim enquanto levanta minha cabeça. Marcus me encara diretamente, seu nariz enrugado como se ele tivesse cheirado algo ruim, e se afasta, apontando o dedo para mim. — Você tem algo em seu rosto.

— Não me diga, — eu assobio.

O punho de Declan bate no lado da minha cabeça, dobrando minha visão, e minhas têmporas começam a latejar. — Lembre-se de com quem você está falando, vadia.



Eu mordo de volta tudo o que quero dizer enquanto a dor latejante viaja da minha têmpora até atrás dos meus olhos. Sou puxada pelo cabelo enquanto luto contra a náusea que toma conta.

— Volte para sua jaula, — Declan rosna enquanto me empurra para longe.

Eu caminho para o corredor, agarrando a parede para me equilibrar, assim que a porta da frente se abre. Malachi entra com dois homens, e todos eles param quando me veem.

Os olhos dos dois homens se arregalam, antes de virar a cabeça, sem saber para onde olhar, mas os de Malachi crescem, todo o seu corpo fica tenso, os punhos cerrados enquanto os músculos de sua mandíbula estalam. Eu rolo meus ombros para trás, levantando meu queixo e passo por eles, segurando minha cabeça erguida.

— Lilliana.

Eu me viro assim que meu pé atinge o primeiro degrau, de frente para Malachi, meus lábios se curvam em um sorriso de escárnio. — Este é o melhor que você tem? — Eu balanço minha cabeça enquanto olho para ele. — Você está tentando me quebrar. Tente mais.

Ele dá um passo suave em minha direção, agarrando meu queixo, esfregando o polegar em meus lábios. — Baby, baby, eu não quero quebrar



você. — Sua voz envolve em torno de mim, suave como uísque do Tennessee e tão letal. Seus lábios roçam o canto dos meus, fazendo meus olhos se fecharem enquanto sobem na maçã do meu rosto, no meu ouvido. — Eu quero destruir você, porra. — Eu suspiro, os olhos se abrindo para vê-lo sorrindo.



Capítulo 14



Lilliana

Ouvir essas palavras foi como uma adaga no meu coração, deixando-me ferida, sangrando. A luta havia se esgotado.

Já se passou uma semana desde que vi alguém, recusando-me a desocupar meu quarto, deixando-me com uma sensação avassaladora de tristeza, da mesma forma que um pássaro deve se sentir ao olhar de sua gaiola para o mundo, para um céu tão amplo e vasto, sonhando que um dia alguém abrirá a porta, mas ao mesmo tempo temendo que não pertença mais àquele mundo. Este lugar está se tornando meu santuário, e esse é o pensamento mais assustador de todos. Se eu tivesse a chance de correr, eu iria?

Eu me recolhi em mim mesma, me escondendo na concha que é meu corpo. A comida não é mais atraente, nem o nascer do sol. A tristeza perfura



meu corpo como uma adaga, empalando-me. Não posso escapar. As ondas sombrias passam por mim, e tento respirar por oxigênio antes que a próxima chegue, enquanto as almas de sua vítima rodopiam por baixo, tentando me agarrar, me puxar para perto, me abraçar para sempre. Depois disso, o tempo sangra junto. Horas demoram uma eternidade para chegar, outras vezes pisco e dias inteiros parecem ter se passado.

Estou desejando os momentos em que Declan iria me bater, apenas para sentir o contato físico, implorando internamente para que Malachi viesse até mim. Deixar-me sozinha é o pior castigo; ninguém para conversar, nenhuma ideia do que está acontecendo no mundo exterior, como se eu estivesse me tornando mais e mais invisível a cada dia.

Talvez um dia eu finalmente desapareça.

As palavras de Malachi vibram através de mim. Ele estava certo; ele está gradualmente me destruindo.

Ouço um barulho ecoando escada acima para o meu quarto, e franzo a testa enquanto isso puxa algo para dentro de mim, enquanto abro a porta. Os olhos de Marcus se arregalam quando me vê. Ele se levanta, aqueles olhos cor de chocolate parecendo ver cada palavra que eu não direi.

Meus pés me levam pelo corredor, para a varanda de Julieta, onde vejo alguém entrar com um guarda. Meu coração dá um salto e a esperança acende quando vejo Jack. Ele está aqui. Para mim. Ele finalmente venceu e



agora está pagando sua dívida. Estarei livre. Quando eu mais precisei dele, ele se manifestou, finalmente percebi o quanto eu o amava. Ele estava sendo o pai.

Sinto meus lábios se contorcerem em um sorriso enquanto a esperança me enche como hélio. Eu poderia flutuar.

Jack olha ao redor do lugar, bebendo no luxo à sua frente. Eu vejo quando seus olhos se arregalam, aquele olhar que odeio aparece, como quando ele descobriu o meu dinheiro escondido ou o de Hayden. Como se ele tivesse acabado de encontrar um tesouro enterrado; um navio pirata inteiro cheio. Estremeço quando vejo novos hematomas, cortes em seus lábios. Ele parece ter mais de cinquenta e poucos anos; está abatido e parece que perdeu peso.

Quando seus olhos se voltam para mim, sua filha, não há emoção ali, absolutamente nada.

Meu sorriso cai, a realização me perfura como uma flecha no coração enquanto vejo Prince sair de seu escritório, seus olhos frios se conectando com os meus, suavizando quando ele vê que eu vi de tudo, uma verdade tão brutal, tão fria e cruel, tira o ar de mim. Jack não está aqui para me salvar - ele nunca iria - ele veio para seu verdadeiro amor: dinheiro.

O maremoto final assoma sobre mim, levando embora minhas últimas esperanças.



Marcus me pega enquanto meu corpo balança. Não importa o quanto eu os ame, qualquer um deles. Meu amor não conseguiu salvar Hayden da morte, Malachi de se tornar o Príncipe Negro, nem Jack de seu vício. O amor não é meu salvador. Foi minha fraqueza o tempo todo.



Capítulo 15



Lilliana

— Você está bem? — Eu pulo com a voz profunda e rouca, me virando para ver Marcus ainda me segurando, seus olhos se estreitam, uma linha entre as sobrancelhas. Sua voz está áspera, como se ele não a usasse muito, mas há um vislumbre de algo em seus olhos, algo que diminui um pouco a dor, me dando ar para respirar.

— Sim. — Eu retiro meu braço, caminhando de volta para o quarto. Eu sinto um puxão no meu braço e vejo Marcus na minha frente, suas feições borradas. Eu vejo seus lábios se moverem, mas não entendo o que ele está dizendo. Tudo isso me cerca como ruído branco.

Envolvendo meus braços em volta de mim mesma, eu me arrasto para o quarto. Meu lábio começa a tremer, então mordo com força até sentir o gosto dos tons metálicos que revestem minha língua. Caindo na cama, me



enrolo em posição fetal, agarrando o travesseiro, meus dedos segurando com força, como se fosse meu bote salva-vidas. Meu corpo começa a tremer como se eu estivesse com frio. Algo se forma em meu peito com uma pressão que parece que vai me quebrar enquanto todo o meu corpo começa a tremer, um soluço se solta, ecoando pelas paredes.

Quando eu sinto braços grossos me envolvendo, seu cheiro me invade. Em vez de me virar, eu enterro nele. Eu sei que deveria estar gritando, lutando, mas me sinto segura envolta em seus braços, minha mente muito fora de foco para separar o passado e o presente.

Minha respiração engata, soluçando. Inclino minha cabeça para cima, travando meu olhar com aqueles olhos negros, e pressiono meus lábios contra os dele. Ele está inseguro, mantendo a boca parada, imóvel. Eu me afasto, capturando meu lábio entre os dentes e desejando poder ler seus pensamentos.

— Por favor. — Eu quero que ele me livre desse sentimento enterrado bem fundo dentro de mim, sabendo que é o único que pode me libertar disso.

Seguro seu rosto entre minhas mãos, esmagando meus lábios nos dele, fundindo-os, não lhe dando escolha a não ser aceitar. Aos poucos, sua mão desliza pelo meu pescoço. Eu me afasto quando a outra desliza no meu cabelo, segurando firme, antes que seus lábios devorem os meus, como se



ele estivesse faminto por mim, uma prova deixando seu desejo selvagem. O pensamento arranca um gemido de meus lábios.

— Lilliana, — ele sussurra em meus lábios. A maneira suave com que ele fala traz toda a dor que vem à tona. Eu pisco para ele, e todas as palavras se perdem conforme testemunho a intensidade com que ele está olhando para mim, enviando um arrepio pela minha espinha, arrepios cobrindo meu corpo. Ele se parece com Malachi. Meu Malachi.

Aperto meus olhos fechados, e uma única lágrima escapa. É muito. Eu não quero ser gentil ou suave.

Ele parece entender meus apelos silenciosos, porque seus dedos cavam em meus quadris, causando outro gemido. Ele rola por cima, empurrando seus braços, fazendo com que cada músculo fique tenso antes que um rosnado baixo escape dele. A suavidade que ele mantinha em seus olhos desaparece como uma sombra na noite. O vislumbre de Malachi desaparece sob as feições sinistras do Prince, provando que é uma ilusão.

Ele levanta meus quadris, me fazendo gritar quando ele entra em mim em um movimento severo. Dor e prazer começam a tomar conta de mim enquanto ele bombeia com mais força, minhas unhas se arrastando por suas costas, fazendo-o gemer enquanto tento segurar esse sentimento. Como se ele fosse minha gravidade, a sensação que só ele traz à tona ganha vida, queimando em mim. Como se as próprias chamas do inferno estivessem



queimando dentro dele, a lambida de sua língua no meu pescoço se conecta a cada fibra, acendendo faíscas, e o fogo cresce em um inferno. De volta está a onda de dor, desespero, medo e desejo, caindo sobre nós com cada impulso de nossos quadris. Meus olhos se abrem para ver cada músculo tenso, suor brilhando em sua pele, os tendões em seu pescoço tensos, sua cabeça jogada para trás, desejo puro e cru cobrindo suas feições. Um gemido profundo escapa de seus lábios inchados. Como se ele pudesse sentir meu olhar, sua cabeça cai para a frente. Ele me observa com as pálpebras pesadas, e a visão prende minha respiração.

— Solte, — ele fala em um sussurro estrangulado, antes de se inclinar e morder meu ombro, o suficiente para que seus dentes rompam a pele e eu sinta um fio de sangue escapar. A dor misturada com o desejo escuro me faz gritar, murmurar palavras que não fazem sentido enquanto as estrelas dançam na minha frente. Meu corpo flutua para um lugar que não existe mais aqui nem ali, um lugar onde nada existe. Puro êxtase enche minhas veias, puxando outro gemido de meus lábios, até que nossa respiração irregular seja o único som que preenche o quarto.

Quando sinto dedos grossos tirando meu cabelo molhado da testa, não posso deixar de olhar para ele.

— Ele veio por dinheiro, não foi? — Não é uma pergunta, é mais uma afirmação.



Seus dedos caem com minhas palavras. Ele se senta na beira da cama, seu corpo ficando sólido como uma rocha.

— Sim. — Sua voz carrega aquela tendência ameaçadora, me dizendo para não fazer as perguntas que eu não gostaria de ter respostas. Ele se levanta, colocando suas roupas de volta, nunca olhando para mim. Caminha pelo quarto, sua mão pousando na maçaneta da porta.

— Ele está com problemas, não está?

Ele balança a cabeça antes de olhar por cima do ombro para mim, queimando de raiva. Eu posso sentir a tensão daqui.

— Por que você ainda se importa? — Ele cospe cada palavra, coberto de nojo, fazendo seus lábios se curvarem como se as palavras deixassem um gosto amargo.

Puxando o lençol até meu pescoço, eu olho para ele. — Porque... — Estou confusa, torcida e dobrada de uma forma que nunca pode ser consertada. Não posso dizer ao meu coração para parar de amá-lo, não importa quantas vezes ele o quebre. Porque se ele não me amasse, quem o amaria? Quem poderia? Porque meu maior medo é ficar sozinha neste mundo, perdida, sem esperança. Porque me sinto responsável.



— Ele está chateado com muitas pessoas. — Eu aceno antes de virar de lado, sabendo o que ele está me dizendo. Jack está com tempo emprestado. Sua última mão foi dada. Ele apostou com sua vida e perdeu.

É um pouco mais tarde quando ouço o carro de Malachi ligar, o rugido profundo cortando o silêncio da noite, antes de se tornar um zumbido distante.



Capítulo 16



Prince

Quem diria que as lágrimas de tristeza eram tão doces?



Capítulo 17



Lilliana

Acordei com três batidas fortes na minha porta, antes de Declan entrar, Marcus em seus calcanhares.

— A polícia está aqui! — Declan sussurra para mim, sua voz baixa, mortal. Uma coisa que os Kingstons odeiam mais do que tudo é a polícia farejando, metendo o nariz nas coisas. Denunciar os Kingstons acaba com você desaparecendo. Eu sei que Gage tem alguns policiais nos bolsos. Não ficaria surpresa se ele também tivesse deputados e algumas divisões do governo trabalhando para ele. O fato de terem pela segurança me preocupa até a mim.

— Eu não falei, — eu digo, mantendo meus olhos em Declan. Mesmo quando criança ele puxou algo para fora em mim, um instinto de sobrevivência onde meu instinto gritava para correr, que ele era mau. Os

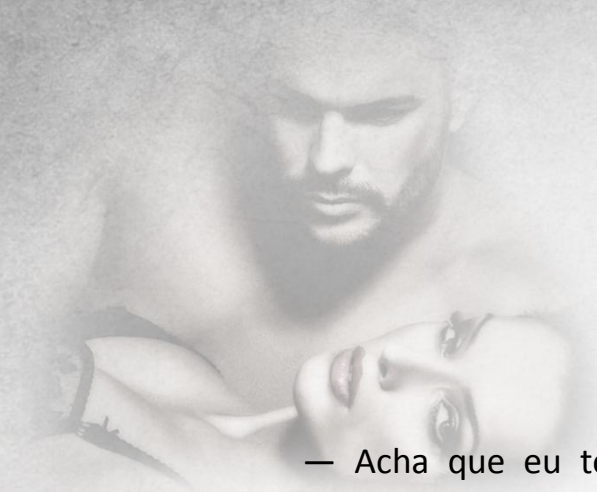


cabelos da minha nuca se arrepiam, como se sentisse o perigo que esse homem representa. Depois das últimas semanas, eu sei o quão forte é seu soco.

Seus olhos se estreitam, antes que um sorriso sinistro deslize em seu rosto. — É melhor você estar dizendo a verdade. — Ele puxa uma lâmina de borboleta, girando em torno de seus dedos, a ameaça não precisa ser falada. — Levante-se.

Meus olhos flutuam entre ele e a porta, na qual Marcus está parado. — Você pode sair? Por favor? — Seu sorriso cresce quando ele balança a cabeça, e sinto o calor subindo pelo meu rosto. Enquanto estou de pé, nua como no dia em que nasci, os olhos de Marcus se fixam em Declan, e por isso sou grata, mas Declan está mais perto. Usando a ponta da faca, ele desliza a lâmina no meio dos meus seios. Fecho os olhos para bloquear a imagem, mas isso só aumenta tudo que estou sentindo: a frieza da lâmina contra minha pele, sua respiração áspera, o roçar do material contra minhas pernas enquanto ele se aproxima.

De repente, sou empurrada contra a parede com um baque, deixando-me com falta de ar. Meus olhos se abrem para ver Declan tão perto que posso ver meu reflexo em seus olhos, a nitidez da lâmina na minha garganta. É assim que vou morrer? Sinto a lâmina começar a perfurar minha pele.



— Acha que eu tocaria em uma boceta como você? — Ele rosna, empurrando a lâmina ainda mais, fazendo com que uma gota de sangue caia.

— Cara, você tá louco? A polícia está lá embaixo querendo falar com ela. — Eu mudo meus olhos para ver o olhar de Marcus em meu pescoço e prendo a respiração, temendo se a lâmina vai cravar mais fundo.

Os olhos enlouquecidos de Declan voltam para mim, antes que ele libere a lâmina. Eu seguro minha garganta, ofegante. Assim que consigo respirar, o ar me é roubado de novo imediatamente com um soco nas minhas costelas, me fazendo cair de joelhos.

— Lembre-se de quem é o seu dono, vadia. — Declan cospe no chão ao meu lado, mas não foi ele quem me deu um soco, foi Marcus. Mordo as lágrimas que nadam em meus olhos. Fico com as pernas trêmulas, usando a parede como suporte enquanto respiro fundo, o que causa uma dor aguda no meu lado esquerdo.

— Parece que você quebrou uma costela, — diz Declan, sua voz cheia de alegria enquanto ele dá um tapinha no ombro de Marcus.

Eu mantenho meus olhos no guarda-roupa, escolhendo um vestido que sei que vai doer menos para vestir, certificando-me de que seja alto o suficiente para cobrir a linha fina de sangue no meu pescoço. Em dez minutos, estamos descendo as escadas. Eu paro ao ver os dois policiais.



Observo, desapegada, enquanto desço as escadas correndo, desabando a seus pés enquanto toda a história escapa dos meus lábios, as lágrimas borrando minha visão enquanto imploro que me ajudem, me libertem dessas correntes invisíveis, me tirem dessa jaula e me libertem.

— Senhorita Lilliana Harper?

Eu pisco, saindo do meu devaneio antes de colocar um sorriso em meus lábios enquanto a ponta da faca de Declan cava em mim. — Sinto muito - enxaqueca. É por isso que estava deitada. Dec disse que você quer falar comigo? — Ele odeia esse nome, recusa-se a permitir que alguém o chame assim; é Declan.

Eu me movo de repente, sacudindo minhas costelas, e sinto meu rosto perder a cor quando a bile começa a subir.

— Você não parece bem. Faremos isso o mais curto possível. — Eu sorrio agradecida quando os encontro na parte inferior da escada, antes de perceber que não sei para onde ir. Não me aventurei em nenhum outro lugar que não seja meu quarto e a sala de jantar.

— A sala de estar será a mais confortável. — Declan dá aos policiais um sorriso viscoso antes de liderar o caminho. A sala de estar é linda, toda a parede do fundo com uma estante cheia de livros. Dois grandes sofás cremes estão postos frente a frente, com grandes almofadas cinza macias e uma



grande manta de tricô sobre os braços. Uma mesa de vidro com rosas expostas fica no meio.

— Sente-se por favor. — Falo como se já tivesse estado aqui mil vezes, mas posso dizer que os policiais estão impressionados e um pouco confusos na sala, sabendo a quem pertence a casa. Sento-me, inclinando-me mais para a direita para tirar a pressão do meu lado esquerdo, grata que eles ainda estão tomando conta da sala. Um telefone toca e Marcus pega o seu. Vendo o número, ele sai da sala.

— Você quer falar? — Eu falo, trazendo sua atenção de volta para mim. Quem parece mais no comando está na casa dos trinta. Ele tem uma pitada de cinza nas têmporas, olhos azuis que parecem gentis e se mantém com autoridade. O segundo cara parece inexperiente. Ele não consegue mascarar suas reações imediatamente. Em vez disso, eles jogam na nossa frente. Ele está totalmente pasmo com o lugar e suas bochechas coram toda vez que seus olhos se conectam aos meus.

— Eu sou o oficial Walker e este é meu colega, o oficial Michaels.

Eu sorrio para os dois quando Clara entra com uma bandeja de chá e biscoitos, que os dois oficiais comem com um sorriso. Não falei muito com Clara, mas sei que seria de se esperar que eu conversasse com ela. — Obrigada, Clara.



Ela sorri para mim, sem perder o ritmo, embora a bandeja de prata trema. — Sem problemas, Lilly. — Ela usa um apelido como se nos conhecêssemos, antes de sair da sala. Sem dúvida, ela foi treinada sobre o que dizer.

Walker tira um livrinho e um lápis. — Somos levados a acreditar que seu pai está desaparecido. — Respiro fundo. Tudo em mim tenta não olhar para Declan para ver se ele sabe.

— Desaparecido? Desde quando? — Coloco a xícara e o pires para baixo para impedi-los de bater juntos enquanto minhas mãos tremem.

— Um vizinho relatou seu desaparecimento ontem. — Eu já sei de quem ele está falando. A Sra. Marshal é a senhora maluca do apartamento ao lado. Ela nunca sai de seu apartamento, mas parece saber tudo.

— Você verificou The Dead Duck? — É o pub favorito do Jack's. Algo estranho começa a acontecer comigo, tudo travado, como se eu estivesse me vendo desligar do meu corpo.

Michaels escreve algo. — Foi encontrado sangue no apartamento. Há alguém que gostaria de machucar seu pai?

Meu olhar se volta para Declan, que me mostra a ponta da lâmina. Já sei que ele não tem nenhum problema em matar os dois policiais na minha frente se eu causar uma cena. Olho de volta para os oficiais.



— Não. — A mentira tem gosto de serragem na minha língua. Foi para lá que Malachi desapareceu ontem à noite? Depois de sair da minha cama, ele foi e matou meu pai? Deus, quero vomitar.

O som estridente de um toque rompe o ar e Walker pega um telefone, olhando para o visor antes de seus olhos voltarem para os meus. — Desculpe, preciso atender, — ele se desculpa antes de sair da sala.

Michaels tosse, suas bochechas ficam vermelhas. — Quando foi a última vez que você viu o Sr. Harper?

Franzo a testa para as minhas mãos, sabendo que tenho que mentir, não admitir que o vi ontem. — Três semanas atrás.

Ele acena com a cabeça, rabiscando algo. — Como você descreveria seu relacionamento com o Sr. Harper?

Eu aperto meu queixo junto. — Você quer dizer com meu pai? — Ele tem a decência de parecer apologético. — Não é incomum que Jack não ligue por algumas semanas. Quando eu trabalhava no hospital, ligava uma vez por semana.

Uma linha aparece entre suas sobrancelhas. — Você não trabalha mais no hospital. Quando você desistiu do seu emprego?

Eu coloco um sorriso. — Três semanas atrás, quando Malachi me pediu para morar com ele. — Suas sobrancelhas desaparecem na linha do cabelo.



— Malachi Kingston? — Ele franze a testa como se não percebesse em que casa está sentado. Quando eu aceno, sua sobrancelha se levanta mais uma vez. — O mesmo que foi o principal suspeito da morte de Hayden Harper? Seu irmão, certo?

Ouço xingamentos vindo do meu lado enquanto estou de pé. Não sei por quê, mas não consigo mais sentar. Michaels parece surpreso com minha reação. Seu olhar se desloca para a minha direita e a cor desaparece de seu rosto enquanto ele puxa a camisa.

— Não, você está mentindo. Malachi não era um suspeito. — Eu balanço minha cabeça. Eu posso odiar Malachi, culpá-lo pela morte de Hayden, mas eu sei que ele não poderia tê-lo matado. — Eles eram melhores amigos! — Eu agarro as costas do sofá. — Ele não teria matado Hayden. — É apenas um sussurro enquanto olho para cima para ver a tristeza nos olhos de Michaels. Eu estava cercada por tanta escuridão que estava cega para a verdade? Malachi poderia realmente ter matado Hayden? Minha cabeça grita para eu perceber os fatos e abrir meus olhos e ver, enquanto meu coração grita que não é possível, lembrando de todos os momentos deles juntos. Eles eram mais do que melhores amigos; eles eram irmãos.

Ele engole um gole alto. — Sinto muito, Srta. Harper, pensei que você sabia.



Walker entra, impedindo que qualquer outra coisa seja dita. Seus olhos pousam diretamente nos meus, seus lábios puxados para baixo. — Sinto muito, Srta. Harper, um corpo foi encontrado.

Eu cambaleio para trás, agarrando a parede, a dor nem mesmo registrando mais. Esse sentimento de desprendimento se intensifica com o golpe duplo. Malachi poderia ter matado Hayden, e agora Jack.

— Há alguém para quem você possa ligar?

Eu balancei minha cabeça. — Não, sou só eu. — Sou só eu. As palavras ecoam na minha cabeça. Ouço o murmúrio de vozes baixas e olho para cima para ver suas bocas se movendo, mas não consigo entender nada do que está sendo dito.

— Nós iremos te seguir. — Eu ouço a voz de Declan enquanto um par de braços envolve minha cintura com força. Eu me viro para olhar em seus olhos castanhos chocolate. Seu aperto aumenta, ajudando a dor enquanto eu caminho para o carro. Olho para cima para ver a polícia nos observando e entendo seu motivo.

O cheiro de couro fresco me envolve quando entramos no carro, com um toque de morango. É quando eu noto o purificador de ar pendurado entre nós. Franzo a testa, olhando para Declan - morango, quem diria?



— Mantenha sua boca fechada e não se esqueça de chorar lágrimas enormes e feias. — Eu me viro para olhar para ele. Esses olhos de cobre se arregalam com o rosnado em meu rosto. — Ele era... é meu pai. Nem mesmo sabemos se é Jack! — Eu grito. A raiva é a única emoção que sou capaz de segurar enquanto o resto gira em torno de mim, e gostaria que ele me batesse para que eu pudesse me concentrar na dor.

Um sorriso, como o do gato de Cheshire, assume seu rosto e me faz olhar entre eles. — Pode não ser ele, — eu sussurro.

Por favor, Deus, não deixe ser Jack. As palavras de Malachi sussurram ao meu redor. *Ele chateou muitas pessoas*.

A paisagem fica borrada ao meu redor, e pulo quando Declan se inclina. Eu olho em volta para ver que chegamos. Os dois policiais e Marcus estão todos do lado de fora, esperando por mim. Declan permanece, empurrando meu cabelo atrás das orelhas. Ele agarra uma mecha do meu cabelo no couro cabeludo, aumentando seu aperto enquanto meus olhos lacrimejam.

— Não bagunce isso. — Ele se aproxima, e tenho certeza de que para qualquer outra pessoa parece reconfortante. — Ou você vai pagar! Mova-se. — Sua exigência quebra qualquer linha de pensamento e eu agarro a maçaneta. O clima está quente para setembro, mas o ar está frio.

Walker abre a porta do hospital, uma entrada nos fundos. Ninguém mais está por perto. Com alguns toques em um teclado, um clique alto nos



diz para entrar. O cheiro... a morte paira no ar. O corredor é longo e estreito, com paredes totalmente brancas e piso de ladrilhos azuis. Luzes fluorescentes zumbem acima de nós como um enxame de vespas furiosas.

Nenhum outro som pode ser ouvido. Não é o tipo de silêncio agradável, mas o tipo assustador que envia um arrepio na espinha.

Walker anda um pouco à frente, acelerando o passo ao ver uma senhora de jaleco branco. Seus olhos passam rapidamente por cima do ombro para mim, antes de olhar para Walker, para quem ela acena. Assim que o alcanço, ela força um sorriso nos lábios.

— Senhorita Harper. — Ela estende a mão e eu fico olhando para ela por um momento antes de estender a mão. O calor de sua pele queima a minha.

— Por aqui. — Ela repete termos médicos para Walker. Pelo meu diploma de enfermeira, eu sei o que ela está dizendo; *crânio fraturado, objeto pesado*, *hematomas e inchaço do cérebro, dedo indicador faltando, múltiplas lacerações no corpo, rótulas quebradas e quatro dentes removidos*.

Eu corro por eles para a lata de lixo, arfando.

— Ela é enfermeira, — explica Michaels.

Ambos parecem apologéticos. — Eu sinto muito. Você já viu um cadáver antes? — Eu aceno, e seus lábios se contraem quando ela abre a porta.



Ao entrar, parece que estou entrando em uma geladeira. Paro a alguns metros da mesa de aço, então a mulher acena com a cabeça, puxando o lençol branco.

Mesmo com todo o meu treinamento, nada me prepara para isso. Com o trabalho de limpeza, o cabelo do homem ainda é uma mistura de ruivos e sua pele está levemente rosada devido à extrema quantidade de sangue que essa pobre pessoa perdeu. Sua pele está começando a ficar com um tom cinza azulado, o que faz com que os hematomas que cobrem sua pele pareçam ponto a ponto.

— Muitos hematomas foram feitos após a hora da morte.

Eu cubro minha boca enquanto a bile sobe pela minha garganta. Mesmo depois de sua morte, eles continuaram a puni-lo. Ou eles estavam tão empolgados que não perceberam que haviam roubado seu último suspiro enquanto continuavam seu ataque brutal?

Meu coração solta um suspiro enquanto continuo vendo a pobre pessoa coberta por chicotadas e marcas profundas. Não é Jack!

— Não é ele! — Eu sussurro, alívio em minha voz.

— Você tem certeza? — Acho que é o oficial Walker quem fala.

Meu olhar continua a percorrer o corpo. Jack estava mais magro, seu rosto mais magro. Eu balanço a cabeça, parando quando vejo. Entre os



hematomas está uma marca de nascença no lado do pescoço que parece um triângulo.

Dou um passo mais perto quando todos os recursos começam a se destacar mais. Lembro-me de como Hayden costumava me provocar, dizendo que Jack era um alienígena e era por isso que ele tinha essa marca.

Jack… Oh, Jack, o que você fez?

Sinto a umidade correr pelo meu rosto. — Jack, — eu sussurro, indo tocá-lo antes de levar minha mão trêmula à boca.

A mulher acena para alguém antes de Declan pisar ao meu lado, colocando o braço em volta de mim, como se para me apoiar. — Exatamente como o filho dele.

Enquanto suas palavras se enterram bem dentro de mim, criando raízes, sinto uma mudança tomar conta, ouço as pessoas falando. Aceno e respondo, mas é como se outra pessoa assumisse. Não estou mais no controle. Fiquei na rectaguarda. Algo assumiu o controle, quase como se estivesse me protegendo.

O sol me bate. Estou do lado de fora? Quando saí? Pisco.

Estou de volta em casa. Quando isso aconteceu?

— Você gostaria de um pouco de chá? — Eu quero chá? Concordo. Sim?



Olho para cima para ver Clara tentando tirar a xícara da minha mão. — Desculpe, está frio. Vou fazer um novo para você.

Eu olho para a caneca em minha mão, a pedra do chá fria. — Obrigada. — Eu sorrio... acho.

— Lilliana? — Eu me volto para a voz. Malachi. Há uma linha profunda entre suas sobrancelhas, confusão em seus olhos. Ele me fez uma pergunta? Eu vejo como Marcus caminha até ele, sussurrando em seu ouvido, fazendo com que todo o corpo de Malachi fique tenso, seus olhos fixos em mim. Ele dá um passo à frente antes de se virar e bater a porta atrás de si. Eu volto para a janela, franzindo a testa para o céu da meia-noite. É noite? Para onde foi o sol?

Sinto lençóis macios embaixo de mim. Estou em uma cama? Olho ao redor do quarto. É sombrio e há lençóis e cortinas pretas. O calor me invade. Malachi? Não, é Prince. Ele é o Prince agora. Estou aqui, sua prisioneira. Como esqueci disso?

Há manchas vermelhas em seu pescoço. Ele se machucou ao fazer a barba? Eu corro meus dedos sobre a marca, e ela desaparece, manchando meu dedo. Olho para a mancha e de repente não consigo recuperar o fôlego. Todo o oxigênio deixa meu corpo em um sopro quando começo a tremer com força. Quem está gritando? Por que ninguém a está ajudando?



— Lilliana? — Eu olho em olhos escuros, e eles me seguram em sua força.

— Ti-tire... tire isso. — Ela está gritando novamente.

Quando começou a chover?

Está parado e azulejos brancos me cercam. Isso é um banheiro? Estou enrolada em uma toalha. Por que Malachi-Prince está molhado também? Acabamos de tomar banho?

Estou cercada pelo calor, pela maciez dos lençóis. Estou na cama de novo. A luz vermelha do relógio digital pisca, mostrando 3:49. Pisco: 3:50. Pisco novamente: 8:23. Pisco: 8:24; pisco: 13:56; pisco: 13:58; pisco: 18:10; pisco: 20:40.

— Lilliana, você precisa comer. — Olho para cima quando ouço a voz áspera, vendo Prince segurando um sanduíche. Volto para o relógio: 23:17. Pisco: 1:30; pisco: 3:42.

O calor está de volta, segurando-me com força, puxando-me o mais perto que pode, me envolvendo como um cobertor. Pisco: 6:25.

— Lilliana, o médico está aqui. Ele precisa dar uma olhada em você. — Um velho com a linha do cabelo recuando sorri para mim. Ele cutuca meu corpo, fazendo perguntas, mas nenhuma palavra sai.



Eu ouço as palavras; *costelas quebradas, hematomas, corte no pescoço, sem pontos, choque, trauma*.

O médico mostra dois comprimidos. — Isso vai ajudar.

Eu os pego com a mão trêmula e coloco na boca. Uma sensação confusa toma conta de mim e meus olhos ficam pesados. Sorrio enquanto a onda de escuridão passa por mim.

———

— L illiana, precisamos falar sobre Jack, sobre o funeral.

Funeral de Jack? Eu franzo a testa para Prince. — Não era ele. Não era.

Suas sobrancelhas caem. — Sim, era. Eu fui sozinho.

Balanço minha cabeça, cobrindo meus ouvidos. — Pare de mentir, pare de mentir.

Ele agarra meus pulsos, mantendo-os prisioneiros, seus olhos fixos em mim. Não há outro lugar para olhar enquanto eu olho para a escuridão que parece infinita, me sentindo como Alice no País das Maravilhas quando ela está prestes a cair na toca do coelho.





— Jack está morto. Ele morreu há três semanas. — Eu franzo a testa com suas palavras, não registrando o que ele está dizendo, mas pareço absorvê-las como uma esponja. — Ele precisa de um funeral.



Capítulo 18



Prince

Bela, você está perdida na escuridão, mas não está sozinha. Estou indo para você. Eu sempre vou te encontrar. Vejo suas lágrimas não derramadas, ouço seus gritos silenciosos. A dor mantém você prisioneira, mas ela não sabe que você é minha.





Capítulo 19



Lilliana

Desço as escadas, sinto uma mudança no meu corpo. Tudo o que estava adormecido agora acordou. A dormência foi embora e foi substituída por fúria. Sinto meus lábios se curvarem em um sorriso de escárnio para o corredor elegante e decorado. Toda a sua beleza equilibrada... faz meu estômago revirar. A beleza é uma ilusão. Deve ser sombrio e escuro, coberto por um sombrio e manchado carmesim como uma lembrança daqueles que perderam seu sangue e vidas com o nome Kingston.

Ouço o barulho e sorrio para o espelho quebrado, os pedaços caindo aos meus pés. Sangue, pingando de meus dedos, cai sobre eles, brilhando como as joias mais caras. Algo explode em mim, um tiro de algo que envia todas as terminações nervosas em chamas, queimando brilhante. Pego o vaso, espatifando-o no chão, as rosas vermelhas explodindo quando atingem



os ladrilhos de mármore. As pétalas delicadas esvoaçam e a água escorre como um pequeno rio de rubi. Lindo.

Vidro, sangue, rosas, espinhos, rios de rubi. Tudo se choca, se derrama no chão. Beleza, dor, amor, tragédia. Todos eles opostos e ainda assim eles fazem parte.

— Lilliana. — Sua voz é como um chicote na minha pele. Olho para o homem que é meu dono. Meu próprio veneno letal.

Zombo dele. — Isto é culpa sua. — As palavras borbulham e eu as odeio, quero que parem, mas não consigo fazê-las parar. Sete anos de emoções se libertam de mim.

— Hayden, Jack... você os levou embora! Ele era seu melhor amigo! — Meu corpo treme de raiva enquanto suas feições ficam severas, como sempre acontece quando menciono o nome de Hayden. — Hayden! Hayden! — Eu grito, sabendo que estou apertando seu botão vermelho. Mas não hesito. Eu continuo pressionando, observando sua reação.

— Diga, — ele fala em voz baixa, cheio de advertência. O perigo nos rodeia, circulando. Ele sorri quando eu não respondo, mas minha raiva aumenta para corresponder à dele.

— Você é igualzinho ao seu pai. Você se tornou tudo que odeia! É um covarde. — Minha voz está irreconhecível. Não treme e não há medo. Cada



palavra é baixa, constante. Eu quero que ele ouça cada uma, quero que ele sinta seus golpes.

Minha respiração me deixa enquanto minhas costas batem contra a parede, sua mão na minha garganta, acariciando minha pele como se estivesse me acariciando de forma predatória. A chama queimando dentro de mim se transforma em outra coisa. Desejo.

Eu odeio o jeito que meu corpo o quer - não, anseia por ele, é viciado nele. Um desejo ardente desliza em minhas veias como se eu tivesse acabado de tomar um gole. Começo a rir. — Não sou melhor do que Jack; nós dois viciados em coisas que vão nos matar.

Os olhos de Malachi se arregalam antes que ele agarre meu queixo. — Você não é nada como Jack.

Balanço minha cabeça. — Nós dois éramos propriedade de sua família, agora nós dois morreremos em suas mãos.

Ele lambe meu pescoço, sua língua arrastando sobre minha pulsação, do meu queixo até o meu lábio. Arrasta meu lábio inferior entre os dentes. — Você não vai morrer, Lilliana. Ninguém a está levando embora. Você pertence a mim.

A dor me faz gemer, meu corpo se enrolar, enquanto luta contra si mesmo; para trazê-lo para perto ou afastá-lo. Seus olhos ficam pesados, sua



respiração combinando com a minha, nossas emoções muito próximas da superfície para esconder. Observamos um ao outro, sabendo que há uma contagem regressiva invisível. Uma explosão está chegando e não há nada que possamos fazer para impedi-la.

Não sei quem se move primeiro, ou se, como ímãs, nos conectamos, bocas famintas, mãos agarradas uma à outra, unhas, dentes, tudo isso. Marcação, raiva, reclamação e ódio nos chocam como as ondas de um mar agitado. Caímos no chão, o frio e a dor fazendo meu corpo se curvar, me trazendo para mais perto dele. Ele agarra meus quadris, os dedos cavando em mim, antes que eu seja erguida no ar.

— Pernas ao meu redor. — Elas se enrolam com força em uma resposta natural enquanto ele dá grandes passos em direção à sala de jantar, onde me coloca na mesa. Me colocando para fora para ele, à sua mercê.

Seus olhos se arregalam, tornando-se mais profundos, cílios vibrando enquanto suas narinas dilatam. Ele me acolhe como se eu estivesse espalhada para ele, um banquete que ele mal pode esperar para devorar. Seus dedos traçam minha clavícula, descendo entre meus seios, descendo em meu estômago, me fazendo contorcer para ele parar e não parar. Estou perdida em um mundo de emoção enquanto sinto seu controle em mim aumentar. O calor pisca em seus olhos e seus lábios se separam quando ele olha para mim, amando a visão de mim me contorcendo sob seu olhar



intenso. Sua grande mão sobe pela minha pele, arrepios seguindo seu caminho enquanto ele segura meu seio, apertando, observando meu rosto para cada reação antes de passar para a outra.

Desta vez é diferente. Ele não está com pressa. Seus toques são uma carícia lenta, como se tivesse todo o tempo do mundo e pretendesse usá-lo em mim, mapeando meu corpo com seu toque, seus olhos memorizando a paisagem, cada curva, mergulho, sarda e cicatriz.

— Por favor. — Aperto meus olhos com a delicadeza disso, a vulnerabilidade. Uma lágrima cai, que seus lábios pegam. — Por favor, — eu imploro, pelo quê não tenho certeza. Mas ele parece saber. Ele sempre sabe.

Ele entra em mim lentamente, permitindo-me senti-lo centímetro a centímetro, suas mãos, seus lábios, seu pau, até que sua boca esteja me fodendo da mesma forma que seu pau está.

É muito. Não é o suficiente.

Meu estômago estremece quando minha cabeça cai para trás, minha boca se separando em um grito silencioso. Eu deixo tudo, de tudo, fecho minha mente para tudo que não seja o prazer correndo por mim, tomando conta de mim, como ondas quebrando na costa. Cada uma de suas estocadas rouba meu fôlego, até que ele me consome.

Eu sou verdadeiramente dele.



Capítulo 20



Lilliana

Olho meu reflexo na janela escura, os círculos roxos sob meus olhos, a palidez de minha pele, meus olhos de um cinza tempestuoso. A mulher que conheço mudou para sempre. Não sou mais reconhecível, encharcada de traição, para Hayden, Jack.

A menina que se agarrou à esperança, que amou de todo o coração, se foi para sempre.

Estou indo enterrar Jack. Ontem à noite, dormi com o homem que pode estar com sangue nas mãos. As mesmas mãos que deram prazer ao meu corpo. Eu sei que deveria ter-lhe feito as perguntas que estão na ponta da minha língua - ele matou Hayden, Jack? - mas a verdade está me impedindo. Se Malachi confessar seus pecados, sei que será uma verdade que não posso suportar.



Eu sou a definição de bagunçada.

Anseio pelo homem envolto em trevas, que usa o perigo como uma loção pós-barba letal. Eu dei a ele meu corpo repetidamente. Amei-o. Odiei-o. Caminhei na linha tênue do meio, até que as linhas se borraram, e eu não sabia mais a diferença. Ele me encontrou no escuro e, em vez de me trazer para a luz, ele me derrubou ainda mais, perdida em um labirinto de seus toques proibidos e desejo escuro.

A porta do carro se abre e o próprio homem está lá. Ele me ajuda, colocando a mão em volta da minha cintura como se para me firmar. Então eu vejo, o carro carregando Jack, o borrifo de lírios em cascata sobre seu caixão. Observo enquanto os seis homens vestidos de preto levantam o caixão antes de carregá-lo para a frente.

Como se estivesse no piloto automático, dou um passo à frente e o braço de Prince cai da minha cintura. Não me viro. Levanto meu queixo, seguindo a última jornada de Jack. O padre me dá um sorriso triste, segurando o bom livro nas mãos. Jack nunca acreditou nos deuses que governam os céus, nem eu. Mas acredito que Hayden está feliz em algum lugar. Onde, eu não sei.

— Gostaria de esperar? Para ver se mais alguém virá? — Balanço minha cabeça, vendo como o padre olha ao redor. Sem amigos, sem esposa com o



coração partido, sem amigos balançando a cabeça em descrença. Só eu. É uma cena triste.

Apago as palavras de perdão e todos os pecados perdoados.

Observo o caixão descer enquanto o padre fala mais alto e fecho os olhos, recusando-me a ver Jack ser abaixado. Caindo de joelhos com o peso da realidade em meus ombros, agarro a grama entre as mãos como se para me impedir de pular atrás dele. *Leve-me*.

Mantenho meu rosto em direção ao céu. — *Leve-me!* — Eu grito, enviando pássaros voando para o céu. *Eu vou ficar no inferno por toda a eternidade, queimar em suas chamas. Traga o Jack de volta, por favor! Traga os dois de volta. Não me deixe sozinha neste mundo, por favor, eu imploro. Seja você quem for, não o leve também. Para a torção cruel do destino, por favor. Eu farei com que ele se saia melhor, pedir ajuda para ele. Entregarei a você minha alma - qualquer coisa. Só não me deixe aqui sozinha.*

— É hora de partir. — Olho para cima para ver Prince olhando para mim, frio como uma pedra, nem um centímetro de emoção. Ele parece entediado.

É isso que ele quer? Eu de joelhos, implorando, enquanto ele me observa quebrar pedaço por pedaço. Continuo a olhar, observando o rosto de Prince se transformar no de seu pai. Gage Kingston, mestre, líder, imperador.



Gage Kingston, o governante do reino violento, observa, sorrindo para o derramamento de sangue derramado nas ruas, vidas tiradas. Sua maldade envolve todos nós sob seu controle.

Ele os levou embora: Hayden, Jack! Até Malachi. É sua mão que os enche de sangue, porque nada neste mundo é feito sem sua palavra, seu comando, e como soldados zelosos, eles aguardam, prontos para seu próximo comando. Será a minha vida a próxima? Já estou usando a Cruz Vermelha? Meus dias em sua contagem regressiva final?

Eu me levanto e passo por Prince até o carro, minha mente mais clara do que há semanas enquanto pego a tesoura, cortando os fios invisíveis pelos quais os Kingstons me seguram.

Libertando-me das correntes com as quais me acorrentaram.

Entro no carro e Prince desliza ao meu lado. Consigo ver claramente a imagem que está agora na minha frente.

Eu não tenho um futuro.

Entre Gage, Prince e os agiotas que estão começando a circular por meu sangue, não posso correr. É tarde demais. Uma estranha calma me preenche. E sei o que preciso fazer.

— Jack deve muito dinheiro. — Minha voz é firme, forte e clara.



Prince me observa, suas sobrancelhas descendo como se ele estivesse tentando ler nas entrelinhas o que não estou dizendo, antes de concordar.

— Quanto tempo antes de eles virem coletar?

Eu vejo como seus olhos ficam nublados, uma carranca puxando entre sua sobrancelha como se ele não tivesse pensado nisso. Ele não responde à minha pergunta, o que significa que eles já estão circulando.



Capítulo 21



Prince

Ela está certa, eles vão querer seus pagamentos. Ela é do sangue de Jack. Mas o que eles não sabem é que ela é minha, incluindo os rios de rubi correndo através de suas veias.





Capítulo 22

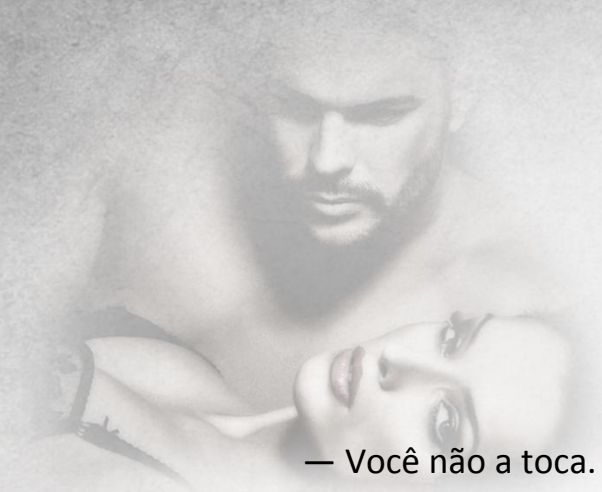


Lilliana

Saio do carro para ver Declan nos degraus esperando por nós, um sorriso presunçoso no rosto, saboreando a morte de Jack.

Há uma barba em sua mandíbula e ele parece estar mancando um pouco, o que faz um sorriso correspondente crescer no meu rosto porque minhas costelas ainda doem com o comando que ele deu a Marcus. Talvez exista algo como Karma. Seu rosto se contorce, raiva em seus olhos enquanto sua mão vem para me acertar. A dor irradia da minha mandíbula até à minha bochecha, me mandando para o chão.

Eu vejo através do meu cabelo enquanto Prince agarra Declan, jogando-o com força contra a parede. Em um piscar de olhos, o cano de uma arma é pressionado contra sua testa.



— Você não a toca. Ninguém a toca. — Cada palavra vibra com raiva. Eu assisto a cena se desenrolando. Algo sobre ver o Prince assim faz meu coração bater furiosamente. Algo pesado se forma em meu estômago enquanto minha mente tenta se recuperar.

Marcus me puxa com força e em direção à porta, a dor não é registrada enquanto meus olhos ficam fixos em Prince e Declan.

— Mantenha seu bichinho sob controle! — Declan cospe antes de sorrir, seu olhar passando rapidamente para mim. — Eu vou deixar você se divertir. Você vai ficar entediado logo. Você sempre fica.

O jeito que ele fala faz minha pele arrepiar, como se milhares de aranhas passassem por cima de mim.

Assim que cruzamos a porta, Marcus solta meu braço.

— Fique longe dele. — O tom ameaçador de Marcus me faz concordar. Não tenho certeza a quem ele está se referindo, mas outra coisa me faz fazer perguntas.

— Por que o Prince parou? Por quê o aviso?

Seus lábios se fecham, todo o seu corpo tenso, as sobrancelhas puxadas para baixo, fazendo com que linhas apareçam em sua testa. Ele parece bravo consigo mesmo, Declan, comigo... eu não tenho certeza. Não tenho certeza de nada nesta casa. Muitas mentiras pesam no ar, como a névoa em uma



manhã de setembro; você não pode ver nada claramente. Isso bagunça sua mente, suas emoções.

— Não pense que você está segura. Você não está.

Eu aceno enquanto Marcus me encara com aqueles olhos chocolate antes de usar sua arma para me direcionar para as escadas. Mais segredos e mentiras, a teia de enganos crescendo ao meu redor. Tudo o que posso ver ao meu redor são olhos negros sem fim. Subo as escadas lentamente, cada passo parecendo ser mais difícil do que o anterior. A ponta da arma nas minhas costas deve me mover mais rápido, mas se eu morrer aqui, em uma poça de rubi, então estarei livre. Livre da dor, da mágoa, da traição... apenas livre.

O corredor parece piscar diante dos meus olhos, parecendo sempre chegar ainda tão perto. Marcus assume seu lugar ao lado da porta. Eu entro, olhando ao redor do quarto, minha gaiola.

Assim como uma rosa, é lindo, mas contém tanta dor, como o espinho. Frágil, assim como suas pétalas. Vermelho rubi, assim como o sangue dos meus pecados e os pecados de Malachi. Eu o deixei me tocar, deixei ele possuir meu corpo, alma e até mesmo meu coração. Eu traí meu irmão ao me entregar a um homem que me comprou, secretamente querendo seu toque, seu desejo escuro.



Entro no banheiro, tiro minhas roupas, e ligo o chuveiro, sem esperar que ele aqueça. A água morde minha pele como cacos de gelo, e dou boas-vindas à dor, não me movendo do spray gelado, deixando-me congelar até os ossos. Não sinto minhas pernas fraquejarem ou se enrolarem em uma bola, mas me lembro da água que gira em torno do ralo, tão limpa, clara. Como é isso quando estou contaminada por tanta escuridão?

— Merda. — Sua voz ecoa pelo banheiro, ricocheteando nos azulejos com uma força que só ele pode alcançar. Quando dois braços grossos me envolvem, sinto o calor de seu corpo contra o meu, fogo e gelo. Ele queima, inicia um incêndio se espalhando em minhas veias. Quero gritar, quero voltar à dormência, ao frio, onde não sinto nada. Seu polegar esfrega meus lábios com força, como se estivesse tentando trazê-los à vida, e meus dentes batem. Eu pisco para ele.

Há algo estranho por trás de seus olhos, uma suavidade girando no olhar duro.

— Ele não vale a pena. — Sua voz me tira do transe que ele parece ter sobre mim, como uma magia vodu.

— Ele valeu a pena para mim, — eu digo. Eu sei que Malachi nunca gostou de Jack, e talvez em seu jeito bagunçado, este é ele me dizendo que eu estou melhor, mas já estou na defensiva, porque embora Jack não estivesse livre do crime, ele não era Gage. Ele não caçava pessoas para matá-



las, ele não vendia mulheres para o mercado negro ou tinha casas de prostitutas, ele não vendia drogas em Londres. Ele não assistiu o último membro de sua família sendo jogado debaixo de chão.

Dando um passo para trás, posso ver a confusão em seus olhos, assim como Hayden. Eles nunca entenderam meu amor e lealdade a Jack. Ele não era um bom pai - Cristo, ele não era um bom homem, não realmente - mas eu não pude evitar. Não pude deixar de amá-lo, esperando que hoje seja o dia em que ele acorda e vê o mundo em que vive, vê que tem uma doença e aceita a ajuda. Deixei folhetos em todos os lugares para que ele pudesse encontrá-los. Se ele tivesse ido a uma reunião... Teria sido difícil, mas eu estaria lá para cada passo. Eu o teria ajudado! Maldição, eu o teria ajudado. Mas ele desistiu.

Todos eles desistiram, mas eu não! Nunca desisti de nenhum deles. De pé aqui, enfrentando o menino que eu amava, o inimigo em que ele se tornou... Estou confusa, completamente fodida, porque depois de tudo, ainda tenho esperança de que em algum lugar, bem no fundo, Malachi pode me ver, que ele está lutando para sair, para quebrar a escuridão. Ele será aquele que me libertará.

Perdida em meus pensamentos, não percebi os lábios de Malachi se erguendo em um sorriso de escárnio. — Eu vejo sua mente trabalhando, vejo a esperança em seus olhos. Ninguém está vindo atrás de você. Ninguém vai



te salvar. — Ele me pressiona, olhando para mim por baixo do nariz, os lábios enrolados em nojo - antes de passar por mim, as mãos cerradas em punhos. Músculos enrolados, prontos para atacar.

A dor dos golpes de Declan doem menos enquanto suas palavras me cercam, como se ele ainda estivesse aqui gritando. Sua voz é tudo que posso ouvir, seu rosto tudo que posso ver, me cercando, me sufocando. Em seguida, seu rosto se transforma em Jack, então Hayden, suas vozes distorcidas, desconhecidas, mas como velhos amigos. Eu caio de joelhos, as mãos sobre os ouvidos para bloquear todos eles.

— Vá embora, vá embora. — Lágrimas queimam minhas bochechas rápidas e fortes.

Eu pisco, sentindo a frieza abaixo de mim, tentando trabalhar ao redor, percebendo que estou no chão do banheiro, gemendo com as batidas nas minhas têmporas. Agarro a pia para me puxar para cima, minhas pernas trêmulas e instáveis.

Uma mulher me encara de volta, me fazendo pular. Ela parece triste, realmente triste. Lágrimas invisíveis correm por suas bochechas, um grito silencioso escapando dela, implorando a qualquer um para ouvi-la, vê-la. Seus olhos são opacos, de cor cinza, seu rosto pálido e madrugador, cabelos soltos sobre os ombros. Uma marca vermelha marca sua bochecha, começando a se transformar em um hematoma. Eu levanto meus dedos e a



vejo imitar meu movimento. Suspiro, estendendo a mão novamente, e a vejo fazer o mesmo. Colocando meus dedos na superfície lisa, eu a vejo fazer o mesmo, parecendo uma estranha. Mas eu a conheço, porque ela sou eu. É meu reflexo.

As palavras de Prince me atingem e, em vez de doer, me cortar até à alma, elas fazem sentido. Elas me abrem, me despedaçam, enterram seu caminho bem fundo e então me destroem, me fazem finalmente perder o peso que estava me segurando como um albatroz. *Esperança.*

Finalmente se foi, não voltou, não ficou mudo atrás de tudo o mais. Ele se foi, desapareceu como areia ao vento. Não há nada, ninguém sobrou. Só eu.

Ele estava certo, a esperança não tem lugar, não com pessoas como eu. Este não é um conto de fadas. Meu príncipe não me salvou, ele me destruiu. Eles se esquecem de dizer que os príncipes podem ser maus, podem pegar seu coração e arrancá-lo de seu peito.

Eu continuo olhando para a mulher no espelho, e tudo se encaixa, a verdade batendo tão forte que rouba o oxigênio dos meus pulmões, os faz doer. Minhas pontas dos dedos ficam brancas com a força de segurar a unidade para me manter de pé.

Enquanto eu estava lutando por Hayden, Jack e Malachi, nunca parei para perceber que ninguém estava lutando por mim. Prince estava certo,



ninguém estava vindo para me salvar. Nunca houve ninguém. O príncipe da minha história me jogou para o dragão. Me vendeu e comprou.

Mas também não sou uma princesa. Eu não sou essa pobre garota chorosa. Minha vida inteira eu tive que lutar, para sobreviver, para trabalhar as regras distorcidas deste mundo. Essa grande luta que eu sempre lutei, dava socos e não acertava nada, enquanto os socos da vida continuavam vindo, me derrubando, me deixando com sangue e machucados. Eu tinha me levantado, estava com as pernas trêmulas, às vezes rastejava, mas consegui, sobrevivi.

É hora do último round.

Um plano começa a se formar e um sorriso de lobo aparece em meus lábios. Não vou deixá-los escolher meu futuro, minha morte. Estou retomando o controle.





Capítulo 23



Lilliana

Quanto mais eu penso, mais agarro todas as peças. Algumas são pedaços de lama, outras escorregam, outras grudam como argila. O plano se torna mais claro.

Eu corro tudo milhões de vezes, a maneira de quebrar sua corrente ao meu redor, reivindicar de volta minha liberdade, minha alma. Vou para o quarto, procurando as roupas cheias de renda, pegando um conjunto rendado roxo profundo e uma camisola transparente combinando. Corro meus dedos sobre seu material delicado. Nunca usei algo tão pequeno, tão sensual. Mas é a parte um do plano.

Eu me sento na penteadeira pela primeira vez, olhando para toda a maquiagem, loção corporal e perfumes, todos de marca e caros. Coloco um corretivo, tentando esconder as olheiras, e um pouco de rímel. Quando vejo



o batom vermelho-sangue, sorrio e pinto meus lábios de vermelho. Passando uma escova pelo meu cabelo, cachos escuros soltos caem sobre meus ombros e nas minhas costas.

Eu dei a Prince meu corpo várias vezes, mas desta vez, eu vou pegar o dele. Vou roubar seus beijos, mapear seu corpo com meus lábios, tê-lo se contorcendo embaixo de mim enquanto vejo a fome crescer. Vou deixá-lo me puxar para sua gravidade, me levar para sua própria órbita e nos arrastar para longe de tudo que nos cerca, nos divide. Deixar as ondas de êxtase nos levarem embora, encherem nossas veias.

Deixar a dor e o prazer se chocarem, nos afogar, até que não haja mais nada. Só nós e o adeus que nunca tivemos. O adeus final.

Respiro fundo antes de engarrafá-lo, reunindo a força e a coragem que tinha quando era mais jovem, antes que a vida me desse seus socos, me empurrasse contra as cordas, antes que os socos continuassem vindo, me deixando abalada, ensanguentada e machucada.

Marcus dá um pulo, com os olhos arregalados, a primeira emoção real que vi em seu rosto nos meses que estou aqui. A máscara que ele usa logo volta ao lugar.

— Leve-me até ele. — Nenhum nome precisa ser mencionado. Marcus sabe a quem estou me referindo. Ele hesita por apenas um segundo, um momento no tempo, antes de usar a ponta de sua arma para me conduzir.



Caminhamos para a ala direita da casa, passando por portas que não tenho ideia do que está escondido atrás delas. Quando noto as portas duplas na minha frente, eu sei que elas levam ao quarto de Malachi. Paro, observando as portas como se já pudesse vê-lo, em pé em um par de calças de pijama de seda preta, torso nu, músculos ondulados, um copo de cristal cheio de líquido âmbar em sua mão enquanto ele está na janela, olhando na direção das luzes ao longe. *Londres. Seu reino*. A cidade que um dia ele governará com punho de ferro implacável, cheia de crime, escuridão e libertinagem.

A ponta da arma na minha lateral me lembra que não estou sozinha. Sem olhar para Marcus, continuo caminhando em direção à porta. Levanto minha mão para bater, mas me paro e, em vez disso, agarro a maçaneta, empurrando as portas abertas.

O quarto está tão completamente envolto na escuridão que levo alguns segundos para me ajustar. Posso sentir seus olhos em mim, passando por cada centímetro da minha pele. Localizo seu contorno, a luz da lua fazendo-o parecer que foi esculpido por mármore, destacando cada curva e mergulho de músculo. Os raios da lua lançam um brilho assombrado em suas feições, fazendo-o parecer tão perigoso quanto é. Meu estômago estremece com a visão. Minha bússola moral é tão confusa quanto eu, porque ela o quer, quer se banhar em seus toques.



Isso não é necessário. Isso sou eu sendo egoísta, pegando o que quero.

E eu o quero. Uma última vez.

Não sei quem se move primeiro, mas chocamos juntos. Suas mãos cavam em meu cabelo, me segurando para que ele possa aprofundar o beijo, foder minha boca. Cada golpe de sua língua envia meu corpo mais alto, me levantando na ponta dos pés, envolvendo meus braços ao redor de seu pescoço, mostrando meu próprio desespero e necessidade. Eu o empurro de volta para a cama, nossa respiração alta, o peito arfando.

Eu ando até à mesa de cabeceira, acendendo a luz, percebendo que quero vê-lo, que quero capturar e memorizar cada olhar, cada som que ele faz. Seus olhos se arregalam, vendo a lingerie roxa. Seus dedos se contraem como se ele estivesse se contendo, e seus olhos se tornam tão selvagens quanto o homem que ele é. Narinas dilatadas, seu corpo todo fica tenso, tremendo com um desejo e necessidade que correspondem aos meus.

Ando em direção à cama e subo em cima dele, espalhando minhas pernas até que estou montada nele, olhando para o homem que eu amei e odiei. Meu amigo, meu inimigo, meu amante, meu captor... tudo enrolado em um pacote pecaminoso e sinistro.

— Lilliana, — ele sussurra contra meu pescoço enquanto lambe e mordisca seu caminho até minha orelha, lambendo a concha antes de morder o lóbulo, fazendo com que um gemido saia dos meus lábios. Seus



dedos apertam em meus quadris enquanto eles começam a balançar. Minha cabeça cai para trás, expondo meu pescoço para ele. Seus lábios se arrastam até o centro, através do meu queixo, antes de deslizar de volta para baixo, passando um tempo beijando, lambendo e mordendo a base, logo acima do meu pulso.

Uma maneira predatória que me dá arrepios.

Eu o empurro de volta, olhando para ele. Seu olhar intenso é quase demais. É como se ele estivesse dentro de mim, vendo cada pensamento, conhecendo cada desejo proibido; o quanto eu o quero e o quanto eu odeio isso. Ele sabe porque a mesma guerra está em seus olhos, refletindo em mim.

Eu deveria sair, virar, ser a precipitada. A guerra leva ao sangue e à dor, e não há dúvida de que será meu sangue que se acumulará no chão, alimentará o solo. Mas estar acima dele, minhas mãos contra seu peito duro, seu batimento cardíaco batendo sob minhas palmas enquanto minhas unhas cavam em seu peitoral... isso me dá um poder que nunca experimentei antes.

Prince está abaixo de mim, me desejando, desesperadamente, e isso me faz sentir poderosa. Neste momento, não sou fraca, pequena, a pequena Lilliana. Sou uma mulher forte que sabe como seduzir um homem, como colocá-lo de joelhos. É eufórico. Eu sinto isso voar em minhas veias quando



me inclino e tomo seus lábios, sem medo de estar fazendo errado ou me comparando com as mulheres que vieram antes de mim. Eu o beijo como se ele fosse meu.

Suas grandes mãos me envolvem, movendo-se para cima e para baixo nas minhas costas, no meu cabelo. Sua cabeça levanta, pressionando seus lábios com mais força contra os meus, como se quisesse fundir nossos lábios, fundi-los para a eternidade. Eu seguro seu rosto, capturando seu lábio entre meus dentes, arrancando um grunhido dele. Suas mãos grandes agarram meu rosto, me segurando, antes que ele pressione seus lábios contra os meus mais uma vez em um beijo lento e sensual, nossos lábios inchados, a respiração entrecortada. Suas mãos se movem para meus ombros antes de puxar para baixo as alças do sutiã, seus lábios e dentes seguindo seu caminho.

Minha cabeça cai para trás quando ele leva meu mamilo em sua boca, a língua circulando enquanto seus dentes puxam, causando tanta dor e prazer que minhas costas arqueiam e eu empurro meus seios para a frente ainda mais. Minhas mãos cavam em seu cabelo, apertando, segurando-o contra mim, e ao mesmo tempo meus quadris balançam contra sua dureza, causando fricção para acender o fogo que só ele pode causar. Mas não é o suficiente.



— Por favor, — sai dos meus lábios, como uma maldição. Seus quadris se levantam enquanto ele puxa para baixo as calças, revelando-se. Seu pau bate contra seu estômago, fazendo com que perca o fôlego. Ele agarra a base, apertando, antes de dar um golpe forte. Vejo uma gota de esperma cair em seu eixo, e não posso deixar de lamber meus lábios, querendo provar. Meus olhos vão para os dele, para vê-los me observando, cheios do calor do inferno dentro deles. Ele me dá um aceno de cabeça, sabendo o que eu quero.

Eu me movo para trás, abaixando minha cabeça, colocando minha língua para fora para tomar meu primeiro gosto dele. Estou chocada com a maciez, a seda cobrindo o aço. Coloco minha mão ao redor dele, ao lado da dele, enquanto abro minha boca, então abaixo minha cabeça antes de puxar de volta para cima e repito o movimento. Sua outra mão envolve meu cabelo e seus quadris levantam, fazendo-me tomar mais dele, meus olhos lacrimejando. Eu lambo a veia espessa, sacudindo a cabeça algumas vezes, antes de deslizar meus lábios de volta sobre ele.

— Porra! — Ele geme, me puxando de uma vez. A expressão selvagem em seus olhos se tornou letal, me mostrando que todas as vezes antes, ele estava se contendo. Mas essa restrição foi quebrada.

Ele me levanta, antes de me puxar para baixo sobre ele, com força, fazendo-me gritar enquanto ele me enche. Seus dedos seguram meus



quadris com força enquanto ele rola os seus, pressionando onde eu mais preciso dele e fazendo com que um gemido devasso saia da minha boca, antes que ele me levante e me empurre de volta para baixo. Isso rouba o fôlego dos meus pulmões e o prazer percorre meu corpo. Agarro seus ombros antes de levantar meus quadris, encontrando meu próprio ritmo. Nossas estocadas se encontram, fazendo com que o fogo selvagem se liberte, passando por mim em velocidade. Minha boca se abre quando o orgasmo toma conta de mim, me afogando.

— Malachi. — Seu nome me deixa antes que eu possa impedi-lo, fazendo-o congelar embaixo de mim. Cada músculo fica tenso, e então ele agarra meu rosto, tirando meu cabelo úmido do caminho antes de reivindicar meus lábios com uma necessidade desesperada. — Diga isso de novo, — ele rosna contra minha boca, apenas separando nossos lábios. Já sabendo o que quer, seu nome sai dos meus lábios em angústia.

Ele me vira para que eu fique de costas, e entra em mim novamente. Os músculos de seus braços e pescoço se tensionam enquanto suas estocadas ficam selvagens, com força suficiente para me mover pela cama, como se ele estivesse tentando me marcar. Sua cabeça cai para trás em um rosnado e seu estômago aperta, antes que meu nome saia de seus lábios em um sussurro, uma oração.



O êxtase rasgando nossas veias passa, deixando a verdade para trás. Não somos amantes. O quarto é banhado pela escuridão mais uma vez com um clique do botão. Um braço grosso vem ao meu redor, me puxando contra um peito duro, tão apertado que parece que as cordas nos unem. Eu congelo, nem mesmo respirando, quando sinto sua respiração fazer cócegas em minha orelha.

— Durma. — Outra ordem, o oposto completo da suavidade do beijo na minha têmpora. Sinto meus olhos ficarem pesados antes que o sono tome conta de mim.



Capítulo 24



Lilliana

Acordo envolta em lençóis de seda, meu corpo dolorido. Malachi estendeu a mão para mim mais duas vezes durante a noite. Mesmo com a dor em meus músculos, arrepios ainda se espalharam pela minha pele com o pensamento de como suas mãos me tocaram, a forma como seus beijos deixaram meus lábios machucados e inchados. Nunca cheguei a dizer adeus a Hayden, nem a Jack, e ontem à noite foi meu adeus a Malachi.

Ao som do chuveiro desligando, eu fecho meus olhos, me escondendo da realidade, não querendo arriscar que ele seja capaz de ver a verdade. Ouço passos vindo em minha direção, o peso de seu olhar sobre mim enquanto tento equilibrar minha respiração. Quando o sussurro suave de seus lábios brisa em minha têmpora, quase abro os olhos com o toque, estendo a mão para ele.



O som de seu telefone o faz praguejar. Eu o ouço se mover pelo quarto, sua voz abafada.

— Ei, cara, tudo bem? — O som de sua voz abriu meus olhos. Ele está de costas para mim, sem tensão em seus músculos, corpo relaxado enquanto encosta o ombro contra a parede, então uma risada baixa e estrondosa vem dele, do que quer que a pessoa do outro lado esteja dizendo. Eu franzo a testa enquanto o ciúme me envolve como uma cobra. Eles foram capazes de fazê-lo rir. Ele está livre perto deles. Eu fecho meus olhos novamente quando o vejo se virar.

— Sim. — Ele solta um suspiro profundo e, mesmo sem vê-lo, sei que ele está passando os dedos pelos cabelos. — Não! — Ele grita. — Eu não faço nada estúpido! — ele rosna, mas ainda há algum calor em sua voz. — Sim, você também. — Eu posso ouvi-lo sorrindo. Em todo o tempo que estive aqui, não vi seus lábios sequer se contraírem, nem se assemelharem a um sorriso verdadeiro.

O telefone cai na penteadeira e ele pragueja. Mantenho meus olhos fechados enquanto ele se move ao redor da sala, se preparando, seguindo cada som seu. Quando o sinto olhando para mim, não movo um músculo, mal consigo respirar, esperando que ele me chame. Em vez disso, ouço a porta se abrir e o ruído surdo de sua voz, seguido pela resposta de uma palavra de Marcus.



Saio da cama, enrolando o lençol de seda em volta de mim enquanto caminho até à janela, vendo Malachi abrindo a porta do carro. Quando ele está prestes a entrar, ele para. Seus olhos se voltam para a janela, me vendo. Observamos um ao outro e é quase como se soubéssemos o que o outro está pensando.

Que este é o adeus final.

Ele franze a testa enquanto me estuda, dando um passo como se estivesse vindo em minha direção, quando tira o telefone do bolso da calça. Olhando para o identificador de chamadas, suas feições endurecem. Fecho a cortina com a lembrança de quem ele é.

Abro a porta para ver Marcus parado ao lado da parede, endireitando-se quando me vê.

— Sabe, se eu fosse fugir, poderia pular pela janela. — Ele bufa, seguindo atrás de mim. Eu me viro para encará-lo. — Também te vejo. — Seus olhos se arregalam, a boca abre, antes de se fechar, os lábios se transformando em uma linha fina enquanto seus olhos se estreitam. Um olhar letal aparece em seus olhos.

Pode ter me assustado pra caralho dois dias atrás, mas sabendo que minha vida está se esgotando como areia em um cronômetro, eu fico parada em vez de recuar. — Eu sinto muito - por tudo o que te machucou tanto. — Eu não sei o que me faz inclinar para a frente - talvez eu tenha enlouquecido



- mas envolvo meus braços em volta de Marcus, seu corpo sólido como pedra, imóvel como uma estátua.

Eu não olho para ele enquanto fecho a porta do meu quarto, inclinando minha cabeça contra a madeira, deixando escapar um suspiro profundo antes de me dirigir em direção ao banheiro. Eu preparo um banho, enchendo com sais de banho, aproveitando tudo que há aqui.

Abaixo meu corpo na banheira, deixando o calor envolver meu corpo dolorido. É então que vejo os hematomas roxos contra meus quadris, um em cada um dos meus ossos do quadril, quatro nas costas. Corro meu dedo sobre eles, lembrando-me de como era seu toque, como se ele estivesse segurando, nunca querendo me soltar. Eu me pergunto se ele tem marcas iguais nos ombros. O pensamento faz meu estômago revirar enquanto me pergunto se também o tinha marcado como meu. Sim, estou confusa.

Depois de mergulhar até que meus dedos fiquem enrugados, saio, limpando o vapor do espelho, observando enquanto meu rosto muda do meu para o de Hayden e o de Jack. — Eles vão pagar.

Coloco minha maquiagem como se fosse para a guerra. Depois de anos entrando no complexo, conheço o visual que as mulheres usam e o aperfeiçoo; olhos cinza esfumaçados, lábios vermelhos escarlates, vestido cinza justo e salto agulha combinando. Coloco um volume extra no meu cabelo e grandes cachos que saltam quando caminho.



Eu sei - na verdade, tenho certeza - que hoje é o dia em que morro. É uma sensação estranha, quase como alívio. Não serei mais o fantoche de alguém; não terei mais que lutar uma luta que não tenho chance de vencer. Eu estarei livre disso. Com esse pensamento, uma pontada de pavor passa por mim, me fazendo franzir a testa.

Antes que eu possa digerir o que isso significa, abro a porta. Marcus se levanta, engasgando com nada enquanto me observa.

— Você pode me levar para o complexo? — Seus olhos se arregalam ainda mais, quando ele percebe que estou falando sério.

— Não! — Ele grita, olhando em volta enquanto agarra meu braço, me fazendo gemer. Ele tenta me empurrar para trás, e o agarro enquanto meus calcanhares balançam com a força dele.

— Ela está se comportando mal? — Ambas as nossas cabeças se viram para ver Declan caminhando em nossa direção. Eu fico olhando para ele, olho em seus olhos e vejo ódio completo e absoluto ali. Ele quer me punir por crimes dos quais eu não tenho ideia. Você não odeia alguém do jeito que ele me odeia sem razão, mas o que ele pensa que eu fiz, não tenho ideia.

Em vez de tentar descobrir de onde vem seu ódio, deixo as palavras escaparem. — Eu queria ir para o complexo. Foi uma ideia boba.



Sinto Marcus ficar tenso ao meu lado enquanto Declan responde: — Não, eu acho que é perfeito. — A maneira como ele diz isso me faz esbarrar em Marcus, que pragueja baixinho.

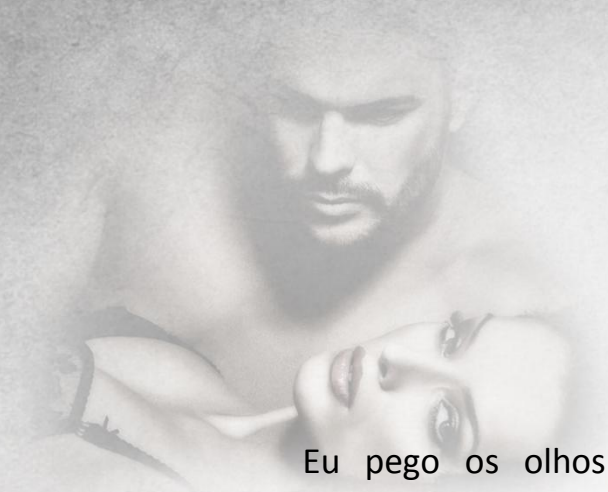
Lembrando do plano, dou um passo em direção a Declan.

— Você pode me levar? — Aquele sorriso malicioso desliza por seu rosto, fazendo-o parecer ameaçador enquanto estende o braço para liderar o caminho. Eu passo, segurando minha bolsa perto, orando aos deuses em que eu não acredito para que ele não verifique minha bolsa e veja o revólver que roubei do estoque de Malachi esta manhã. Ele tem uma coleção e tanto.

— Você não sabe o que está fazendo. — O hálito quente de Marcus sussurra em meu ouvido enquanto Declan assume a liderança para o carro.

— É isso aí! Pela primeira vez em semanas, eu sei o que estou fazendo! — Ele abre a boca para falar, quando Declan se vira para olhar por cima do ombro, parando qualquer coisa que ele vá dizer. Deslizo para a parte de trás do carro, olhando para minha gaiola. Certamente é linda.

Sinto outro puxão no meu estômago quando o carro dá a partida, como se esta fosse minha segurança. Estou errada em deixá-la. Minhas mãos coçam para agarrar a maçaneta, pular e correr de volta para a casa, minha prisão. Eu sou o passarinho que todos os dias desejava poder voar, que alguém abrisse sua gaiola, para descobrir que estava mais segura na gaiola o tempo todo?



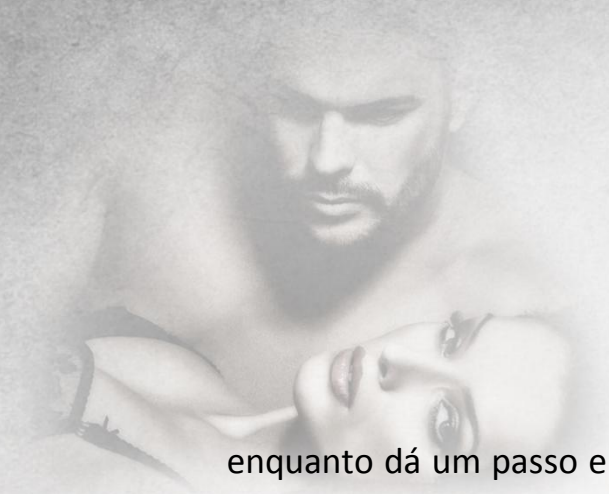
Eu pego os olhos de Marcus, aqueles orbes ricos de chocolate parecendo impressionados e com raiva, se isso for possível, como se ele conhecesse meu plano e estivesse impressionado com ele, mas com raiva que eu fosse tão estúpida como se ele estivesse tentando me dizer algo, alguma conversa secreta que eu não consigo entender.

Quando chegamos fora do complexo, ainda é tão grande e assustador quanto eu me lembro. Há algo sobre a aparência gótica do edifício, mesmo que pareça com toda sua grandeza e janelas de guilhotina. Tem uma vantagem ameaçadora. Talvez seja o nome Kingston que trouxe isso.

— Com medo, pequena Lilliana? — A voz de Declan me faz pular, fazendo-o rir enquanto abre a porta. Eu saio e vou seguir quando Marcus agarra meu braço. Eu olho entre ele e o complexo. Uma lágrima cai, queimando meu rosto.

— Ele levou todos eles embora, — eu sussurro, sem saber por que estou derramando meus segredos na frente de um lugar que está se afogando neles. É irônico.

Assim que me viro, seu aperto aumenta como se ele quisesse me impedir. Um sorriso fraco estica meus lábios. — Sim, eu meio que gosto de você também. — Ele solta meu braço como se eu o tivesse queimado, balançando a cabeça. Seus lábios se curvam em um sorriso de escárnio



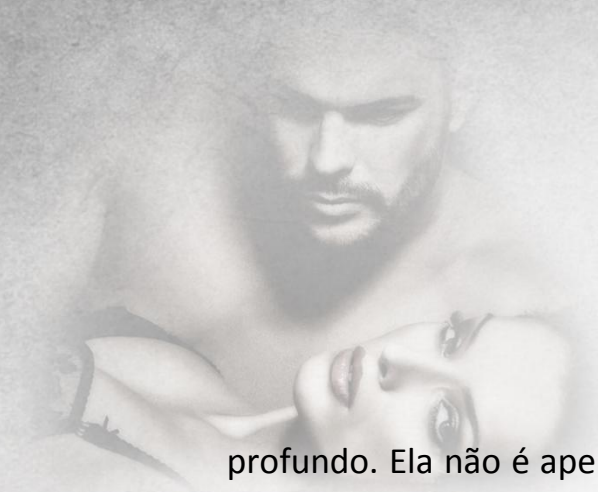
enquanto dá um passo em minha direção, me empurrando contra a parede, me prendendo.

— Não me leve pensando que você é uma idiota por gostar de você. Não estou aqui para assistir ou me preocupar com sua bunda. Sou eu que vou limpar a bagunça que você faz. — Antes que eu possa filtrar meus pensamentos, ele se inclina ainda mais perto, mostrando os dentes com uma declaração que me tira o fôlego. — Não se engane, será o seu sangue que vai derramar.

Meu peito está arfando, o coração batendo forte enquanto suas palavras afundam, até os meus ossos.

Eu olho para a porta mais uma vez, antes de endireitar minhas costas. — Certifique-se de chorar muitas lágrimas. — Eu sorrio, sentindo aquele sentimento de desprendimento tomar conta de mim novamente enquanto todas as dúvidas me deixam.

Abrindo a porta, a música me atinge primeiro. Frank Sinatra. O favorito de Gage. Respiro fundo, caminhando pela área do bar, vendo algumas pessoas levantarem suas cabeças, olhos arregalados com o que pode ser uma lembrança. Paro quando vejo Malachi no canto com uma mulher. Como se estivesse me sentindo, ela olha. Os longos cabelos negros caem pelas costas como um lençol de seda. Ela tem um rosto em forma de coração com maçãs do rosto definidas, olhos azuis safira e um tom de pele morena



profundo. Ela não é apenas bonita, é de tirar o fôlego. Vejo quando Malachi agarra sua mão com o mais gentil dos toques, fazendo sua cabeça virar para trás em direção a ele, um sorriso suave em seus lábios.

O ciúme bate em mim como um trem de carga. É quando a verdade me atinge.

Quero enfiar uma lâmina em seu peito.

Eu quero beijar seus lábios sensuais.

Quero desenterrar seus olhos.

Quero que ele nunca pare de olhar para mim.

Quero cortar a língua dele.

Quero seus sussurros sombrios.

Quero que ele me deixe ir.

Quero que ele me mantenha para sempre.

Eu o odeio.

Eu o amo.

Eu odiava que o amava.

Eu adorava odiá-lo.





Capítulo 25



Lilliana

A verdade está na área entre nós. Ele ainda detém o poder, ainda pode me machucar e me destruir, porque eu ainda o amo. Meu estúpido coração é um traidor. Ele me traiu, me comprou, me quebrou, me consumiu. Certificou-se de que cada pedaço irregular fosse consumido por ele.

A mulher olha para mim mais uma vez, uma pequena carranca entre as sobrancelhas arqueadas. Limpo com raiva a lágrima que eu nem tinha percebido que havia caído.

Eu me viro, colocando minha mão na minha bolsa enquanto entro no quarto dos fundos. Vejo os homens com quem cresci, homens que às vezes me roubavam caramelos ou batiam na minha cabeça e sorriam. Eu olho cada um deles nos olhos. Alguns olham de volta, outros abaixam a cabeça de



vergonha. Passo por todos eles, segurando minha cabeça erguida e ombros para trás, desfilando pelo corredor.

Quando paro em frente à porta, espero que uma música assustadora comece a tocar, assim como nos filmes, aquela melodia assustadora quando o perigo está escondido atrás da porta.

Então ela se abre e o próprio rei me encara de volta. Gage Kingston.

— Lilliana. — Sua voz não me surpreende enquanto ele empurra a porta, e eu percebo que o lugar está coberto de câmeras; ele provavelmente tinha me visto chegando. Eu atravesso, e seus olhos passam por mim. — Você cresceu muito bem, Lilliana.

A maneira como ele diz meu nome faz meu estômago revirar e a bile subir. Ele me observa vagarosamente, seus olhos fixos no meu corpo. Os rumores são de que Gage gosta de suas garotas jovens, algumas muito jovens, que ele tem uma casa de prostituição e vende garotas no mercado negro.

Ignorando o comentário, observo enquanto ele caminha ao redor de sua mesa. A maioria das mulheres daria uma segunda olhada nele, o consideraria bonito. O tom do cinza em suas têmporas não prejudica sua aparência, acrescenta a ela, como um bom vinho que fica melhor com o tempo. Ele possui um carisma que não pode ser forjado ou replicado. É algo que é só ele.



Ele se recosta na cadeira, acariciando o queixo. — Se se trata de dinh...

Eu o interrompi com uma risada. — Dinheiro! Você acha que eu viria aqui implorando por qualquer coisa de você?

Seus olhos se arregalam um pouco com o meu tom, antes de suas sobrancelhas subirem e um sorriso cobrir seu rosto. — Você sempre teve mais coragem do que Jack. — Ele ri, fazendo minha mandíbula apertar e cerrar os dentes.

A raiva bombeia através de mim em seu rosto sorridente.

Eu puxo a arma, observando o riso parar de uma vez. A crueldade cobre suas feições, uma expressão em seus olhos que os torna letais. O homem na minha frente é o homem que todos em Londres, além disso, temem.

— Você vai morrer por isso. — Eu não sou idiota. Eu sabia que não poderia entrar aqui, apontando uma arma para Gage, e depois pular no meu caminho alegre.

— Você acha que eu vim aqui sem saber disso? Eu não sou Jack. Sempre soube quem você é! — Sua mandíbula lateja enquanto ele tenta parecer relaxado.

— Então você sabe que vou torturá-la, fazer você implorar por sua vida. Vou até foder essa boceta apertada com essa mesma arma antes de estourar seus miolos.



Meu lábio se curva. — Você não me assusta.

Seus olhos se arregalam, vendo a verdade nos meus. Ele cheira o medo da mesma forma que um tubarão cheira sangue.

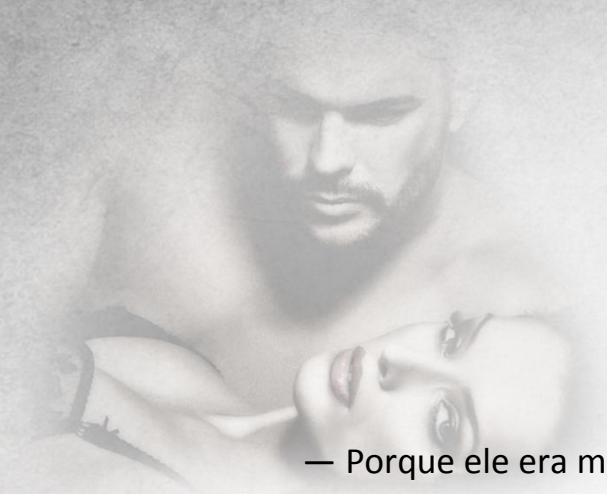
— Você sabe como é complicado atirar em alguém? — Encolho os ombros, mantendo a arma firme nele. Ele franze a testa com a minha atitude descuidada, mas eu já estou à frente dele, sabendo que ele está ganhando tempo, esperando que seus pequenos lacaios corram e o salvem. Ele não tem ideia de que não vai sair desta sala.

— Por quê? — A pergunta passa pelos meus lábios, e odeio a maneira como ela treme. Ele sorri, de pé. É a questão premente. O que eu quero, preciso.

— Jack nos devia. Você conhece este mundo. Não banque o papel de vítima agora, Lilliana. — Sim, ele está certo. Eu conheço o mundo em que vivemos, conheço as punições por não pagar.

— Ele era seu amigo! — Gage revira os olhos.

— Ele não era nada mais do que um parceiro de negócios, e não era bom nisso. — Ele sorri. — Eu te fiz um favor. Você está finalmente livre dele. Eu nunca entendi por que você pagou a fiança dele como fez. — Ele balança a cabeça, quase como se estivesse desapontado.



— Porque ele era meu pai. Você não acha que Prince faria o mesmo por você, ficar lá e assistir o homem que matou seu pai, matou seu irmão, deu seu último suspiro? — Sua cabeça vira em minha direção, seus olhos letais. Eu inclino minha cabeça para o lado. — Você não acha que ele faria. — Eu rio, e soa mal. — Depois de tudo que você fez, ele ainda não vai entrar na linha, vai? — O rosto de Gage fica vermelho, a veia em sua têmpora pulsando.

— Você o levou embora! Você e seu irmão. — Ninguém vai dizer o nome dele.

— Hayden. O nome dele é... era Hayden! — Eu grito, dando mais um passo à frente. — Foi por isso que você o matou. — Ele sorri, mas desta vez é tenso. Linhas se formam ao redor de seus lábios.

— Por que você e meu filho estão tão decididos a pensar que fui eu, eu não sei. Mas eu não o matei, não acertei Hayden. — Ele parece entediado, como se esta fosse uma conversa que ele teve repetidamente.

A porta se abre e Malachi entra na sala, seus olhos se voltando para a arma em minha mão.

— Lilliana. — É como um chicote na minha pele, como se a força por si só pudesse quebrar minha pele, como se ele esperasse que eu caísse de joelhos e pendurasse a cabeça em submissão. — O que você está fazendo? — ele pergunta, e eu juro que há uma pitada de medo em sua voz.



— Oh, você está preocupado com papai querido, quando você coloca o meu debaixo de terra.

Gage bufa. — Ele não está preocupado comigo. Ele sabe que hoje será o dia em que você morrerá. — Ele fala como se estivesse completamente entediado com a situação. Eu balanço minha cabeça.

— Ele não se importa comigo. Você o pegou, o transformou no Príncipe Negro. — Eu seguro a arma na minha mão. — Você levou todos eles. — Uma única lágrima cai pela minha bochecha. Fecho meus olhos contra a dor que começa a me consumir, quando um grande corpo me ataca, e um som de fogos de artifício bem próximo ao meu ouvido dispara.

Minha respiração é roubada quando um grande corpo pousa em cima de mim. — O que diabos você pensa que está fazendo! Garota estúpida, corajosa pra caralho, linda. — Suas palavras me pegam desprevenida enquanto ele segura meu rosto entre as mãos e pressiona ferozmente seus lábios contra os meus, antes de me puxar para cima.

Eu pisco, tentando descobrir o que diabos aconteceu, quando um gemido chama minha atenção. Olho para ver Gage caindo na parede, uma faixa vermelha fluindo dele. Eu vou correr para ele por instinto, mas Malachi agarra meu braço, pegando a arma assim que Declan e Marcus correm para o escritório.



— Você atirou nele. — Os olhos de Declan ficam selvagens, mas há algo mais escondido lá, quase como se seus olhos estivessem sorrindo. Malachi balança a cabeça.

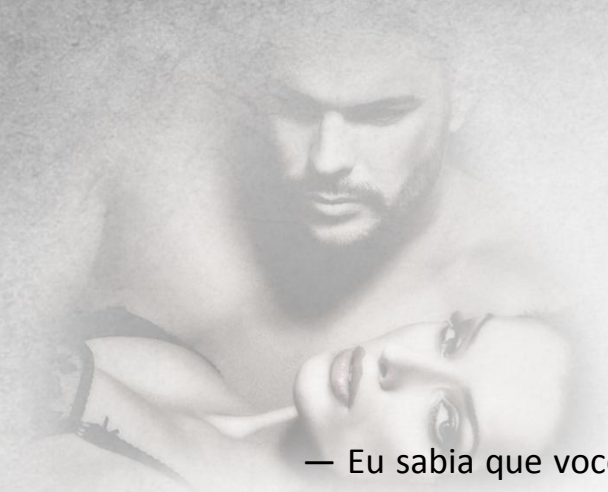
— Fui eu. Ela não atiraria nele. É a pequena Lilliana. — Suas palavras me fazem franzir a testa com o tom de zombaria que ele está usando. Declan nos estuda antes de concordar, aceitando as palavras de Malachi.

Abro minha boca, mas Malachi corta qualquer coisa que eu ia dizer.

— Leve-a para a sala dos fundos. Eu preciso falar com meu pai.

Observo, surpresa, enquanto Gage se senta caído contra a parede, segurando seu peito. Um rio vermelho flui por entre seus dedos. Seus olhos estão em mim, mas ele não diz uma palavra, apenas balança a cabeça, mostrando um sorriso manchado de sangue.

Declan agarra meu braço. — Eu não sou o guardião do seu animal de estimação, — ele rosna antes de me puxar pelo complexo, passando-me para Marcus enquanto ele segue em frente. Passamos pela mulher com quem vi Malachi. Ela levanta uma sobrancelha, quase como se estivesse impressionada. Eu não deixo de perceber a maneira como seus olhos se voltam para Declan, enquanto a dor cobre suas feições. Eu vejo como ele tropeça ao vê-la. Ninguém mais notaria.



— Eu sabia que você seria um problema, — Marcus sussurra enquanto me puxa pelo corredor. Ele abre a porta e eu sou empurrada para dentro.

A sala é pequena, nada aqui além da porta de aço. O evento passa pela minha cabeça em um loop constante; Palavras de Gage... Malachi estava com medo de que eu morresse? Não faz sentido. Eu sou sua prisioneira! Ele tinha me comprado! Mas Gage tinha tanta certeza de que ainda se importa comigo e com Hayden. Mas Malachi foi acusado da morte de Hayden, matou meu pai. Palavras de Malachi: *estúpida, corajosa pra caralho, linda garota*... Todas elas perfuram meu coração.

— Oh meu Deus. — Meu suspiro ecoa pelas paredes de concreto.

— Ele estava me protegendo? — Eu sussurro, com muito medo de falar mais alto quando começo a andar.

— Ele sabia que Jack estava com pouco tempo, sabia que eles viriam atrás de mim. Ele me comprou para me proteger.

Eu balanço minha cabeça enquanto as lágrimas correm pelo meu rosto. Esta esperança está em sua forma mais brilhante? Esta é outra ilusão? Posso ousar acreditar no que meu coração está gritando, embora minha mente esteja confusa no emaranhado de mentiras e enganos?

Eu trabalho com tudo, tentando navegar entre o que é real e o que não é. — Ele não matou Hayden. Eles eram melhores amigos, irmãos.



As palavras escapam, sem fazer sentido enquanto tento encaixar tudo.

— Gage não matou Hayden. Ele sabia que forçar a mão de Malachi não o traria para a família. — Malachi sai lutando quando empurrado para um canto. Gage sabia disso. Sim, ele pode ter ameaçado Malachi com a gente, mas no final, Gage sabia que nunca teria a única coisa que queria: um verdadeiro herdeiro. Assim que Gage estivesse morto, Malachi iria rasgar tudo o que ele conseguisse em pedaços, destruindo-o. O nome Kingston não passaria de uma história contada sob os cobertores com uma tocha na hora de dormir, para assustar seus amigos. O legado que Gage havia construído seria enterrado com ele.

Sim, ele tirou a vida de Jack, como pagamento, para mostrar que ele não era fraco. Ele não podia deixá-lo escapar impune. Ele sabia que os inimigos fariam um círculo, pensando que ele tinha amolecido. Ele estava fazendo uma declaração, dizendo que os pagamentos de ninguém ficaram sem pagamento, nem mesmo aqueles que eram mais próximos a ele. Essa crueldade, é de onde veio o medo que seu nome trouxe a todos.

Mas Hayden era diferente. Ele nunca deveu nada a Gage. O que estou perdendo? Quem tinha a conexão com Hayden? Quem no Império Kingston teria tanto ódio contra meu irmão para matá-lo, derramar seu sangue nas ruas para todos verem?



Eu me viro para o clique de metal da porta. Luz me cega quando a figura entra na sala. O ar é forçado para fora dos meus pulmões quando percebo o erro fatal que cometi, quando olho para cima, encontrando seus olhos.

— Você.

Ele responde com um sorriso doentio.



Capítulo 26



Prince

Olho para o homem que teve uma parte na criação de mim, a palidez de sua pele, o suor escorrendo de sua têmpora, sua respiração áspera. O bastardo está sangrando. Eu me agacho na frente do homem que todos temem. Agora, ele apenas parece ter sua idade, velho.

— Deveria ter se aposentado, meu velho. — Eu sorrio, e seus próprios lábios se erguem em um sorriso de escárnio, mostrando seus dentes manchados de sangue.

— Eu sabia que este lugar me reclamaria. Sempre foi o plano. — Ele fala como se fosse um herói que morreu salvando o mundo. Tosse, enviando sangue pelo rosto, e alguns respingos me atingem. Eu deveria estar enojado, recuar de horror, mas crescendo neste lugar, o sangue realmente é como o vinho. Eu vi tanto ao longo dos anos que agora é tão familiar quanto o nascer



do sol. Pensamentos perturbadores talvez, mas é a verdade fria e dura do meu mundo, aquela que ele fez, construída sobre o sangue dos outros. De jogos de azar, tráfico de drogas e mulheres a jogos de morte subterrâneos, este é o seu próprio pedaço do inferno na Terra. Ele ficou lá em cima e observou enquanto o sangue corria como um rio vermelho a seus pés, sob seu comando.

Eu nunca quis que o nome Kingston, o que significava carregá-lo, me tornasse o homem em que me transformei.

Tudo mudou quando ele atingiu Hayden, matando-o. Eu sabia que Lilliana não estava segura; ela também estava em uma contagem regressiva.

Eu nunca vou esquecer de ver aquela íris cinzentas doendo, as lágrimas que encharcaram seu rosto, a dor que gravou cada uma de suas belas feições quando ela soube da morte de seu irmão, seu assassinato.

Ele assassinou meu melhor amigo, em todos os propósitos meu irmão, e rasgou o peito de Lilliana antes de arrancar seu calor latejante. Foi naquele momento, enquanto eu observava a mágoa e a dor mudá-la, matar algo dentro dela, que tomei minha decisão de atravessar, de me tornar tudo o que eu havia lutado, odiado.

Eu tinha que entrar em seu império, mais perto de meu pai, ganhar sua confiança e buscar em sua cabeça as respostas, antes de destruí-lo. Observar



enquanto ele fica olhando seu único amor queimar até o chão ao seu redor, virar cinzas e perceber que sou eu quem está segurando o fósforo.

Gage era teimoso e não há mais ninguém para assumir. Ninguém mais seria um Kingston, teria seu sangue, seria seu herdeiro, carregaria o DNA doente que ele havia transmitido. Ele é dos antigos, Iris sendo uma menina, significava que ela não vale nada para ele.

Gage começa a rir enquanto mais sangue escorre de sua boca. — Eu nunca menti. Eu sabia que nunca faria você se curvar a mim tirando Hayden ou Lilliana. — Ele zomba de seus nomes. — De volta à parede, você sai lutando. Você pode odiar, mas é mais parecido comigo do que pensa, filho. — O vermelho escorre de seus lábios enquanto ele engasga com seu próprio sangue.

— Mesmo morrendo você não pode dizer a verdade! Eu não sou como você! — Sua cabeça cai para trás, batendo na parede.

— Sim, você é. Suas mãos não estão limpas; você matou homens, torturou-os. Eu vi o olhar em seus olhos enquanto você fazia isso. Você pode odiar, mas anseia por esse poder. Você se alimenta disso. — Ele sorri, ofegante, sua respiração saindo em ofegos curtos e afiados enquanto afunda ainda mais na parede, deixando uma faixa vermelha atrás dele.



— Você sempre a amou. Eu vi você lutar, mas você não conseguiu. Ela é sua fraqueza. Você não podia deixá-la sozinha. Não serei eu quem a destruirá. Será você.

Eu franzo a testa, fechando minha boca com força, porque eu não sabia que ele sabia tanto, e esse pensamento envia um arrepio na boca do meu estômago. Ele está certo, eu amei Lilliana muito antes do que deveria, vi como o amor que ela tinha por mim se transformou de inocente em algo que combinava com o meu; consumindo alma, esmagando, imprudente. Fez com que pensasse em nada além deles, incapaz de me concentrar na tarefa mais mundana. Manteve-me prisioneiro. Mas era tudo que eu queria e muito mais. Ele está certo, eu não sabia como deixá-la ir.

Não sei quando caí, só sabia que havia caído e não havia nada que pudesse fazer a respeito. Ela era meu vício, minha própria marca de droga mais potente do que qualquer outra coisa que já tive. Um gosto de seus lábios fez meu corpo desejá-la. Aos dezesseis anos, ela me torceu por cima dela. Cada parte de mim queria possuí-la, consumi-la, até que ela pudesse ver apenas a mim, até que ela não pudesse respirar sem mim. Até que enchesse suas veias, a batida de seu coração. Até ela ficar tão viciada quanto eu.



Hayden teria me estripado se soubesse o que eu pensava sobre sua irmã; não havia ninguém mais neste mundo que ele amasse mais. Ele não iria entender, acredite.

Hayden tinha visto a maneira como as mulheres se atiravam em mim e como eu aceitava suas ofertas mais vezes do que gostaria de admitir. Como eu as usei, seus corpos.

Eu não a entendi. Ela era 12 anos mais nova que eu, mas com um toque de seus lábios macios nos meus, ela apagou todas as outras antes dela. A maneira como ela olhou para mim, foi como se ela me visse, não o nome, mas eu, o homem. Cada desejo escuro, cada segredo proibido, tudo! Ela viu tudo.

Naquele dia no meu apartamento, enquanto ela me implorava para me deixar amá-la, aquelas palavras que saíram de seus lábios mudaram algo dentro de mim. Sempre fui protetor com ela, mas agora me sentia primitivo. Meu sangue se transformou em lava, queimando por mim. Tudo em mim queria marcá-la, reivindicá-la como minha. O beijo dois dias antes selou seu destino. Ela era minha.

Hayden, meu pai, todos eles que se danem. Um gosto de seus lábios não era suficiente, nunca seria o suficiente. Ela causou uma fome que manteve meu corpo prisioneiro, apenas satisfeito por ela. Uma necessidade que me fez sentir imprudente. Eu ansiava apenas por vê-la, por estar perto.



Observei o amor desaparecer e o ódio crescer, quase senti um alívio, porque não temia nada além dela. Gage está certo, Lilliana é minha fraqueza, meu calcanhar de Aquiles.

Todo mundo sabia que Jack estava com tempo limitado e minha garota estúpida e corajosa iria defendê-lo, morrer protegendo-o, porque ela é assim. Ela ama ferozmente de todo o coração. Depois que você entra, ela nunca mais vai deixar você ir.

Eu não poderia reivindicá-la como minha; isso pintaria um grande alvo vermelho em suas costas. Muitos inimigos à espreita nas sombras. Então, eu a comprei. Sim, uma verdadeira história de amor.

Ela viu o monstro que eu havia me tornado e ainda procurava pelo homem que ela amou, o homem pelo qual ela não perdeu as esperanças. Mesmo esmagada, derrotada, quebrada, ela ainda tinha esperança por mim. Mesmo que ela mesma não soubesse. Lilliana me odiava, isso não era uma mentira. Mas o amor e o ódio estão tão próximos, gêmeos nascidos da mesma emoção. Eu também a odeio; odeio a maneira como ela me faz sentir tanto quanto eu desejo. Como um viciado, não posso chutá-la. Eu me coço para sentir aquela onda correr em minhas veias quando ela luta de volta, ergue seu queixo minúsculo em desafio, para ver a raiva em seus olhos se transformar em um calor furioso.



Como seus dedos se agarram a mim, a guerra em seus olhos para me afastar. Mas ela não pode. A conexão entre nós é muito poderosa.

Odeio a tristeza em seus olhos, as perguntas na ponta da língua que ela nunca fala, a maneira como seus olhos procuram o homem que ela acredita que a salvará, seu príncipe. O jeito que ela puxa para dentro de si mesma, mas seus olhos ainda mostram todas as emoções cruas.

Ela acha que eu desapareci nos últimos sete anos, mas eu a mantive de olho, fiz Marcus segui-la para me manter atualizado. Quando eu não estava fazendo o negócio sujo do meu pai, eu a seguia como um perseguidor doente enquanto ela voltava do trabalho para casa. Observei a forma como seu cabelo esvoaçava em seu rosto com a brisa, querendo sair e esfregar a testa franzida entre suas sobrancelhas, envolvê-la em meus braços, tirar a tristeza de seus olhos. No entanto, ela sempre foi tão forte. A vida quebra as pessoas, derruba-as, tira pedaços delas até que não tenham ideia de qual é o caminho para cima. A vida não tinha sido boa para Lilliana. Ela havia lutado mais do que a maioria e não se curvou à tempestade. Em vez disso, ela o observou se aproximando, manteve-se firme e segurou-se enquanto ele a golpeava e a tirava do curso. A vida que ela recebeu a mudou, tirou pedaços dela e a tornou mais forte. A mulher que agora vejo.

Claro, os homens mostraram interesse. Lilliana não era apenas bonita, mas algo que estava escondido sob a superfície trouxe todos os instintos



primitivos em você, fez com que cada desejo carnal despertasse. Tornava difícil respirar quando ela não estava lá. Ela é tão rara quanto um diamante negro.

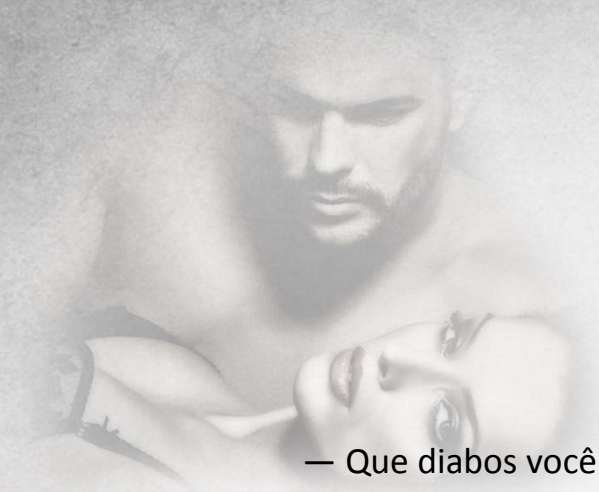
Qualquer um que demonstrasse interesse, garanti que soubessem a quem ela pertencia, coloquei uma palavra baixa em seu ouvido. Ninguém toca o que é meu. O que sempre foi meu. Sim, eu era um bastardo e nunca reivindiquei nada diferente.

Ainda me chocou que ela manteve sua virgindade, e depois de ver seu sangue misturado com meu esperma, qualquer dúvida foi apagada. Eu seria o primeiro e último a sentir seu calor em volta do meu eixo, ouvir aqueles doces gemidos e ruídos que ela fez enquanto empurrava dentro dela, enchendo-a até que não houvesse espaço entre nós. Aquele que ela se contorceu por baixo, que a provou.

Tudo isso pertence a mim.

Gage começa a rir, parecendo perturbado com os lábios e dentes manchados de sangue.

— Você não entendeu. — Ele continua rindo como um maníaco. — Você tem olhado para a pessoa errada o tempo todo. — Uma sensação de frio na boca do estômago começa a crescer.



— Que diabos você está falando? — Eu o sacudo como se ele fosse uma boneca de pano. — Conte-me! — Seus olhos rolam enquanto ele luta contra o ceifador que vem para reivindicá-lo.

— Eu nunca fui aquele com a adaga nas suas costas. Você deveria ter olhado mais de perto. Você não é o único... — Os gorgolejos param o resto de suas palavras antes que ele caia no chão, seus olhos ainda abertos enquanto a morte o reclama.

Pego meu telefone, ligo para Marcus, mas não há resposta. Quando abro a porta, Iris está parada lá. Seus olhos se arregalam ao ver Gage no chão, o sangue que se acumulou ao redor dele.

— Ele está…?

Eu aceno, e ela solta um suspiro trêmulo, olhando para o corpo dele antes de se virar para mim. — Ela é a mulher por quem você está tão perturbado?

Sua voz é suave, gentil, quase como uma melodia. Tensiono meu queixo.

— Sim.

Eu quero ter a crueldade de volta. Ela não merece minha raiva. Iris foi jogada neste mundo depois que sua mãe morreu, com a carta afirmando que

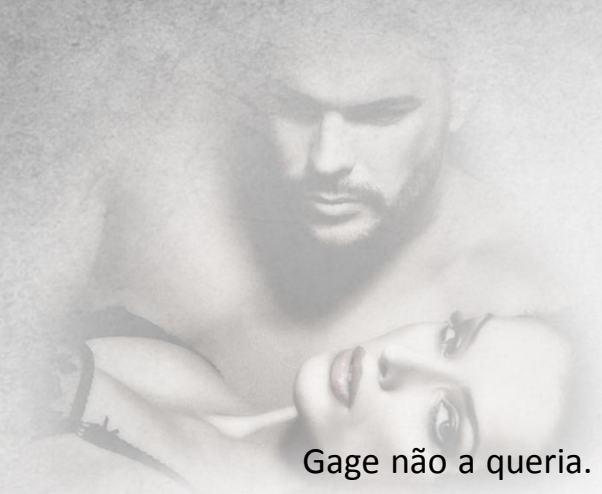


ela era filha de Gage. Ela estava no sistema há quase dois anos. Depois de um teste de DNA, ficou provado que ele era seu pai.

Tive uma irmã de dezessete anos durante a noite. Ela era um ano mais velha que Lilliana e veio no ano seguinte após a morte de Hayden, então ela nunca chegou a conhecê-los.

Foi então que entendi a loucura de Hayden por Lilliana. Por que ele me implorou para protegê-la, mantê-la segura, sem saber meus verdadeiros sentimentos por sua irmã. Eu disse sim; ele era meu melhor amigo, me implorando, e eu teria feito qualquer coisa por ele. Mas também foi por minha própria razão egoísta. Jack era um pedaço de merda inútil, nunca percebeu o incrível filho e filha que teve. Sua vida havia acabado muito antes de ele dar seu último suspiro. Hayden sabia tão bem quanto eu que chegaria o dia em que ele respiraria pela última vez. O que ele não sabia era que seria o dia em que Lilliana finalmente se tornaria minha.

Iris é doce. Ela me contou tudo sobre sua infância com sua mãe que a amava. Ela foi do Céu ao Inferno em questão de dias, lançada em um sistema de cuidados que não tinha tempo nem espaço para uma adolescente em luto. Eu esperava que ela ficasse com raiva e gritasse com o mundo por como a vida era injusta. Em vez disso, Iris era doce, tímida, sempre falava suavemente, um olhar em seus olhos mais velho do que deveria.



Gage não a queria. Uma filha não era útil para ele. Ele não tinha falado mais do que algumas palavras com ela, mas assim como Lilliana, Iris não desistiu. Eu costumava vê-la em seu escritório, ela chorando assim que eu abria a porta. Ela ansiava pela atenção de Gage.

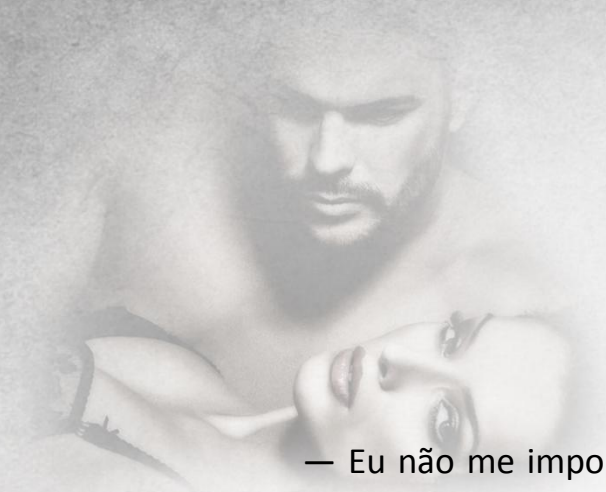
Seus lábios se abrem em um sorriso suave. — Você a ama?

Suas palavras me perfuram como uma bala, direto no peito, em alguém que descobre o segredo proibido de que estou apaixonada por Lilliana Parker, a irmã mais nova de meu melhor amigo. A mulher que eu tinha comprado, roubado beijos, assistia enquanto seu corpo se inclinava ao meu toque, envolvendo-a em tanta escuridão que ela nunca poderia escapar disso, eu.

— Mais que amor. — Sai áspero, como se estivesse confessando meus pecados. Seus olhos se arregalam, antes de uma pequena carranca aparecer. Quando seu telefone toca, ela olha para o identificador de chamadas.

— Eu tenho que atender isso. — Ela olha ao meu redor para o corpo de Gage mais uma vez enquanto seu telefone para de tocar, antes de começar novamente. — O que tem ele?

Eu encolho os ombros. — Alimente os peixes com ele, pelo que me importa, a menos que você... — Ela me interrompe, seu rosto endurecendo, os lábios se curvando em um sorriso de escárnio, toda a suavidade desaparecendo.



— Eu não me importo, — ela responde antes de se afastar, levando o telefone ao ouvido. Olho de volta para o corpo sem vida de Gage. Um sorriso sinistro se forma na minha boca enquanto dou alguns passos para trás em direção a ele. Ajoelhado, estudo o homem cujo nome sozinho traz terror, um pesadelo vivo, morto em uma poça de seu próprio sangue.

— Vou destruir seu império com minhas próprias mãos. Observe enquanto queima. Diga oi ao diabo por mim.

A porta se abre, revelando três de seus capangas. Eu fico de pé, endireitando minhas abotoaduras e olhando para todos. — Livrem-se do corpo. — Todos eles olham entre Gage e eu, um antes do outro. Quando me sento atrás da mesa, seus olhos se enchem de descrença, fazendo minha sobrancelha levantar.

— Sim, chefe, — Derek diz, piscando para mim, o fiel segundo de meu pai. O quão rápido a lealdade pode mudar. Não trinta minutos atrás, ele teria morrido por meu pai. Cortado a garganta do homem que ousaria derramar até mesmo uma gota do sangue de seu chefe. Agora, ele está embrulhando aquele mesmo homem em plástico, se preparando para destruir as evidências. Sua lealdade agora ao homem que ele acha que tirou o sangue de seu chefe.

Meu telefone toca novamente. Eu puxo para fora da minha calça e abro a mensagem. Agarrando a mesa, meus dedos ficam brancos. Eu me levanto,



e todos os três homens dão um passo para trás com o olhar letal em meus olhos, saindo do caminho rápido enquanto corro passando por eles.

— Onde ela está? — Eu olho ao redor da sala vazia como se fosse encontrá-la, encontrando apenas manchas de sangue no chão. A pessoa a quem pertencem está sangrando muito.

Marcus balança a cabeça. — Eu não sei. Eu a trouxe aqui. Acabei de pegar algo para beber! Estamos conversando em quatro minutos! — Uma raiva queima dentro de mim enquanto abro a porta de metal que dá para o lado de fora do prédio.

— Malachi. — Eu me viro para ver Marcus parado sobre um corpo; Declan está desmaiado, sangue escorrendo pelo rosto como um rio escarlate.

— Ele está vivo? — Na verdade, não estou incomodado. Isso pode parecer frio, mas é a verdade.

Ele pode ser sangue, mas ele não é família. Faz muito tempo que não. O motivo pelo qual Hayden estava naquele estacionamento era porque ele estava tirando Saskia, a irmã gêmea de Declan, daqui. Tínhamos descoberto que meu tio estava arranjando um casamento com um bastardo de um homem chamado Charles Duncan, que era conhecido por tratar as mulheres com menos do que respeito e tinha um soco maldoso e mais de uma esposa. Charles é um advogado renomado, recebeu pagamentos para manter



homens que mereciam fora de uma cela. Ter alguém como ele na família Kingston era uma boa oportunidade de negócio.

Hayden havia planejado tudo. Saskia tinha ido na frente para não deixar suspeitas. Ela disse a seu pai e Declan que estava ficando com uma amiga, e nenhum deles tinha sido o mais sábio. Hayden estava esperando o ônibus se juntar a ela. Ele era um bom homem, o melhor. Algo que começou como ele a protegendo, ouvindo enquanto ela contava a verdade de seu mundo, o abriu também. Eles se apaixonaram forte e rápido.

Quando ele foi atacado, ninguém sabia que ele estaria lá, mas a surra que ele levou foi planejada, cercado por todos os ângulos, sem chance de lutar, até mesmo de correr.

Não foi um assalto como todos tentaram dizer. Hayden ainda estava com a carteira, com centenas de libras. Fui preso no local; eu não podia deixá-lo ir embora sem me despedir.

Fui eu quem encontrou seu corpo quebrado. A polícia apareceu quando me ajoelhei ao lado dele, encharcado em seu sangue enquanto as lágrimas corriam pelo meu rosto e a raiva mantinha meu corpo prisioneiro.

Declan odiava Hayden porque ele pensava que estava me mantendo longe do meu lugar de direito, um lugar que foi construído para mim antes de eu nascer. Chefe do império Kingston, onde ele seria meu braço direito.



Ele sempre desejou o poder, o que o nome significa, a vida de luxo comprada com o dinheiro de sangue. Sem mim no topo, ele sabia que nunca estaria.

Foi por isso que mantivemos o relacionamento secreto de Hayden e Saskia longe dele. Aquele dia mudou a todos e, mesmo sete anos depois, todos sentimos as ondulações de sua morte.

— Frio, mas vivo, — ouço Marcus dizer. Enquanto examino a área, meu sangue flui ao redor. Eu corro para o meio-fio, levantando um salto cinza. O mesmo que Lilliana estava usando.

Ouço Marcus amaldiçoar. — Vou verificar as câmeras.

Procuro na rua mais uma vez, antes de caminhar para a sala de segurança. Marcus está sentado em frente a oito telas balançando a cabeça, as sobrancelhas franzidas em confusão. — Todas foram apagadas, até a câmera escondida. — Suas sobrancelhas caem mais profundamente enquanto seus dedos trabalham nas teclas do computador. — Entendi. — Ele encara uma tela granulada enquanto dá um zoom na esquina de um carro. É muito granulado para distinguir de que tipo é, apenas que tem uma cor clara. Eu observo enquanto ele tenta limpar a imagem.

— Eu vou te encontrar, — eu rosno em uma promessa pecaminosa para a tela.

Ninguém pega o que é meu e Lilliana Parker é minha.



Capítulo 27



Lilliana

Dor me puxa das profundezas da escuridão. Ao acordar, um grito sai dos meus lábios enquanto meu estômago dá cólicas, me fazendo enrolar em posição fetal. Quando outra cãibra me atinge, eu me dobro, agarrando meu estômago antes que suas consequências percorram o resto do meu corpo.

— Shh, você não quer que eles venham.

É uma voz suave, uma que eu não reconheço, mas gemo quando um pano úmido pressiona contra minha testa, esfriando minha pele aquecida, antes de ranger meu queixo enquanto a dor diminui para um peso persistente.

— Onde estou?

O pano enxuga o suor que cobre meu rosto, molha minha pele.



— Inferno, — a voz sussurra, assim que a dor aumenta novamente, atingindo tão forte que começo a vomitar. Uma bile verde espumosa escapa, queimando minha garganta.

Quando sinto um líquido espesso e quente cobrindo minhas coxas, um cheiro metálico enche minhas narinas, me fazendo engasgar novamente.

Um gemido deixa meus lábios enquanto o sangue se acumula ao meu redor. Olho para baixo, trazendo minha mão de volta para encontrá-la revestida com meu sangue.

— O que está acontecendo comigo?

O medo sacode todo o meu corpo enquanto treme. Empurro para trás, vendo a poça vermelha brilhante abaixo de mim. Uma pequena garota loira aparece em meu campo de visão, seu rosto pálido, fazendo seus olhos parecerem maiores, quase como um desenho animado. Eles são de cor verde profundo, mas o que me assusta mais do que a dor que me aperta, mantendo meu corpo prisioneiro, é a aparência deles; assombrados, sem vida, mas com tanta pena de mim.

Seus olhos baixam quando ela começa a coçar os braços magros, já cobertos por marcas profundas de arranhões, com as unhas sujas.

— Quando somos trazidas para cá, recebemos um comprimido para nos certificarmos de que não estamos grávidas, e se estivermos... — Cortei suas



palavras com outro gemido agonizante quando a dor começou a aumentar. Estendo a mão e sinto a coluna de aço da cama, percebo que estou dentro, apertando meus dedos contra ela. Meu corpo se curva quando a dor atinge força total, roubando meu fôlego quando a maior cãibra toma conta.

O suor escorre pela minha testa enquanto mais sangue encharca minhas coxas, pingando no colchão sujo em que fui colocada.

Os olhos da garota se espatifam no colchão coberto de sangue. — Sinto muito pela sua perda.

Meus olhos se arregalam quando a névoa se levanta, a dor entorpece quando começo a balançar a cabeça.

Não. De jeito nenhum. Eu não posso.

Eu penso em todas as vezes que Malachi e eu fizemos sexo desprotegido, agarrando meu estômago enquanto as lágrimas queimam minhas bochechas.

Meu bebê... estou perdendo meu bebê.

Minha respiração fica presa quando outra dor vem; desta vez ainda é mais doloroso por saber o motivo. Quero me agarrar à dor porque isso significa que ainda estou me agarrando ao bebê, a criança que nunca soube que estava carregando.



O bebê que nunca tive a chance de conhecer porque *eles*, sejam *eles* quem forem, o levaram embora.

Tiraram a vida do meu bebê.

Um grito sai dos meus lábios em total angústia. Pensei que estava quebrada, que eles não podiam fazer nada que já não tivesse sido feito. Eu era tão tola, ainda tão ingênua.

— Shh, eles vão ouvir você.

Observo enquanto os olhos da loira se arregalam de medo quando ela vê algo. Quando sua cabeça vira, ela me observa por alguns segundos, decidindo o que vai fazer, antes de sair correndo.

Ouço passos pesados, mas não me importo. Nada mais importa.

— A cadela está sangrando. — Sua voz é malvada, brutal, quando a estática atinge seu rádio. A dor bate ao mesmo tempo que a voz responde através da estática.

Sinto um arranhão forte contra meu braço enquanto o frio corre em minhas veias. Meu corpo se curva, mas nenhum grito escapa, minha voz trancada por dentro. Minhas pálpebras ficam pesadas...



A sensação de alguém me sacudindo me faz gemer, e a escuridão que estava me segurando se afrouxa quando meus olhos se abrem. O quarto está escuro, apenas algumas lâmpadas oscilantes emitindo uma luz fraca.

Há paredes de metal e um piso de concerto em torno de todo o lugar, o que me diz que estou em uma espécie de depósito, no andar de baixo. Tento sentar, meu corpo doendo, membros pesados. A tontura toma conta de mim.

Viro a cabeça quando sinto alguém me ajudando a levantar e vejo a loira; Achei que tivesse sonhado com ela.

Meus olhos se voltam para o colchão para ver a grande mancha marrom, fazendo com que um gemido me deixe enquanto envolvo meus braços em volta de mim.

— Não foi um sonho?

Ela balança a cabeça, olhando para o chão. — Sinto muito, — ela repete, sua voz não mais alta do que um murmúrio. Deito-me, puxando meus joelhos contra o peito.

— Eu não sabia, — sussurro. *Eu não sabia.*



Ela levanta a mão, me observando quando vê que eu não reajo. Começa a correr pelo meu cabelo e sussurra palavras reconfortantes, por segundos, minutos, talvez horas. Lágrimas ardem em meus olhos enquanto minha garganta queima, mas nada escapa, nem o grito, a dor, as lágrimas. Tudo se concentra nas partes mais profundas da minha alma.

Um grande estrondo ecoa pela sala. — Jantar, — grita uma voz estrondosa.

— Vou pegar alguma coisa para você, — ela sussurra, antes de se afastar, seu ritmo lento. É quando eu noto mais garotas, por volta dos vinte anos, e sento, piscando, notando mais do que algumas. Dando outra olhada ao redor da sala, a névoa vai embora, revelando verdades brutais.

Contando trinta leitos, vejo mais do outro lado do galpão, com mais garotas, na faixa dos 16 aos 24 anos, todas com os mesmos vestidos brancos, cabelos soltos em véus despenteados, cobrindo as feições, pele pálida, quase translúcida.

Todas estão sentadas de joelhos, as pernas dobradas sob eles. Um dos homens coloca duas grandes panelas de metal no chão, fazendo algumas delas se contorcerem, ansiosas por seu conteúdo. Ele acena com a cabeça, dando permissão, rindo enquanto as garotas chegam nas panelas, enfiando sanduíches em suas bocas, tornando-se menores, como se escondendo o que têm.



Dando outra olhada ao redor, noto três quartos no nível inferior que parece que poderiam ter sido escritórios em algum momento. Ao lado deles está uma escada metálica que leva a um nível superior com mais escritórios, cerca de dez, que envolvem o edifício. Lá, os homens caminham, olhando por cima da grade de metal, armas penduradas nos ombros. Percebo cinco portas no total, no nível inferior, todas guardadas. As janelas estão obscurecidas com algum tipo de tinta que está descascando, ficando mais fina em alguns lugares, e finos raios de luz dançam contra a parede.

A loira caminha de volta com algo na mão.

— Isto é para você. — Ela tenta sorrir, mas é como se seus lábios não soubessem o que fazer. Ela está segurando um pão com o que parece ser presunto dentro.

— Obrigada. Desculpe, não perguntei o seu nome?

Ela se senta na beira da minha cama, me observando. — Você precisa comer. — Empurrando a comida em minha direção, eu pego e dou uma mordida. O pão tem gosto de dias, mas meu corpo ainda anseia por ele.

— Tara. — Eu olho para cima e ela tenta me dar outro sorriso. — Meu nome... é Tara.

Tento sorrir. — Eu sou Lilliana. O que é este lugar?



Tara olha em volta, coçando os braços novamente. — Celas de retenção. É aqui que eles mantêm as meninas, nós. Algumas são usadas como mulas de drogas, outras como prostitutas e algumas... algumas são vendidas.

A comida que comi ameaça voltar e pouso o pão enquanto meu estômago se revira.

— Precisa comer mais. Você não come há quatro dias. Eles deram a você uma intravenosa nos primeiros dois dias, mas nada desde então. A comida é servida uma vez por dia. — Pego meu sanduíche novamente, quando um barulho corta o ar e as meninas começam a correr, espalhando-se em todas as direções, deixando uma figura solitária no chão. Suas costas se arqueiam e se contorcem antes de começar a tremer, se debatendo para a frente e para trás. Um som gorgolejante profundo vem dela enquanto os guardas se movem em sua direção, agarrando-a pelos braços.

— O que está acontecendo? — Vou ficar de pé para ajudar, sabendo que ela está tendo algum tipo de convulsão, quando Tara segura meu braço com mais força, mais forte do que seu pequeno corpo deveria ser capaz.

— As bolsas estão quebradas. Não há como ajudá-la. — Bolsas? Eu olho para trás para a mulher, observando enquanto um dos guardas puxa uma faca. Tara vira minha cabeça. — Não olhe. Você nunca vai tirar isso da sua cabeça.



Ela mantém meu rosto enterrado em seu peito, e depois do que parece uma vida inteira, ela me solta. Meus olhos vão automaticamente para o lugar onde a garota estava, para ver uma poça de rosa pálido.

— O que eles fizeram?

Tara agarra minha mão. — Eles tiraram o resto das bolsas dela. — Eu suspiro quando a realização surge em mim. Eles a abriram.

— Como vamos sair daqui? — Tara balança a cabeça, o aperto na minha mão aumentando com o medo revestindo minha voz.

— Não vamos. Não há como escapar. Garotas tentaram... — O jeito que ela diz isso envia um pedaço de chumbo para encher meu estômago e frio para enterrar em meus ossos.

Olhando em volta mais uma vez, acho que deve haver uma maneira de escapar. Eu me viro para encarar Tara. — Há quanto tempo você está aqui?

Não há emoções quando sua boca se abre. — Acho que pouco mais de um ano, se eu contar a quantidade certa de luz para o anoitecer. — Suspiro, e agora sou eu quem a está segurando.

— Como você veio parar aqui?

Seus olhos vidrados quando uma respiração trêmula passa por seus lábios. — Eu estava em uma festa da faculdade. Esse cara... ele era legal e me convidou para dançar. Eu nunca saio, mas era a festa da minha colega de



quarto e ela me convenceu a ir. Ele me deu uma bebida, e eu me lembro de me sentir estranha, então acordei aqui. — Balanço minha cabeça, olhando para todos os rostos. Esta é a história de todas? Arrancadas das ruas, das festas? Despertar sobre suas vidas normais e depois acordar aqui? Posso ter ficado acordada por algumas horas, mas já sei que este lugar é o próprio inferno.

— E você?

Tento me lembrar, mas é tudo uma névoa estranha. — Não consigo me lembrar.

Tara aponta para minha cabeça. — Você tem um grande corte na cabeça. Estava sangrando quando entrou. Tentei ajudar.

Levo meus dedos à cabeça, sentindo a dor onde toco enquanto tento e procuro minha memória.

Lembro-me de ir ao complexo, ver Gage, o tiro, Malachi me beijando.

Marcus me levando a algum lugar.

Malachi... seu nome traz calor à minha pele. Ele era inocente. Ele não matou Hayden. Ele me comprou para me proteger. Ele não era o príncipe. Ele ainda era meu Malachi.

Um suspiro me deixa.



— Malachi, ele vai me encontrar, nós. — Esse lampejo semelhante de esperança cresce em meu peito. — A família dele dirige Londres, os Kingstons-— Eu me interrompi, vendo o rosto de Tara ficar ainda mais pálido quando ela começa a coçar os braços, dedos sujos tremendo.

— O quê?

Suas próximas palavras roubam o ar dos meus pulmões.

— Este lugar... pertence aos Kingstons. Nós somos propriedade deles.



Capítulo 28



Prince

Desço as escadas para o local de encontro secreto. Eram os antigos aposentos dos funcionários, uma grande sala com uma mesa de carvalho, um bar privativo, dois quartos e um banheiro. É onde meu pai realizava todas as suas reuniões. A sala tem até um dispositivo de bloqueio contra fios e insetos, e isolamento acústico, para que ninguém possa escutar.

Marcus abre a porta e eu entro atrás dele, vendo que todos já chegaram. Já se passou uma semana desde que Lilliana desapareceu. É como se ela simplesmente tivesse desaparecido no ar. Alguém sabe de alguma coisa. Já interroguei oito dos meus próprios guardas, todos os quais deveriam estar vigiando o complexo naquela noite, todos alegando não ter visto nada.





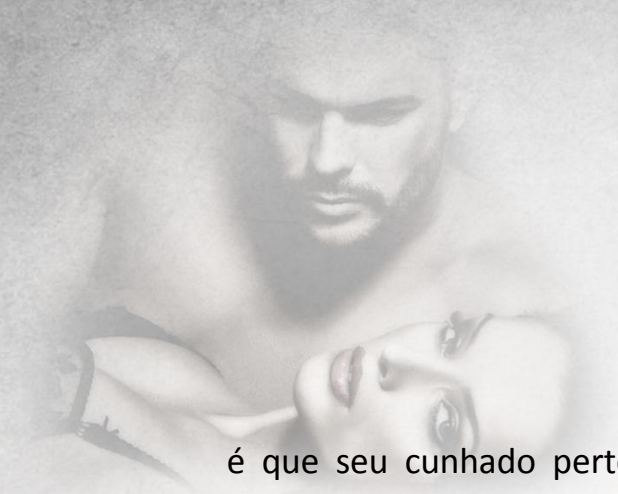
Não havia pistas, nada. Nem mesmo um cão farejador seria capaz de rastreá-la. Marcus ainda está trabalhando na imagem e nas câmeras, funcionando com nada além de cafeína. Eu sei que ele está se sentindo culpado por deixá-la, e não posso dizer que não o culpe. O olho roxo é prova disso. Eu também sei que isso o está consumindo, que vai muito perto de sua própria história. Declan está desligado e se afogando no final de uma garrafa depois que seu orgulho levou uma surra, sabendo que o encontramos do lado de fora em uma poça de seu próprio mijo e sangue.

Esta reunião é arriscada. Estou mostrando minha mão. Como regra, ninguém pode adivinhar meu próximo movimento - tenho a cara de pôquer perfeita, guardo minhas cartas - mas é a única coisa que tenho.

Levanto meu queixo em saudação ao ver que eles já têm um copo de uísque nas mãos. — Cavalheiros.

Isso é uma piada; esses homens não têm um osso delicado em seu corpo. Eles são psicopatas. Eles são os piores dos piores, todos apresentados como boas pessoas para o mundo, vestindo ternos elegantes e morando em belas casas com suas famílias, dando jantares nos finais de semana, mas escondem o mal atrás de seus olhos.

Toby Mason, o maior fornecedor de drogas do Reino Unido e Irlanda. Nós damos a ele proteção, uma estrada segura para distribuir suas drogas e dar a ele corredores. Ao lado dele está Jimmy O'Connor. O que se diz na rua



é que seu cunhado pertence à máfia irlandesa. Jimmy lida com armas e armamentos; você precisa de qualquer coisa, ele é o homem para obtê-lo. Então Denzel Frances, tão mergulhado no mercado negro, poucos sabem quem ele é. Para a polícia e o MI5[3], ele é conhecido como Ghost. Lida com tráfico de pessoas e sexo, até mesmo escravidão.

— Para que estamos aqui, Malachi? — Toby fala primeiro, seus olhos correndo ao redor da sala, cheios de paranóia. Sento-me à cabeceira da mesa.

— Acho que todos vocês ouviram que Gage está morto. — Uma rodada de acenos. — Pretendo manter os negócios normalmente por enquanto, mas em troca quero algo de vocês.

Marcus distribui as fotos de Lilliana. No instante em que as veem, suas sobrancelhas começam a se levantar, os lábios se curvando em um sorriso. Quero pegar todas as fotos de volta, arrancar seus olhos com uma colher enferrujada. Marcus tosse, me cutucando. Coloco minha máscara de indiferença de volta, relaxando na cadeira.

— Quem é a vadia? — Jimmy levanta uma sobrancelha, sorrindo, seu sotaque mais pronunciado.

[3] Serviço de segurança britânico.



— Ela me daria muito dinheiro. — Denzel sorri. — Porra, esses peitos, essa bunda... — Ele geme, acariciando a si mesmo.

Cerro meus dentes com tanta força que fico surpreso quando não quebro um dente, mas mantenho minha compostura, mesmo com a raiva do diabo queimando em minhas veias.

— Ela pertence a mim. Eu a quero de volta. — Minha voz sai baixa, suave, mas aquele gume inconfundível é tão afiado quanto uma faca.

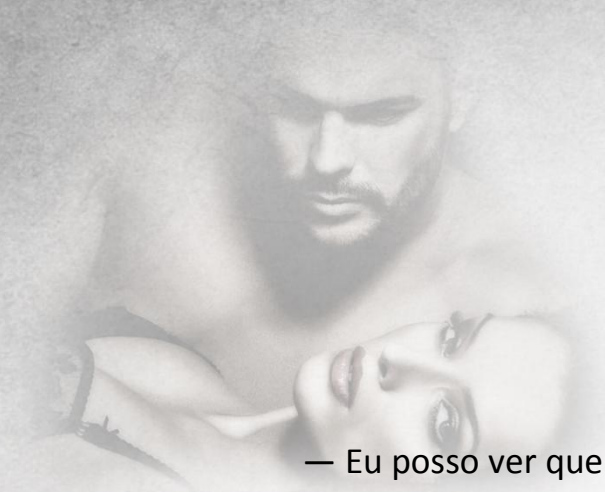
Assisto quando a surpresa e algo sinistro enche seus olhos.

— Ela significa algo para você? — Denzel sorri, seus dedos percorrendo o corpo de Lilliana na foto, traçando seus cabelos negros, as curvas de seu corpo.

Marcus bufa de onde está encostado na parede. — Você acha que o chefe perderia o pau por causa de um pedaço de bunda?

— Já vi muitos homens enlouquecerem por uma bunda tão doce e pagar ainda mais, — rebate Denzel.

Um sorriso desliza pelo meu rosto com suas palavras, enquanto o nojo enche meu interior. — Ela é minha e ninguém leva o que pertence aos Kingstons. — Meus olhos voltam para Toby e levanto minha sobrancelha. Ele esconde sua mão protética sob a mesa, a mão que cortei quando ele tentou misturar as drogas, nos interrompendo.



— Eu posso ver que todos vocês a desejam, — eu respondo, acariciando meu queixo. Não é uma pergunta, mais uma declaração. Observo enquanto Toby vira a foto, me mostrando onde ele está; ao meu lado, não contra. Os olhos de Jimmy percorrem a foto, antes de voltarem para os meus, uma arrogância ali. Os olhos de Denzel ficam nos meus, me deixando ver a verdade, não escondendo. Ele a quer.

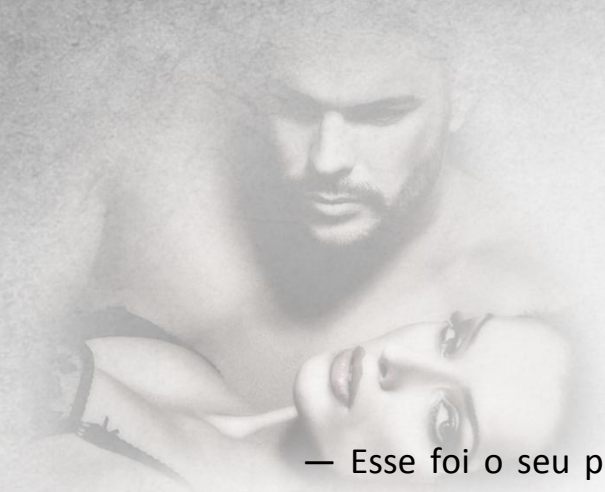
— Marcus, — eu chamo. Ele empurra a parede, parando ao meu lado. — Cancele qualquer proteção que damos aos irlandeses. Se tentarem entrar em Fishguard, — eu olho diretamente para Jimmy, — diga aos homens para atirar. — Jimmy se senta, seus olhos se estreitando.

— Você está me ameaçando? — Eu balanço minha cabeça, mantendo minha compostura fria.

— Posso garantir que não lido com ameaças, nem trabalho com homens em quem não posso confiar. Você não tem mais nossa proteção ou encomendas.

Seu rosto fica vermelho quando ele se levanta, a raiva queimando por ele, seu corpo tremendo visivelmente.

— Gage nunca teria deixado isso acontecer. Especialmente por causa de alguma boceta. — Meu sorriso se transforma em um sorriso completo enquanto balanço minha cabeça, desapontado.



— Esse foi o seu primeiro erro, pensar que sou qualquer coisa como aquele bastardo. — Eu me levanto com intenção, chegando à altura máxima. Endireitando meu terno, meus olhos olham sobre cada um deles antes de voltar para Jimmy. — Agora, saia do meu escritório e diga a Connor que entrarei em contato. — Seus olhos se arregalam, passos vacilantes com o nome de Connor. Eu não deveria saber esse nome, que Jimmy é apenas um corredor, um homem de frente, nada além de uma ilusão. Connor é o verdadeiro homem por trás dos negócios de armas. Eu tinha me tornado amigo de seu chefe nos últimos meses. Jimmy abre a boca e eu levanto minha mão, dispensando-o. — Não vou pedir duas vezes. — Ele me encara por mais um segundo, planejando minha morte, do jeito que vai me matar. Vejo que tudo se desenrola nesses olhos marrons de merda. Meu lábio se contorce em resposta.

Faça sua jogada. Atreva-se.

Marcus abre a porta e Jimmy me lança um olhar antes de sair.

Eu me viro para Denzel. — Será que vamos ter problemas?

Sua mandíbula estala sob sua pele. Ele sabe que eu o tenho entre a espada e a parede se cortar os clubes de prostitutas, as meninas. Ele secaria em questão de semanas, teria que montar uma nova equipe, conseguir um depósito para armazenar as mulheres. Levaria meses, senão anos, para recuperá-lo, perdendo todos os seus clientes e contatos nesse ínterim.



Nunca lidei com esse lado dos negócios, mas seriam necessárias apenas algumas ligações para marcá-lo.

— Pensei que seu pai fosse uma peça de trabalho, mas você... — Ele balança a cabeça antes de seus ombros caírem. — O que você quer?

— Coloque cada contato que vocês dois têm para encontrá-la, tudo. — Essa era a única razão pela qual Denzel estava respirando. Eu sabia os contatos que ele tinha; quão fundo ele estava enterrado.

Ambos acenam com a cabeça, e todos nós levantamos. Me preparo para sair mas antes volto a olhar para eles.

— Me traia e você se arrependerá. Você está certo, eu não sou meu pai. Sou muito pior. Sua própria sombra ficaria assustada. A paranoia vai crescer dia após dia, vai apodrecer, comer você por dentro, perguntando onde estou, e se é hoje o dia que venho. Porque não se engane, eu irei.



Capítulo 29



Lilliana

Algo está acontecendo hoje. Eu posso sentir isso no ar. As mulheres estão mais inquietas, como uma matilha de animais que sabem que estão sendo perseguidas. Todas elas se amontoam, olhos correndo ao redor do lugar. O clima está tenso.

Tara vem até mim. Percebo que ela está vestida com roupas mais limpas, seu cabelo está penteado e, embora ela pareça abaixo do peso, posso dizer como é bonita. Não é uma beleza impressionante, mas um tipo de beleza discreta e atemporal. Seu cabelo loiro cai comprido nas costas, com mechas mais claras que a sujeira escondia antes. Sua pele, agora limpa, mostra a palidez, faz sobressair o punhado de sardas no nariz e faz seus olhos verdes brilharem.



— Você conseguiu tomar banho? — Estou com inveja. Acho que estou aqui há cerca de dezesseis dias, mas é difícil dizer com a luz limitada. Se Tara estiver certa, eu estive aqui cinco dias antes de acordar completamente e já contei onze. Nesse tempo, não tomei banho. Estou fendendo a sangue, suor e desespero.

Eu vi algum tipo de padrão: os guardas entram e pegam algumas garotas a cada quatro dias, algumas voltam, outras não. A cada dois dias, eles escolhem as meninas e forçam as drogas embrulhadas em plástico que eles chamam de balas na garganta enquanto apontam uma arma para suas cabeças. A cada vez, Tara segura meu pulso como se estivesse com medo de que eu pule.

— Como você está se sentindo... — Eu a interrompo, sabendo que ela faria as mesmas perguntas que faz todos os dias.

— Não, por favor. Se eu vou sobreviver neste lugar, eu não posso... — Eu mordo, me sentindo culpada. Olho para longe enquanto minha garganta queima com a memória do que eles tiraram de mim. É algo que eu empurrei, trancado como minha própria caixa de Pandora.

— Alinhem-se, — uma voz ensurdecedora ecoa pela sala. Todo o lugar se enche de murmúrios abafados, antes de cair em silêncio.



Tara se levanta com algumas outras garotas, juntando-se a uma fila de cerca de dez. Um guarda olha para elas, acenando com a cabeça antes de passar para outra.

Eu me levanto imediatamente, ignorando a tontura que me lava pela falta de comida e água que recebemos, como se o plano deles fosse nos manter fracas, vulneráveis.

— Tara? — Ela balança a cabeça, mantendo os olhos no chão.

Quando um guarda se aproxima de nós, me empurrando para o lado, eu caio com força, mas ele começa a empurrar Tara para frente.

— Pare! Para onde você a está levando?

Ouço um murmúrio percorrer a sala, ignorando tudo, sabendo no fundo do meu estômago que algo ruim está para acontecer. Eu me levanto, correndo em direção a ela novamente. O guarda me para, seus olhos duros enquanto ele agarra meu cabelo, me dando um tapa no rosto. Eu bato no chão com força de novo, antes que dois outros guardas cheguem, me pegando, segurando meus braços para manter meu corpo levantado enquanto o guarda da frente dá um soco no meu queixo. O próximo cai no meu estômago, tirando o ar do meu corpo. Eu suspiro por ar enquanto meus pulmões queimam pelo oxigênio que eles precisam desesperadamente. Seus socos continuam a chover sobre mim, e uma dor branca ondula através de mim a cada golpe. Um gemido deixa meus lábios. Tenho certeza que ele vai



me quebrar ao meio, quebrar cada osso que tenho. Já senti o soco de um homem antes, e pior, mas desta vez é diferente. Ele não vai parar.

Com o canto do olho, vejo Tara sendo conduzida escada acima, cada garota indo para uma sala diferente. A porta principal se abre, e homens entram, todos vestidos de ternos, homens barbeados, bem arrumados, com cara de quem trabalha no banco e brinca com os filhos nos fins de semana. Meus olhos permaneceram fixos neles enquanto eles subiam as escadas, todos entrando nos quartos que as meninas acabaram de entrar.

— Não, — eu murmuro, sabendo o que vai acontecer com as meninas, com Tara.

Eles me arrastam, minhas pontas dos pés quase tocando o chão, caminhando na mesma direção. Incapaz de sustentar meu próprio peso, cada passo bate contra meu corpo já machucado. Eu luto quando percebo para onde estamos indo. Eles abrem uma porta para revelar um homem de meia-idade com tanto cabelo cobrindo seu corpo que quase não há pele aparecendo. Linhas profundas cobrem seu rosto e seu cabelo é fino na parte superior, o que ele afasta para o lado. Seus olhos pequenos e redondos se arregalam quando ele nos vê, olhando para o meu corpo maltratado. Algo muda nele, uma nova fome aparecendo.

— Duas por uma? — Ele sorri, caminhando em minha direção, seu pau pendurado entre as pernas. Seu hálito ácido me faz vomitar quando se



aproxima para passar a mão pela minha bochecha, tirando meu cabelo do rosto para dar uma olhada melhor.

Meu corpo inteiro treme, tentando recuar ao seu toque.

— Não, esta vai assistir. — O guarda sorri para mim.

Um gemido faz minha cabeça virar para ver Tara na cama, seus olhos arregalados, a camisola branca removida, mostrando o quão pequena ela é.

— Tara, — eu suspiro, tentando puxar meus braços livres enquanto o homem rasteja na cama de quatro. Ele agarra seu cabelo loiro, fazendo-a estremecer de dor quando a puxa para frente. — Chupe, vadia, me deixe duro para que eu possa te foder bem. Eu quero ouvir você gritar.

Eu viro minha cabeça quando ruídos enchem a sala, então um suspiro agudo.

— Não, você não pode desviar o olhar. — O guarda vira minha cabeça bem a tempo de eu vê-lo pegando-a brutalmente. Lágrimas quentes correm pelo meu rosto enquanto grunhidos enchem a sala. Enquanto ele a faz gritar.

Eu observo cada uma das características do homem, passo pelo rosto de cada um dos guardas, guardando-os todos na memória.

Eles vão pagar.

Sinto algo em mim se alterar, endurecer, enquanto o resto da minha inocência morre nesta sala e algo mais forte surge. Eu vou sobreviver, e



então vou caçá-los, torná-los presas, até que eu os tenha implorando aos meus pés.

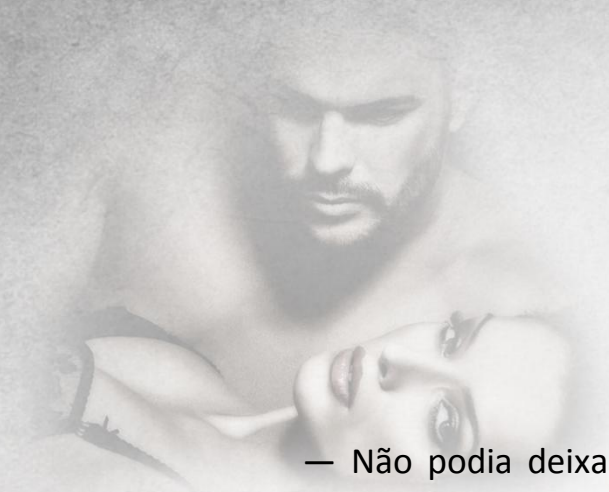


Capítulo 30



Prince

— Prince! — Eu não paro na voz de Marcus. Seguro minha arma, correndo pelo jardim. Parando na porta, ouço a respiração pesada de Marcus atrás de mim enquanto a chuto para abri-la, e ele pragueja atrás de mim. Entrando no corredor, viro à direita, na primeira sala. O cheiro de maconha paira forte no ar quando dois homens pulam de um sofá marrom esfarrapado, olhos arregalados e injetados de sangue, puxando seus pedaços. Antes mesmo de eles serem levantados, coloco uma bala em ambos. O som de uma abelha zangada passa zunindo por mim, e uma dor escaldante sobe pelo meu braço quando me viro e vejo um homem parado na porta de outra sala. Antes que eu pudesse puxar o gatilho, ele cai no chão com uma bala entre os olhos.

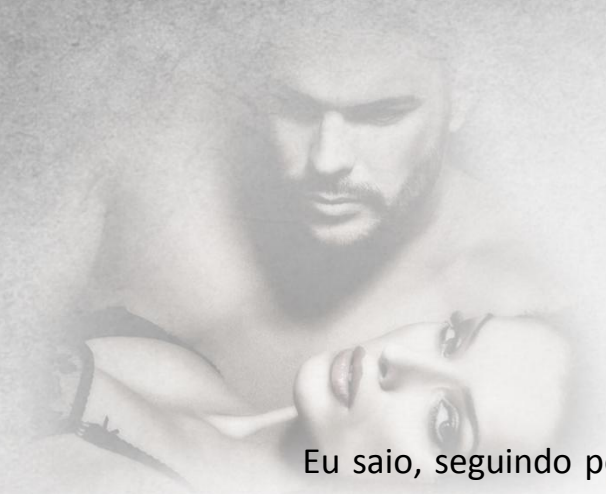


— Não podia deixar você se divertir sozinho. — A voz de Marcus se aproxima. — Você está sangrando como um porco. — Olho para baixo, vendo o ferimento a bala.

— Mais tarde, — é tudo o que digo enquanto subo as escadas de dois em dois degraus. Toby me deu uma pista sobre uma gangue no nordeste de Londres que tem uma rede de prostituição. Uma garota que se encaixa na descrição de Lilliana foi vista por um de seus caras. Ele não pôde confirmar se era ela, mas era a única coisa que tínhamos para continuar.

Declan estava de volta ao complexo, mas mais inquieto do que nunca, como se alguém tivesse levado seu cachorro embora. Agora é a Iris que está desaparecida. Ela mudou muito com a morte de Gage, não se escondendo mais nos cantos ou apenas falando quando se dirigiam a ela. Agora anda com uma confiança que nunca teve antes, conversa com os homens como se ela sempre tivesse estado lá.

Eu chuto a primeira porta e entro. Não há carpete, apenas tábuas do assoalho. Barras cobrem a janela, as vidraças de madeira têm longas marcas, como se alguém tentasse abrir caminho com as unhas. Um colchão sujo está enfiado no canto com correntes e algemas de couro. Um arrepio percorre meu estômago quando ouço Marcus chamar, — Tudo limpo, — lá de baixo.



Eu saio, seguindo pelo corredor, e chuto a próxima porta aberta. Meu coração para quando vejo cabelos negros pendurados na beira da cama. Eu corro em direção a ela, nem mesmo respirando. — Lilliana.

Saiu um apelo ferido. Arranco o cobertor, olhando para o manequim. Demoro segundos para conectar os pontos, para ver o que significa a contagem regressiva do relógio.

— Saia! Saia!

Desço as escadas correndo para ver os homens que trouxe correndo em direção à porta. Os olhos de Marcus pousam em mim e, em vez de fugir, ele corre em minha direção, agarrando minha camisa e me puxando rápido.

Assim que pegamos ar fresco, nós dois fomos atirados para a frente. O calor percorre meu corpo, e tudo que posso ouvir é um zumbido intenso enquanto minha cabeça lateja com o som. Desorientado, eu olho em volta, para ver os olhos dos homens arregalados enquanto eles correm em minha direção, suas bocas se movendo, mas não consigo ouvir nada além do barulho estridente que vibra através de mim.

Meus joelhos cedem enquanto meu coração bate em um padrão muito anormal. A escuridão invade, nublando minha visão, fazendo-me balançar enquanto Marcus fica em cima de mim, apontando, movendo as mãos com urgência. Mais escuridão me consome, me levando para baixo, mas eu luto contra ela, tentando quebrar suas ondas ásperas que me afogam. Eu paro de



lutar quando a vejo caminhando em minha direção, seus cabelos negros caindo sobre os ombros, um sorriso no rosto, o que ela só me deu; não há mais ódio em seus olhos, apenas amor. O mesmo amor que tudo consome que combina com o meu. Seu corpo está envolto em um vestido branco justo. Eu estendo a mão para ela, e seu sorriso cresce. Incapaz de me conter, pego seu rosto em minhas mãos, inclinando-me para beijá-la. Ela desaparece na fumaça turva assim que a toco.





Capítulo 31



Lilliana

Outra semana se passou e eu ainda estou presa no inferno, sem chance de escapar. Todas as entradas estão bloqueadas e, mesmo que eu escape, nem sei onde estamos. Quantos guardas estão lá fora? Eu sei que não iria longe, nunca poderia ultrapassá-los. Estou muito fraca, meu corpo muito rígido da dor da surra. Os hematomas agora estão todos de um amarelo desagradável e roxo profundo, parecendo irritados contra minha pele pálida.

Eu vejo quando a porta se abre. Imediatamente, escorrego de volta no colchão, tentando me fazer o menor possível. Até agora, eles não vieram atrás de mim. Eu evitei seus olhares, observei com medo e horror enquanto eles saem escolhendo garotas aleatoriamente, sem rima ou razão por trás de suas escolhas. Uma loteria do pior tipo. Colocando minha cabeça em meus joelhos, eu ouço botas pesadas andando antes de chegar mais e mais perto,



mordendo meu lábio com força quando as botas param. Eu posso ouvir sua respiração pesada.

— Levante. — Ele agarra meus braços, cravando as unhas na minha pele, e sou puxada para cima. Um gemido vem da minha direita, e vejo os olhos de desenho animado de Tara arregalados de medo, sua mão tremendo em seu colo enquanto ela torce os dedos. Eu vejo aquele momento de hesitação passar em suas orbes verdes, antes que ela abaixe a cabeça, sabendo que não há nada que ela possa fazer.

Sou conduzida pela sala. Todas as mulheres pelas quais estou passando estão com medo, e o alívio brilha em seus olhos. Eles me conduzem por uma porta de incêndio pesada, chegando a um longo corredor. Passamos por três guardas, todos estreitando os olhos, me observando. Eu conto meus passos, memorizando a configuração do lugar.

Não me atrevo a perguntar o que está acontecendo, com medo da verdade e feliz em bancar a ignorante por mais um pouco. Seu aperto ainda é doloroso contra meu braço.

Quando ele diminui o passo, bate na porta antes de me empurrar para dentro. A força me faz tropeçar no chão, o tapete áspero queima meus joelhos. Um par de sapatos de couro limpo para na minha frente.

Inclinando minha cabeça para trás, eu olho para cima para ver olhos de cobre já nos meus.



— Bastardo, — eu rosno, pulando com mais força do que eu pensei que era possível. Eu coço seu rosto, certificando-me de cravar minhas unhas. Um sorriso real aparece em meus lábios enquanto ele sibila de dor.

Um soco vem do lado da minha cabeça, fazendo com que uma tontura tome conta de mim, meu estômago rola, e eu me curvo, vomitando em seco.

— Segure-a, Lance. — Então, o nome do guarda é Lance? Lance agarra meus pulsos, prendendo-os nas minhas costas.

— Você não aprende, não é? — Declan cospe. Eu vejo seu punho antes de voar para minha bochecha, e posso evitar gemer quando a dor se instala.

Segurando meu queixo com força, ele se inclina tão perto que posso sentir sua respiração correndo pela minha pele.

— Você deixou nosso menino todo agitado. Ele está destruindo Londres procurando por você. — Ele sorri, mas eu registro as palavras, cada uma delas perfurando meu coração.

— Malachi. — Sai antes que eu pare.

Seu aperto aumenta na minha mandíbula já machucada com a menção do nome de seu primo.

— Você deve ter uma boceta dourada, porque ele perdeu o pau por causa de você! — Declan rosna, sua saliva pousando no meu rosto, antes de seus lábios se contorcerem. — Bem, isso foi até ele cair em uma armadilha



que armamos. Ele não teria feito isso antes. Ele é muito inteligente. E agora... — Ele dá de ombros. — Ele está todo queimado e não serve de muito.

Um gemido deixa meus lábios com o pensamento de Malachi se machucar em algum lugar. Se machucando por minha causa.

— Ele diz que é porque ninguém pega o que é dele, mas eu vejo porquê. Eu sempre vi isso. Assim como seu irmão e Saskia, ninguém sabia que eu sabia, mas eu sim. Ela foi prometida a outra pessoa, e ela fugir como uma boceta trouxe vergonha para meu pai, para mim. Sentimos falta dela, mas pegamos seu irmão.

Eu respiro fundo com a verdade de suas palavras, em seus olhos, fazendo minhas pernas se dobrarem.

A resposta que estou procurando... era ele. Ele matou Hayden.

Declan sorri. — Isso mesmo, doce Lilliana, acabei com sua vida lamentável, observei enquanto todos o espancavam, vi seu sangue fluir como um rio carmesim. Foi lindo pra caralho. — Lágrimas quentes correm pelo meu rosto, as respostas doem mais do que as mentiras. O único crime de Hayden foi se apaixonar.

Meu irmão mais velho perdeu a vida salvando Saskia. Eu sei que é isso que ele gostaria, salvá-la, mas meu coração aperta com força de dor, como



se fosse aquele dia tudo de novo. Eu me pergunto, ele estava com medo? Ele sabia o que estava para acontecer com ele? Ele implorou por sua vida?

— Mas eu não vou te matar, pequena Lilliana. — Ele me solta, empurrando meu cabelo atrás da orelha, passando o dedo pelo meu queixo. — Não, a morte é muito boa para você. Vamos ganhar um bom dinheiro vendendo este corpo para o pior filho da puta que pudermos encontrar. Já entramos em contato com alguns. Ninguém vai ouvir você gritar. Você estará implorando pela morte, e ela nunca virá. — Ele se inclina, lambendo meus lábios, minhas lágrimas.

— Você estará tão perdida que ninguém jamais a encontrará e, mais cedo ou mais tarde, ele desistirá. E você será esquecida. — Um arrepio passa por mim.

— Leve-a para a sala da caldeira.

Eu caminho atordoada, me recolhendo em mim mesma, pro autopreservação. Levanto minha cabeça para ver uma mulher com cabelos longos e castanhos virando a esquina. Franzo a testa, virando minha cabeça para dar outra olhada, enquanto Lance reforça seu aperto, empurrando uma porta, me levando para uma sala. O calor paira pesado no ar, e a condensação desce pelas paredes enquanto um leve fluxo se torce e dança no ar. Existem três grandes caldeiras de metal à direita e uma escada de metal à esquerda, e ele me leva para cima, me parando assim que chegamos



ao topo. Agarrando meu pulso, ele amarra uma corda em torno dele. Um gemido escapa do material áspero contra a minha pele, enquanto o pânico aumenta por estar amarrada, vulnerável. Minha respiração se torna instável enquanto a sensação de desgraça me envolve, enrolando em volta do meu corpo como uma cobra, restringindo minhas vias respiratórias.

Ele levanta meus braços, enganchando-os em um gancho preso a um dos grandes tubos de aço acima da minha cabeça. Meus ombros ficam tensos, me fazendo gemer de dor enquanto todos os músculos estão totalmente esticados.

Então ele se vira, com os pés pesados sobre os degraus, e o som da porta se fechando me puxa de volta à realidade, leva embora o entorpecimento em que eu havia me escondido, explodindo como uma agulha em um balão.

Eu grito, grito até minha garganta queimar, até as lágrimas secarem salgadas contra minha pele; grito com a dor, os erros, o sofrimento, a traição. Eu deixo tudo solto no mundo, não me importando se isso vai me separar, uma parte secreta de mim desejando que isso me abra totalmente. Tento puxar a corda, mas todo movimento dói; sangue escorre pelos meus braços por causa da minha luta. Hayden me ensinou como sair da maioria das restrições, mas estou fraca, meus braços queimando por terem sido esticados acima da minha cabeça, os dedos ficando dormentes, me



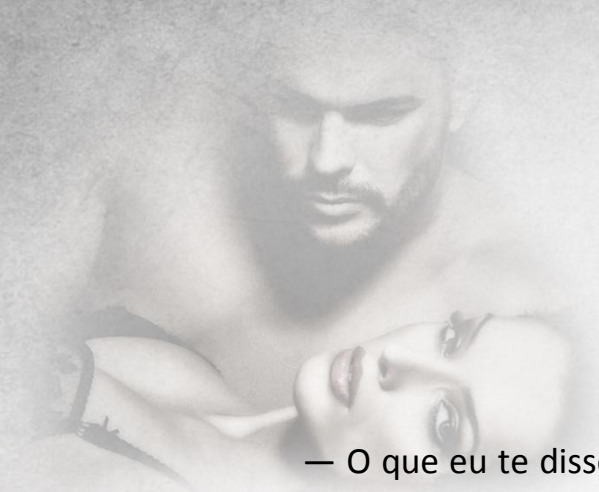
impedindo de ser capaz de desfazer o nó. Eu grito de frustração, até que não consigo mais gritar, até que meu corpo fique fraco e eu não tenha escolha a não ser sucumbir à escuridão.

Suor brilha na minha pele, desce pelas têmporas e nas costas. Meu cabelo está molhado, grudado no rosto, e meus olhos tremem.

— Princesa? — Meus olhos dançam abertos, piscando e arranhando, como uma lixa contra minhas retinas. Eu vejo uma figura borrada girar na minha frente.

— Hayden? — Não pode ser. Minha mente luta entre a realidade e a miragem. Lágrimas que eu não sabia serem possíveis queimam meus olhos. — Não, você não é real. Você está morto! — Um soluço quebra meu peito. Isso é demais, qualquer coisa menos isso. É muito cruel, de partir o coração.

Eu sinto seu dedo no meu rosto, traçando minhas contusões. Parece tão real que me inclino para ele, para encontrar o ar, e a realidade perfura a ilusão em que estou envolta. Eu me viro e giro em minhas restrições, tentando escapar.



— O que eu te disse, princesa? — Ele pergunta, sua voz tão longe, mas tão perto, me cercando.

Eu não respondo, balançando a cabeça, fazendo com que a corda ceda fundo. Uma lenta umidade escorre pelos meus braços, fazendo-me gemer quando a dor volta, me fazendo pairar no limite da consciência. — O que eu disse? — Sua voz é forte.

Eu lambo meus lábios secos e minha voz sai como um sussurro rouco. — Não jogue a toalha. Nunca desista.

Repito as palavras que ele me disse uma e outra vez, até que eu não posso mais lutar contra isso; a dor, a mágoa, tudo colide dentro de mim, me cortando.

Meus olhos se fecham.



Capítulo 32



Prince

— Você precisa voltar para a cama. — Vou para o meu guarda-roupa, agarrando a primeira coisa que toco, sibilando enquanto puxo minha camisa e o material passa sobre a pele dolorida por baixo. Alcanço meu cofre, pegando três armas e uma faca. Eu me viro para olhar para Declan, não respondendo a seu comentário e, em vez disso, dou a ele um meu.

— Onde está Marcus? — Eu rosno, chateado porque eles me mantiveram submerso por quatro dias. Durante quatro dias, dormi como um bebê enquanto Lilliana estava lá fora.

Ele bufa um suspiro. — Em s...seu escritório. Ele tem estado trancado lá nos últimos dois dias. — Eu aceno, pegando minha jaqueta, apertando minha mandíbula com a dor em meus músculos e o latejar em minha cabeça.

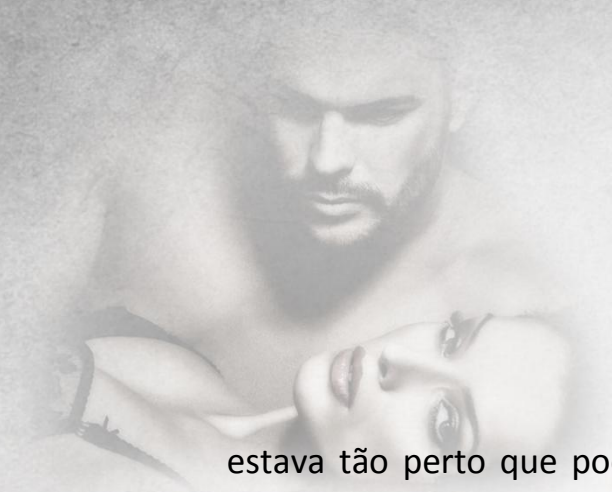


Homens ficam fora do meu caminho enquanto caminho pela sala principal. Eu paro no meio.

— O que vocês estão esperando? Vão procurá-la! — Eles estão parados ali, olhos arregalados de medo enquanto eu puxo minha arma. — Eu gaguejei? — Todos eles correm pela porta.

Declan me encara. — Você está perdendo o controle.

Estou. Cada pedaço de mim se enfurece, cada molécula vibra com isso, e há medo batendo em mim como um tambor de guerra, algo com o qual nunca lidei. Não temi nenhum teste que meu pai me fizesse passar: não fiquei com medo quando usei minha primeira bala; Não fiquei com medo quando vi meu pai matar homens na minha frente, enquanto um cheiro metálico me envolvia; Não tinha medo dos pesadelos que me assombravam, não apenas em meus sonhos, mas na luz. Agora mesmo, está me paralisando, mantendo-me seu prisioneiro. Todos os dias parece que estou mais perto de perdê-la, de nunca mais vê-la novamente. A raiva e o medo lutam furiosamente um contra o outro para vencer, lutam para me dominar. Por anos estive calmo, tranquilo, retido. Eu era o caçador que perseguia sua presa, esperando, observando enquanto ela seguia impotente em seu caminho, dando falsas esperanças de que estava segura, de que o perigo não a circundava, a cobria de todos os ângulos. Esperei meu tempo, até que eu



estava tão perto que podia sentir o cheiro de seu sangue bombeando em suas veias, prová-lo. Aí eu bati, fui direto para a garganta.

Mas agora, eu não estou mentindo para esperar. Eu estou caçando. Estou rastreando minha presa, e não será uma simples morte. Vou fazê-los gritar por cada dia que seguraram Lilliana. Eu vou matá-los, apenas para trazê-los de volta, fazê-los morrer milhares de mortes.

Declan já me disse que uma equipe havia sido enviada para Toby, mas quando eles chegaram lá, ele já estava morto. Sua família inteira morreu com balas na cabeça. O que me irritou por dois motivos; um, não posso torturá-lo para obter as respostas sobre a armadilha que ele armou e, segundo, isso leva a mais perguntas. Há algo mais em jogo?

Ignorando Declan, continuo a andar pela sala, apenas para Iris entrar no meu caminho.

— Declan está certo, você está perdendo o controle. — Minha sobrancelha sobe com a mordida em seu tom, e ela rapidamente desvia o olhar, brincando com seu colar enquanto seus olhos voltam para mim. — Você já pensou que ela fugiu, que foi sua escolha ir embora? — Estreito meus olhos para ela enquanto ela passa os dedos pelo cabelo, tentando controlar minha raiva enquanto ela olha para Declan por apoio.

— Ela tem razão. Você a comprou, matou seu pai. Ela nos odeia, — Declan concorda. Eu mordo de volta a verdade. Sim, matei Jack porque



queria salvá-lo de uma surra que levaria dias, semanas, até que o deixassem morrer. Toda a tortura foi feita depois para fazer parecer que foi um assassinato brutal. Os policiais estavam em nossa folha de pagamento, e a pasta de Jack agora estava no fim da pilha, juntando poeira, sem pistas. Era um caso morto.

Deixando as palavras de Iris afundarem, eu balanço minha cabeça, descartando a ideia. — Alguém a levou.

Iris revira os olhos. — Você não tem provas! Nada! Esqueça ela. Com Gage morto, você pode se concentrar em tudo isso; você não precisa correr Londres procurando fantasmas. É hora de tomar o seu lugar.

Eu caminho até Iris, vendo a verdade no véu que ela tinha sobre mim. Ela é muito mais forte do que parecia. Aquele ato doce como o mel era apenas isso, e agora ela está me mostrando sua mão, revelando a verdade por trás da cara de pau. Ela me lembrou de Lilliana. Foi por isso que era tão fácil gostar dela. Ela era tímida, mas tinha uma força inquebrável por baixo. Ela tinha passado pelo inferno, mas ainda estava de pé. Ela não culpou o mundo ou fez alguma vingança.

Não posso acreditar que não tinha pensado até agora, mas ao estudar minha irmã, percebo que ela não é nada como Lilliana. Elas estão em mundos separados.



Lilliana nunca esconde suas emoções. Eles estão sempre claros em seus olhos. Se fosse o contrário, Lilliana estaria andando nas ruas por Iris. Ela nunca desistiria, e nem eu.

— Nada me impedirá de procurá-la, nem de fazer pagar aqueles que a pegaram, aos poucos. — Iris dá um passo para trás com a minha voz, balançando a cabeça, olhando para Declan antes de voltar para mim quando ele não diz nada.

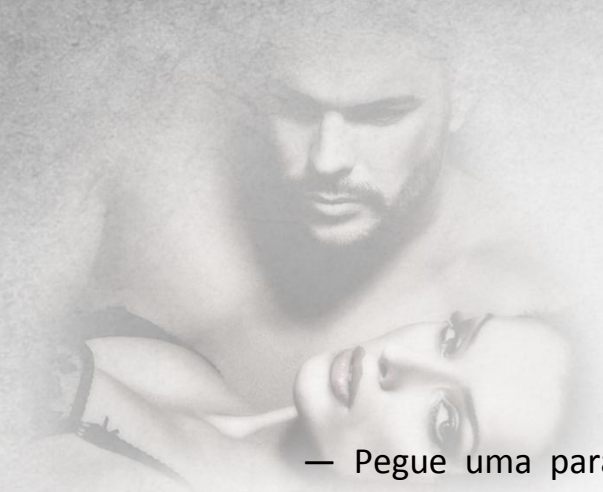
— Sinto muito.

Eu não espero, jogo mais jogos. Eu vou em direção ao escritório do meu pai, Declan nos meus calcanhares. — Você não deveria falar assim com ela. — Ignoro seus gemidos enquanto abro a porta.

Os olhos de Marcus se fixam nos meus, embora ele não pareça surpreso.

— Eu deveria chutar a merda fora de você, — eu rosno enquanto ele levanta as mãos em sinal de rendição, antes de se levantar, seus olhos me dizendo algo. Eu observo de perto enquanto seus olhos, por um breve segundo, vão para o computador enquanto ele dá a volta na mesa.

— É bom ver você acordado, chefe. Eu preciso de uma bebida. Alguém mais? — Eu balanço minha cabeça, mas Declan acena com a cabeça, e então faz um gesto para mim.



— Pegue uma para ele também. Ele precisa disso. — Os lábios de Marcus se contraem enquanto ele sai pela porta.

Eu deslizo para o assento do meu pai, vendo um vídeo em pausa, e aperto o play. A porta lateral do complexo se abre alguns segundos depois, e me inclino para mais perto quando vejo Lilliana sendo puxada para fora da porta pelos braços, sem dúvida inconsciente. Minha respiração engata e meu coração começa a bater, juntando-se ao latejar em minhas têmporas. Eu nem acho que estou respirando.

Marcus e sua magia de tecnologia recuperaram as imagens da câmera, mas então eu noto o ângulo. Não é do nosso prédio, mas do outro lado da estrada. Observo o carro branco estacionar, a placa do carro limpa, enquanto um homem salta. Declan e o cara trocaram algumas palavras. Ele não está chateado, em vez disso, eles estão sorrindo. Os caras abrem a porta dos fundos e Declan joga Lilliana na traseira. O motorista nunca sai e eu não consigo distinguir nada, apenas uma figura sombria.

Declan puxa sua arma, entregando-a ao cara. O cara levanta o braço, acertando Declan na lateral da cabeça, e vejo como seu corpo desaba no chão. Ele não foi atacado, foi planejado. Minha raiva se transforma em uma raiva ardente, queimando todos os músculos, enchendo minhas veias. Ele é a adaga nas minhas costas.



Eu me levanto da cadeira enquanto o vejo mexer em seu telefone. A calma se instala dentro de mim enquanto meus olhos se fixam na minha presa. Um rosnado baixo escapa, fazendo com que seus olhos se fixem nos meus, alargando-se enquanto ele pula, vendo algo refletindo nos meus. Tropeçando na cadeira, ele tenta se levantar. Eu ando em direção à borda da mesa, mantendo meus olhos fixos nele. Virando o laptop, seus olhos voam para a tela, a boca se abrindo enquanto ele observa tudo.

— Eu posso explicar, — ele gagueja, antes de correr em direção à porta, abrindo-a para ver Marcus esperando do outro lado. Ele olha entre nós, tentando julgar entre o menor dos males. Ele nunca foi rápido, e antes de se decidir, Marcus o colocou de joelhos, seu braço grosso pressionado ao redor do pescoço de Declan. Eu vejo enquanto o medo enche seus olhos, fazendo-os dilatar. Seu peito arfa enquanto ele suspira por oxigênio, dedos agarrando os braços de Marcus enquanto suas pernas chutam, antes que seus olhos lutem para permanecer abertos, eu me inclino, então meu rosto é a última coisa que ele vê.



Pego a toalha que Marcus joga em mim, enxugando o suor da minha testa e o sangue cobrindo meus dedos. — Aqueles arranhões no seu rosto, eram dela? Lilliana.

Declan me observa com os olhos inchados, os braços amarrados acima da cabeça, apenas as pontas dos dedos dos pés tocando o chão. Sangue e lágrimas correm por seu corpo; hematomas profundos cobrem sua pele. Ele fecha os olhos, mordendo os lábios para impedir as respostas. Ele foi treinado para isso, para suportar uma surra e reter informações. Era uma parte do treinamento dos Angels. Mas eu sei o que eles passaram, quais técnicas de tortura foram usadas, o que os fazia dobrar, quebrar. Jogo a toalha no chão antes de dar um soco em suas costelas, ouvindo-as quebrar com a força, e ele uivar de dor.

— Termine isso agora. Onde ela está? — Eu sou recebido pelo silêncio, o mesmo que nos últimos três dias. Eu bati em Declan como um pedaço de carne. Um sorriso aparece em meus lábios enquanto caminho até à mesa, pegando um pouco de uísque. — Quero uma bebida. — Eu desatarraxo a tampa e dou uma tragada profunda. — E você, Marcus? — Marcus balança a cabeça, seus próprios lábios se contraindo enquanto ele pega a garrafa. Eu ando em direção a Declan.

— Quer uma bebida? Parece que você precisa de uma. — Ele tenta manter os olhos em mim enquanto Marcus devolve a garrafa de uísque. Eu o



coloco na boca de Declan - em seguida, despejo sobre seu corpo. Seus gritos, enquanto cobre suas feridas abertas, são como a melhor orquestra.

A porta de cima se abre e Marcus assente, sendo capaz de ver de seu campo de visão. O médico entra, parando ao ver o estado de Declan, antes de entrar na sala.

— Limpe-o. Eu quero que ele fale dentro de uma hora.

O médico olha para mim e acena com a cabeça, sem questionar por que meu primo está amarrado, a momentos da morte.

— Vamos para o apartamento dele, ver se há algo lá, — diz Marcus. Declan ficava no hotel, tinha uma suíte como a minha no andar de baixo. Eu caminho pelo complexo coberto de sangue, como um guerreiro voltando da batalha, só que esta é a guerra. Os homens estão assustados, voltando apenas por algumas horas para dormir ou comer. Nenhum deles sequer pisca quando me vê. Iris, no entanto, engasga, levando a mão trêmula à boca quando passamos, seus olhos indo para mim antes de olhar por cima do meu ombro.

— Você deve ficar longe por alguns dias. — Seus olhos se estreitam e ela abre a boca para responder antes de fechar os lábios e assentir.

O elevador chega assim que chegamos lá, e eu entro, meu corpo todo tremendo de adrenalina. As portas se fecham e estremeço quando me vejo.



A queimadura no meu rosto ainda está viva e vermelha, na minha bochecha e na minha mandíbula. Meio monstro, meio homem. A verdade que escondi agora é revelada ao mundo. O homem que se transformou em um monstro.

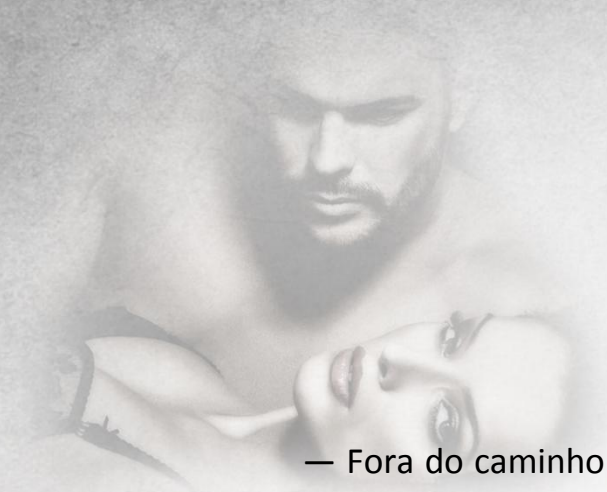
— Algo está faltando. Ele não é inteligente o suficiente para fazer isso sozinho. — A voz de Marcus ecoa meus próprios pensamentos. Ele está certo, Declan nunca teria planejado isso sozinho. Declan era bom em intimidar, usando os punhos para conseguir o que queria, infligindo dor. Ele não era um tolo, mas era mais músculo do que cérebro, o que significa que há mais ratos entre nós que precisamos expulsar.

— Sim, eu concordo, mas quem? Quem tem o poder que Declan admiraria e deseja seguir? Arriscar ir contra mim?

Marcus balança a cabeça. — Penso a mesma coisa, mas continuo andando em círculos malditos. Nenhum dos homens possui esse poder. Não é o pai dele. — Ele está certo, meu tio Jeremy não conseguia mais se lembrar do ano em que estava e mora em uma casa de repouso em Surrey.

— Há algo que estamos perdendo, bem na nossa frente. — Marcus concorda, suas próprias sobrancelhas puxadas para baixo enquanto ele tenta resolver o quebra-cabeça.

As portas se abrem e caminhamos até o quarto 212.



— Fora do caminho. — Eu me afasto enquanto Marcus levanta a perna e a porta se quebra como um galho sob sua força.

— Você sabe, eu tenho a chave.

— Onde está a diversão nisso? — Marcus sorri. Entrando na suíte, nós dois nos separamos. Mesmo que a suíte seja grande, não levamos muito tempo para cobri-la.

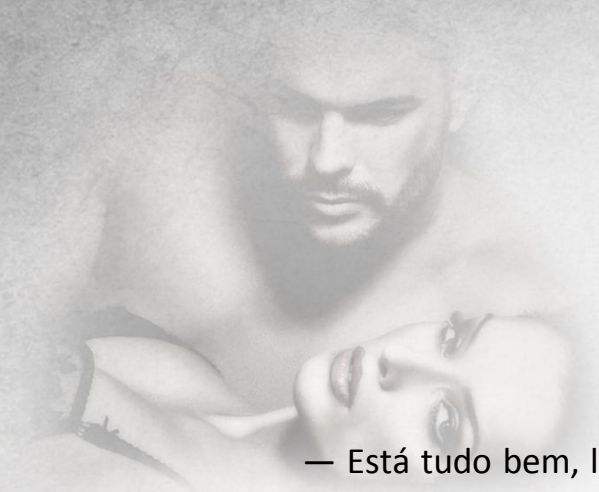
Entro no quarto de Declan, esvaziando suas gavetas, encontrando lubrificante, calcinhas, fotos de garotas. Declan sempre teve uma torção, obcecado por sexo. Jogo tudo no chão antes de vasculhar o resto, deixando tudo vazio. Vou até o guarda-roupa, arranco as roupas dos cabides, procuro por compartimentos escondidos, praguejando quando não encontro nada.

— Patrão.

Saio da sala e vejo Marcus franzindo a testa para um laptop, todo o seu corpo vibrando de raiva, lábios em uma linha tensa. Seus olhos se voltam para os meus, e pura fúria os preenche enquanto suas narinas dilatam.

Eu não o via assim há anos. Ele, como regra, mantém tudo engarrafado, fervendo sob a superfície. Quando eu viro a mesa, entendo por quê. Fotos após fotos de meninas enchem a tela, todas amordaçadas e amarradas, os olhos arregalados de medo, a pele pálida.

Ele se levanta e começa a andar.



— Está tudo bem, leve o seu tempo. — Eu o observo. Ele me lança um olhar severo, seu peito arfando, os lábios trêmulos, antes de colocá-lo entre os dentes, mordendo com força suficiente para que o sangue escorra pelo queixo. Ele engole duas vezes antes de abrir a boca.

— Você vai olhar, ver se ela está aí?

Emily, ou Emmie, como ele a chamava, era a melhor amiga de Marcus. Ela tinha – tem - a mesma idade de Lilliana. Elas até frequentaram a mesma escola. Marcus cresceu no bairro Ark Hill, e Emmie era sua vizinha. Ele se sentia protetor com a menininha loira da porta ao lado e, à medida que ficavam mais velhos, ficavam mais próximos e uma amizade se formava. Então algo aconteceu e a doce menina mudou. Ela não se importava com a escola, pulando a maior parte do tempo, passando a maior parte do tempo bebendo e andando com o pessoal errado. Marcus estava na gangue de Riley na época, uma gangue de baixo crime que dirigia o bairro. Ele avisou a todos para ficarem longe de Emmie, cortá-la. Ninguém devia dar nada a ela, convidá-la para festas às quais era muito jovem para comparecer.

Então ela desapareceu, sem vestígios. Ele procurou alto e baixo, rasgou o bairro procurando por ela. Ninguém sabia de nada. Então, houve uma invasão que derrubou toda a gangue. Quando ele saiu depois de dois anos, ele não parou de procurar. Apareceu na minha porta, encharcado, o trovão iluminando suas feições. Ele tinha ouvido sussurros de que ela começou a



andar pelo complexo. Segurando uma foto, ele me implorou para dizer a ele, apenas responder se eu a tivesse visto. Uma olhada na foto e eu sabia que sim. Ela esteve por perto algumas vezes.

Naquela noite, fechamos um acordo e ele veio trabalhar para mim. Eu disse a ele a verdade, tudo. Juramos naquela noite derrubar todos eles e encontrar as respostas que ambos procurávamos.

Eu clico no primeiro arquivo, mais de cem imagens. Alguns rostos que eu tinha visto no complexo, outros que nunca tinha visto antes. Eles variavam de quase legais a vinte e poucos anos. Eu olho para Marcus, balançando minha cabeça, deixando-o saber que eu não a tinha visto ainda. A bile sobe na minha garganta a cada foto, o terror em seus olhos. Essa era a parte dos negócios de meu pai da qual me recusei a participar. Eu sabia que ele tinha casas de prostitutas, mas isso era mais, algo mais sombrio.

Ao clicar na próxima pasta, todos parecem ser uma garota, seus seios, coxas e mamilos. Nenhum revela seu rosto, apenas uma mecha de cabelo castanho. Eu diria que ele a ama. Existem mais de 200 fotos, todas ela em posições diferentes, mas há algo diferente sobre elas. Eles não estão contra uma parede ou piso de concreto, mas uma cama com lençóis vermelho-sangue. Eu sei que estou perdendo algo, e esta mulher é o elo. Eu tomo meu tempo, estudando cada foto em busca de qualquer pista.

Um alerta aparece na tela. — Marcus?



Ele está ao meu lado a poucos passos, franzindo a testa quando vê o alerta. Ele clica no link, nos levando a uma guia diferente, mostrando que precisamos de uma senha. Marcus move o laptop para mais perto dele, clicando nos botões.

Cada vez, um rosto sorridente aparece.

Deixando Marcus com isso, vou para a cozinha, pegando o uísque do armário e dois copos, antes de enchê-los. Coloquei um na frente dele, antes de me virar para caminhar até à janela. Não é nem de longe tão grande quanto o meu, mas ainda tem a mesma vista de Londres.

— Onde você está, Bela? — Eu sei que ela ainda está em Londres. Tudo em mim me diz que ela está mais perto do que eu pensava. Estou olhando para o prédio em que ela está sendo mantida?

— Você precisa vir aqui, agora! — Eu corro até à mesa, olhando para a tela, não vendo nada além de um bate-papo e um monte de números. — O que é isso?

Marcus aponta para a tela. — Estes são os nomes de bate-papo das pessoas. — Ele aponta para um chamado, *'Guerreiro Roxo'*.

— É isso que eu acho que é? — Os lábios de Marcus se curvam em desgosto enquanto ele aponta para a próxima linha. — Isso é dinheiro. — Eu assobio baixo para o preço, mais de dois milhões e subindo.



— Então, este é um site de lances? — Declan nunca pareceu o tipo de aposta. Ele gosta muito de seu dinheiro. Além disso, o valor que pagamos era suficiente para durar a vida toda.

Marcus continua a estudar a tela, quando sua respiração falha, enquanto ele passa entre duas guias.

— Você precisa manter a calma, — diz Marcus. Eu franzo a testa, observando-o enquanto ele me olha nos olhos. Ele os fecha por uma fração de segundo antes de abri-los. Eu vejo a emoção rodando neles, uma lágrima rolando pelo seu rosto. — Sinto muito.

Desculpe? Minhas sobrancelhas estão tensas. — Do que você está falando? — Um sentimento cresce dentro de mim, suas garras se cravam em mim e todo o meu corpo se contrai, fazendo com que todos os músculos se contraiam.

Agindo rápido, eu o agarro pela garganta, mandando-o para o outro lado da sala com um baque. Eu cruzo para ele, pegando-o novamente, batendo seu corpo contra a parede com força suficiente para que toda a sala treme. — Conte-me. — Minha voz é estranha até para meus próprios ouvidos.

— É um site de leilão, mas não está nas cartas. — Ele me encara diretamente nos olhos, e eu não sei mais quem está apoiando quem.



— Eu tenho certeza. Tenho certeza de que eles estão leiloando Lilliana. A menina tem vinte e dois anos, cabelos negros, olhos cinzentos, um metro e setenta.

O ar sopra ao meu redor, o quarto se inclina enquanto eu corro para o banheiro e esvazio meu estômago. Vejo todos os tipos de coisas fodidas, a maioria que assombraria um homem pelo resto da vida, e nunca perdi o controle, mas o pensamento de todos aqueles homens licitando minha garota me deixa doente. Existem muitos deles.

Eu fico, dando descarga no banheiro. Abrindo a torneira, lavo minhas mãos antes de segurá-las e jogar água no meu rosto, ignorando a picada contra minha pele crua.

Marcus ainda está sentado atrás do laptop quando eu volto para a sala, seus dedos correndo sobre o teclado enquanto ele pragueja.

— O que nós sabemos? — Minha voz está áspera e crua.

Seus olhos se voltam para os meus. — A licitação começou há dois dias e termina na sexta-feira.

Faltam três dias.

— Pode levar dias, senão semanas, para rastrear de onde o site está vindo e, mesmo assim, não significa que seja onde ela está. — Eu corro meus dedos pelo meu cabelo. Três dias... não nos deixa tempo nenhum. Já se



passaram duas semanas e não temos nada, nenhuma pista além daquela filmagem. Tudo que posso ver são as fotos das meninas, seu medo, saber que o lugar onde as fotos foram tiradas é onde Lilliana está presa.

Eu cerro meus dentes. — É melhor esse doutor tê-lo pronto para falar.

Corremos para o complexo, atingindo os degraus para o quarto em que Declan está quando entramos, e o cheiro metálico me envolve imediatamente. Eu paro, praguejando, e Marcus entra em mim. Eu me viro, levando meu dedo aos lábios, sinalizando para ele ficar quieto. Está muito parado, nenhum movimento. Desço os degraus levemente, pegando minha peça, segurando-a. Finalmente, o médico aparece, deitado no chão, uma chave de fenda espetada em seu pescoço, sangue vazando ao redor dele.

— Ele se foi? — Marcus rosna, fazendo minha cabeça virar para o lado para ver o lugar em que estávamos segurando Declan, vazio.

Um chiado chama minha atenção. Aproximo-me de Doc, curvando-me, sua respiração um rastro lento enquanto seu corpo estremece. Lábios manchados de sangue se movem, e eu me inclino. — O quê?

Ele sussurra um nome, usando seu último suspiro.



Capítulo 33



Lilliana

Acordo com água quente sendo derramada sobre mim, tremulando meus olhos, percebendo que não estou mais na sala da caldeira para ver Tara lavando meus pulsos com uma flanela. Ela espreme a água rosa antes de colocá-la em uma tigela diferente cheia de água limpa. Deslizando-o de volta sobre meu pulso, não consigo segurar o barulho que me escapa, em algum lugar entre a dor e o prazer. Seus olhos se voltam para os meus, o alívio os preenchendo por um breve segundo, antes de ela olhar por cima do meu ombro.

— Fica de pé. Você tem que tomar banho. — Sua voz é suave, a dor cobrindo cada palavra enquanto ela me ajuda a levantar, minhas pernas fracas e instáveis como um bezerro recém-nascido. O corpo leve de Tara me segura enquanto cruzamos o quarto para a área do chuveiro. Me firmando



até que eu possa ficar de pé sozinha, ela tira a camisola suja e coberta de sangue de mim. Segurando-me sob o jato, eu gemo com a pressão contra minha pele. Cada músculo dói e o jato parece picadas de alfinetes contra minha pele sensível.

— Há quanto tempo estou inconsciente? — O tempo se esvaiu na sala da caldeira. Não existe, apenas se mistura.

— Três dias, eu acho, — Tara murmura enquanto continua a lavar meu cabelo, a sujeira do meu corpo. Água suja circula pelo ralo. — Eles estão se preparando para vender você, — ela sussurra, mantendo os olhos na porta. Um gemido baixo me escapa.

Fecho meus olhos, rezando para todos os deuses em que não acredito que me ajudem, tentando enviar uma mensagem telepática para que Malachi me encontre.

Eu preciso de você agora mais do que nunca. Por favor.

Tara me vestiu novamente com um conjunto de calcinhas brancas e um vestido de seda. Eles claramente não se importam com os hematomas na minha pele, que minhas costelas mostram, como minhas maçãs do rosto parecem vazias.



Caminhando por um corredor estreito, de volta à sala em que estávamos antes, há sopa fresca e pão esperando por mim. Minha refeição final. Eu empurro em direção a Tara. — Pegue. Eu não consigo comer.

Seus olhos se arregalam e ela respira o cheiro de tomate fresco e manjericão. Olhando ao redor como uma criança travessa, ela agarra a colher antes de tomar seu gole, então geme quando toca sua língua, olhos tremulando fechados. Então me dei conta.

— Por quê você está aqui?

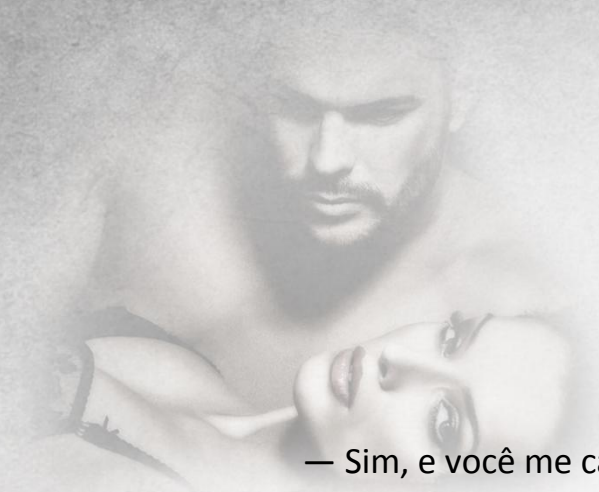
Tara não olha para mim. Seu corpo fica tenso antes que ela levante os olhos para mim.

— Eles estão me vendendo também, — ela sussurra, uma única lágrima rolando por sua bochecha. Eu agarro sua mão, e nós duas nos perdemos em nosso mundo.

Quando a porta se abre, eu suspiro quando uma mulher entra vestindo calça branca e blusa combinando. Seu cabelo preto está preso em um rabo de cavalo, com maquiagem sutil, mas realçando cada uma de suas feições perfeitamente. Ela está tão bonita quanto quando a vi no complexo.

Ouço o gemido suave de Tara, vejo sua cabeça baixa, todo o corpo tremendo.

Eu fico de pé, olhando para a mulher. — Eu conheço você. — Ela sorri.



— Sim, e você me causou muitos problemas.

Balanço minha cabeça, confusa. — Nunca falei com você. Eu vi você apenas uma vez.

— Não, mas a culpa é toda sua! Perdi tudo por sua causa! — ela cospe, me dando um tapa no rosto. Antes que eu possa piscar, ela ataca como um animal selvagem, saltando sobre mim. Ela dá um soco, pegando minha boca, antes de agarrar minhas mãos e amarrá-las com braçadeiras.

— É hora de uma aula de história. — Ela respira pesadamente enquanto se senta à minha frente.

— Havia uma menina, chamada Iris, cuja mãe amava mais drogas do que ela. É uma história triste, um milhão como essa, certo? Você sabe.

Eu aceno porque sei. O bairro de Ark Hill estava repleto das mesmas histórias tristes.

Inferno, Jack era o mesmo. Sua escolha pode não ter sido as drogas, mas era um vício mesmo assim.

— O estômago da menina doía por não ser alimentado, e as crianças a importunavam porque ela cheirava mal e usava roupas sujas. Crianças podem ser cruéis.

Eu sabia como era usar roupas pequenas demais para você, sujas. Como as palavras cruéis te assombravam durante a noite, como as crianças não



brincavam com você, fugiam. Porque mesmo naquela idade eles sabiam que você era diferente, que não vivia como eles. Eles não sabiam o que era, mas era o suficiente para fazer você se destacar.

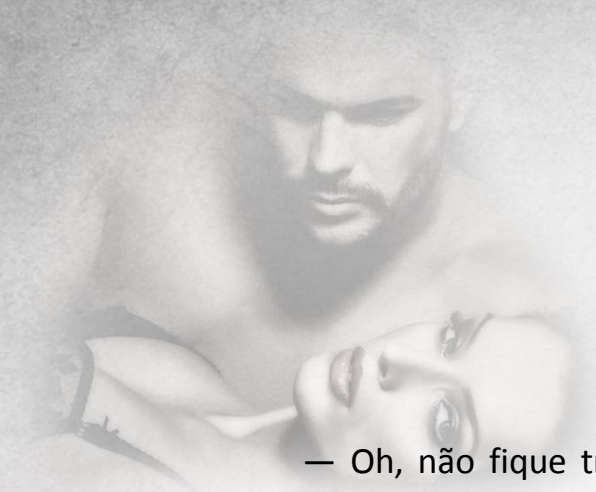
— Laurie, a menina da casa ao lado, tinha um irmão mais velho para defendê-la, para cuidar dela. Ninguém poderia dizer coisas ruins para ela porque Lance iria bater neles.

Lance? Não era esse o nome do guarda?

Ela sorri, balançando a cabeça. — Você o conheceu. Isso parece seu trabalho manual. Ele sempre amou as costelas, sabe em que lugar doem mais. Ele sempre foi um pouco confuso. Ele matou a irmã porque ela tentou escapar do bairro. — Seu sorriso cresce a cada palavra. Ela é louca, e não do tipo bom.

— De volta à história. Um dia, cheguei em casa e a cadela estava morta, deitada em poças de seu próprio vômito, elástico em volta do braço e uma agulha ao lado dela.

Imagens de Jack passam pela minha mente; a última vez que o vi no necrotério. Não consigo imaginar ser jovem e entrar para encontrar sua mãe assim. Não importa o quanto ela a odiasse, uma parte ainda teria se importado.



— Oh, não fique triste. Eu estava feliz por ela estar morta; não mais temendo o que se escondia atrás de sua porta, o que as noites trariam. Se o cafetão dela quisesse outro gosto.

Minha respiração estremece com suas palavras. Não posso deixar de imaginar seu eu mais jovem vivendo em um apartamento decadente, com medo das sombras que brincavam contra suas paredes, o riacho nas tábuas do chão, sabendo do perigo que elas traziam. Ela era apenas uma criança.

Suas sobrancelhas sobem quando ela vê algo em meus olhos.

— Ah, isso é fofo. Você é, na verdade, tão doce quanto ele pensa. — Sarcasmo escorre de cada uma de suas palavras.

— Fui mandada para um lar adotivo. Muito confusa, a família desistiu de mim na mesma semana. Essa foi a primeira casa de que me lembro, os Spencers. Eles se lembraram de mim quando voltei há alguns anos. Eles eram pessoas legais, seguravam as mãos um do outro enquanto eu cortava suas gargantas. — Ela encolhe os ombros, como se estivesse falando sobre algo normal, como o tempo. — Houve quatorze casas no total. — Ela bate no queixo como se estivesse pensando, antes de concordar. — Sim, isso mesmo, então fui enviada para a uma casa de crianças com problemas, com minhas explosões de raiva e fugindo. A assistente social disse que eu estava agindo mal, não sabia como aceitar o amor, embora o desejasse. Mamãe me ferrou mais do que eles pensavam. — Ela revira os olhos, então uma

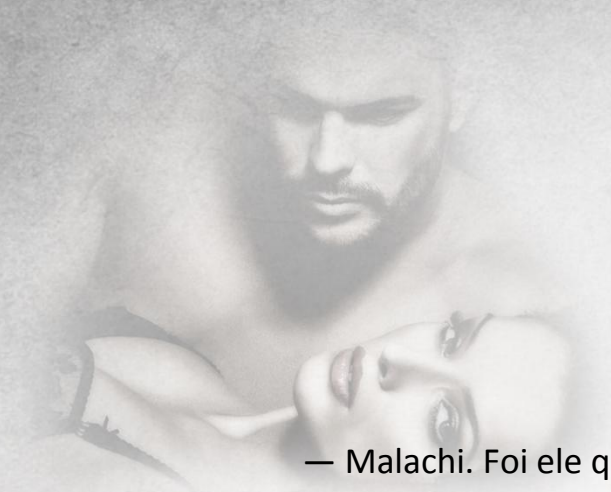


carranca aparece. — Você sabia que eu tinha onze anos quando percebi que os homens que entraram não eram meus pais? Foi só aos quinze anos que soube que os mesmos homens não tocavam nos outros como me tocavam. Quero dizer, quem sabia como famílias reais viviam, que alguns pais eram legais?

Eu posso ver a verdade em seus olhos. Ela ainda não entende que este lugar não é como você deve tratar as mulheres, meninas. Que está errado no nível mais profundo.

Ela encolhe os ombros sem se importar enquanto continua. — Eu saí de lá quando meu irmão veio me buscar. Sempre soube quem era meu pai, então um teste de DNA confirmou isso.

Ela dá um sorriso verdadeiro. — Ele entrou, e eu vou ser honesta, ele me assustou pra caralho, tão intimidante, mesmo vestindo um terno. Havia algo de intenso nele. Poderoso. Foi como se o mundo parasse em sua presença. Ele disse a eles que estava me levando ali mesmo. Disseram que ele teve que passar por formulários e audiências no tribunal, mas naquela noite saí com ele e ele me levou para casa. Ele foi a primeira pessoa que nunca mentiu para mim. — Todo o rosto dela muda, suavidade aparecendo, seus olhos perdendo aquele tom duro. Minha mente está correndo, tentando ouvir sua história enquanto coloco tudo no lugar. Tudo em mim sabe quem ela está descrevendo.



— Malachi. Foi ele quem te pegou. — Eu respiro fundo.

— Você é irmã dele?

Ela bate palmas. — Você é mais inteligente do que parece. — Em seguida, seu rosto muda para uma expressão estranha, transmitindo tristeza e alegria, como se ela não tivesse certeza do que estava sentindo. — Ele será um ótimo pai um dia. Ele não vai deixar ninguém machucá-los. Ele garante que os monstros fiquem longe. — Eu puxo uma respiração dolorosa; lágrimas ardem em meus olhos e uma cai antes que eu possa impedir.

Seus lábios se curvam. — Não com você! Eu não gosto de você! — Ela zomba. — Eu queria um irmão mais velho, e agora eu tenho um, apenas para descobrir que enquanto eu estava vivendo no inferno, ele estava protegendo outra pessoa. *Você!*

Ela se balança em mim, pegando minha bochecha e me jogando no chão.

— Ele era meu irmão mais velho, não seu! Deveria ter sido eu que ele estava protegendo. — Seu pé pousa em meu estômago, me fazendo vomitar.

Olho para ela. — Ele teria, se soubesse. Malachi teria vindo.

Eu suspiro entre tentar puxar o oxigênio, sabendo, sem dúvida, que se Malachi soubesse que ele tinha uma irmã lá fora, ele a teria encontrado.



Sua respiração está irregular acima de mim. — Em vez disso, ele estava protegendo você. Ele ainda está! — Ela dá mais um chute antes de sentar-se novamente, passando os dedos pelo cabelo, colocando-o de volta no lugar. Ela é louca demais.

— Declan me contou tudo sobre você e seu irmão. Ele me contou sobre como armou para o seu irmão, ficou lá observando enquanto eles lhe arrancavam a vida. Isso o deixou tão duro que ele me fodeu por horas.

Meu corpo vomita, incapaz de manter a bile baixa. Enquanto ela continua, toda simpatia que eu nutria pela garotinha perdida dentro dela morre com as palavras duradouras que saem de seus lábios.

— Ele me disse que Malachi estava te observando. Mesmo com você fora de cena, você ainda conseguiu a atenção dele. Nós bolamos um plano. Eu seria exatamente como você, aquele pequeno ato doce. Era exaustivo. — Ela revira os olhos. — Ele caiu nessa. Observei enquanto ele advertia os homens de cima de mim. Ele se tornou protetor. A primeira fase do plano foi melhor do que pensávamos. — Ela sorri.

— Então ele comprou você. Declan disse que ele estava diferente, que ele era mau com você, ignorou você, tratou você como nada e te fodeu como sua própria prostituta. — A dor lança meu coração com suas palavras, lembrando de tudo o que aconteceu naquela casa, sabendo agora que era para proteção. Eu não sei se é o suficiente. Os maus momentos envolvem



seus dedos em volta da minha garganta, ficam na minha frente para que eu apenas os veja. Os tempos felizes estão todos manchados pela escuridão, difíceis de lembrar. Mesmo que meu coração pareça despedaçado sem ele, meu corpo fisicamente sente tanto a falta dele que dói para respirar.

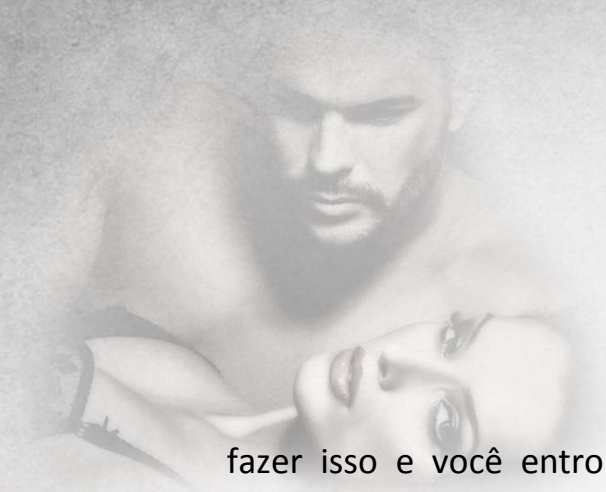
— Nós dois acreditamos nisso até você entrar no complexo. Um olhar para o seu rosto e vi tudo. Depois de tudo que ele fez, você ainda o ama.

Eu aceno enquanto as lágrimas correm pelo meu rosto, lembrando-me de vê-los juntos, a dor que me cortou. Ela está certa, eu amo Malachi, mais do que pensei ser possível. Eu sei que Malachi é minha alma gêmea. Todos nós somos levados a acreditar que o amor é suficiente pelos grandes poetas que resistiram ao teste do tempo, mas eles estavam errados. O amor nem sempre é suficiente. Não sei se é o suficiente para nós. Se por acaso eu sair daqui, não sei como podemos consertar o que quebramos. Embora eu deseje fechar meus olhos e acordar naquela casa.

— Quando eu disse a ele, você entrou no escritório de Gage, ele estava de pé e correndo atrás de você. Malachi não corre atrás de ninguém, eles vêm até ele, mas você...

Ela zomba novamente, antes que um sorriso apareça tão rápido, fazendo-a parecer além da loucura.

— Temos que agradecer a você pelo estágio dois: matar Gage. Você conseguiu. — Ela ri. — Declan e eu estávamos planejando por semanas como



fazer isso e você entrou e atirou nele em seu escritório. Aposto que o bastardo não conseguia acreditar. Eu perguntei a ele, você sabe - Malachi. Perguntei se ele te amava, se você era a garota, ele estava tão confuso. Admitiu. Mesmo se não tivesse, eu saberia. Seus olhos, eles falavam a verdade, tão poderosos que você podia sentir. A intensidade disso foi forte como uma tempestade. — Eu puxo uma respiração trêmula.

— Você me odeia porque ele me ama?

Ela encolhe os ombros. — Eu te odeio porque você o deixou fraco. Ele deveria assumir, levando eu e Declan com ele. Com a morte de Gage, ele deveria assumir as rédeas. Mas você sempre esteve no caminho.

Eu rio. Não posso evitar, ele borbulha. — Ele nunca quis! Nunca. Ele odiava o nome Kingston, o que significa.

— Por sua causa e seu irmão!

Eu olho para ela, direto nos olhos. — Você já conheceu Malachi para fazer algo que ele não queria? Ele nunca quis trabalhar para Gage. Era Declan quem queria; ele é aquele que sempre desejou o poder, o dinheiro. Ele, não Malachi. E você caiu no seu anzol, linha e chumbada. Você bebeu o veneno dele.

Ela franze a testa com as minhas palavras, mas eu não paro, não tenho certeza se estou certa, mas não consigo impedir que fluam.



— Você concordou com tudo que ele te alimentou, e agora Malachi está procurando por mim, não está? Você acha que ele não vai descobrir? Ele é esperto; talvez já tenha descoberto.

Seus olhos se contraem quando ela encolhe os ombros, mas há medo começando a girar neles. Ela sorri, tentando disfarçar. — Ele não vai descobrir; o vendedor já está a caminho. Você terá partido muito antes que ele sinta o cheiro deste lugar. Nós nos certificamos disso.

Ela sorri com orgulho, como se eles tivessem tudo coberto.

— E quanto a todas aqui? Todos os seus clientes? Você acha que se Malachi encurralar um, ele não descobrirá a verdade? Quantas pessoas você vai matar? O que acontecerá quando ele descobrir que você não apenas me vendeu, mas matou meu bebê, o bebê dele. Sua sobrinha ou sobrinho. — Minha garganta queima com a verdade enquanto as lágrimas caem pelo meu rosto, caindo em minhas pernas nuas.

— Ele vai nos perdoar. Ele não queria machucar Declan. Foi longe demais. Ele está com raiva, mas vai nos perdoar. — Eu balancei minha cabeça.

— Não, ele não vai. Se ele já machucou Declan, ele está atrás dele, de vocês dois. — Eu vejo o sorriso cair enquanto a incerteza cobre suas feições.



Um sorriso real rasteja pelo meu rosto. — Faça o seu melhor, porque ele fará muito pior.

Ela salta para mim, assim que a porta se abre.

— Íris. — Ela congela, sua mão está acima de mim. Eu a vejo mudar na minha frente, colocando um sorriso malicioso nos lábios.

— Denzel, querido, eu não disse que ela era linda.

O homem aparece; ele é alto, com cabelos loiros ondulados salpicados de listras cinza, olhos azuis do oceano. Sua pele está bronzeada, como se ele tivesse acabado de voltar de férias. Eu o colocaria por volta dos cinquenta, mas seu corpo está bem cuidado. O olhar em seus olhos me faz recuar. O verdadeiro mal está por trás deles.

Ele se aproxima de mim. — Sim, com certeza é.

Ajoelhado na minha frente, ele agarra meu queixo, movendo meu rosto de um lado para o outro, me olhando nos olhos. — Fique de pé.

Ao seu comando, eu permaneço. Ele abre o vestido de seda, observando meu corpo, passando o dedo da minha garganta até o meu seio. Eu mordo meu lábio para parar o choramingo. — Ela vai ganhar muito dinheiro. Eu tenho o comprador perfeito no lugar. — Ele se volta para Iris. — Eu poderia ligar para ele agora. Ele estará aqui dentro de uma hora.



O sorriso de Iris cresce. — Ligue para ele e jogue a outra garota de graça.



Capítulo 34



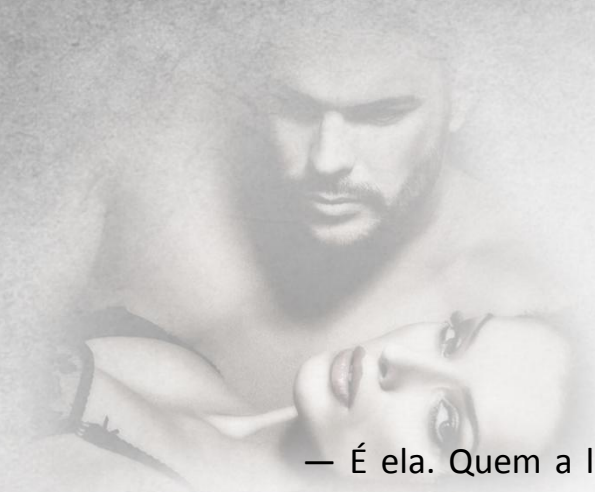
Prince

— Você tem certeza? — Pela terceira vez, minha respiração para. Marcus levanta os olhos do laptop em que está trabalhando sem parar para me observar.

— Sim, estou lhe enviando uma foto agora. Não me esqueço das cadelas, especialmente aquelas tão boas como ela. — Meu tom de mensagem sai e eu abro a foto que Denzel acabou de me enviar, caindo de joelhos quando a vejo. Lilliana.

Seu cabelo negro está solto, envolto em torno de seu rosto como um véu quando ela olha para o chão. Seu corpo é tão magro que posso ver as linhas de suas costelas, e sua pele é pálida, marcada por hematomas roxos.

Mas é ela.



— É ela. Quem a levou? — Minha voz está traindo meus verdadeiros sentimentos.

Denzel faz uma pausa antes de suspirar.

— Você já sabe, não é?

Eu havia repassado tudo que havia aprendido, as fotos, as palavras do médico. Tudo leva a uma pessoa, mas espero estar errado. Embora seja a única coisa que faz sentido.

— Você quer um nome - Iris. Ela está aqui agora.

Meu próprio sangue foi aquele que segurou a adaga e usou sua boceta para deixar Declan de lado. Agora, todas aquelas reuniões com Gage fazem sentido. Ela não estava chateada por ele não lhe dar atenção; era para me manter longe do cheiro.

Ele ainda estava brincando comigo do além-túmulo. Hoje acaba.

— Nova ordem: enviarei o endereço se você entregar a empresa. Quero o prédio, o guarda e as meninas, — continua Denzel.

Eu cerro meus dentes enquanto Marcus levanta o polegar. Virando o computador, uma marca vermelha aparece. Eu li o endereço.

Rua Bake. Há um parque industrial no final dele, nem mesmo a dezesseis quilômetros do complexo.



Começamos a nos mover. — Denzel, vou fingir que você cometeu um pequeno deslize e não apenas disse o que disse. Me mande o endereço e você vive. Se eu não o tiver nos próximos trinta segundos, você não vai sair daqui vivo. — Há grunhidos no telefone. — Você não parece estar em condições de discutir.

Marcus pula no banco do motorista enquanto eu pulo do lado do passageiro. Ele puxa para a estrada, me mandando de volta com a velocidade. — Nunca me subestime, Denzel, será um erro pelo qual você pagará muito. — Em um segundo, meu telefone toca novamente. Pego meu telefone do meu ouvido e leio. É o mesmo endereço que estamos seguindo.

— Observe-a. Estou te responsabilizando.

Nós dirigimos por Londres, costurando através do tráfego a uma velocidade que é imprudente. Eu digito mensagens para meus caras, dizendo a eles para nos encontrarem lá. Não os do complexo, mas os da casa que Marcus e eu montamos, todos eles altamente treinados com experiência militar.

Chegamos ao parque industrial para encontrar mais de trinta armazéns.

Agarro a maçaneta quando Marcus me para.

— Não, nós esperamos pelos caras. Empurre tudo para baixo, mantenha-o trancado até chegarmos a ela. — Eu balanço minha cabeça.



— De jeito nenhum! — Ele agarra meu braço novamente.

— Não sabemos o que está lá, quantos estão protegendo ela. Não queremos que ela se machuque no fogo cruzado.

Eu amaldiçoo, sabendo que ele está certo. Não posso arriscar sua vida, não tão perto. Dez minutos se passam, que parecem horas, quando três grandes vans pretas param ao nosso lado.

Todos nós começamos correndo.

— Isso vai levar uma eternidade. — Eu saio depois do terceiro armazém vazio.

— Patrão. — Aaron vem até mim. — Há um armazém no final, guarda do lado de fora. Eu diria que esse é o nosso lugar.

Todos nós saímos correndo. O armazém aparece, maior do que o resto. Cinco guardas estão do lado de fora.

Aaron acena com a cabeça, levantando três dedos, depois dois, um.

Rachaduras enchem o ar enquanto observamos os cinco guardas caírem no chão, rápido demais para qualquer um deles reagir.

Corremos em direção à porta de metal. Abrindo, os olhos de quatro guardas se arregalam ao nos ver.

— Senhor, não sabíamos que você viria hoje.



— Você me conhece? — Eu ando em direção a ele, pegando-o pelo pescoço. Seu rosto fica vermelho brilhante.

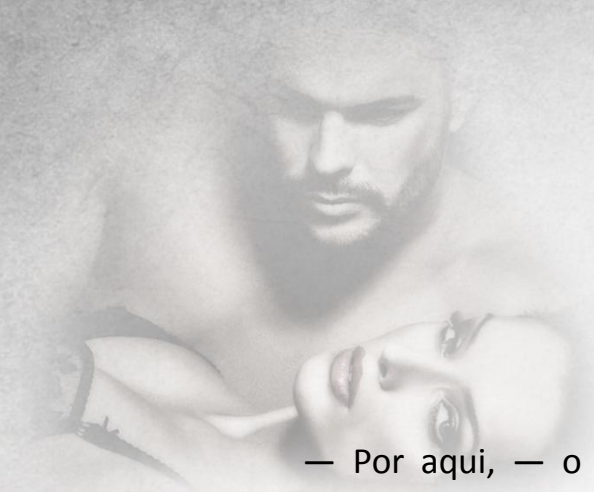
— Sim. Sim, senhor, — ele engasga. Eu franzo a testa, olhando para todos, vendo a mesma confusão escrita no rosto do homem. Em seguida, isso me atinge como uma coronha de arma na cabeça.

— Quem é o dono deste edifício? — O homem engasga, seus olhos começam a rolar, mas eu não preciso de sua resposta.

— Este edifício é propriedade do meu pai. Eles a esconderam em um de nossos prédios. — A raiva passa por mim, fazendo os outros darem um passo para trás. Este será o primeiro a queimar.

— Declan está aqui? — O outro guarda acena com a cabeça. — Thomas, Jacob e Keith, sigam-no e assegurem-se de que meu primo seja agarrado. Se ele resistir, façam-no sofrer. — Todos acenam com a cabeça, seguindo os dois guardas.

— Onde está minha irmã? — Minha voz está baixa e fria. Eu vejo como todos eles olham uns para os outros, o suor descendo por suas têmporas enquanto visivelmente todos engolem. Eu seguro a arma e atiro no mais próximo. Ele desliza pela parede, sufocando, deixando um rastro de sangue enquanto cai no chão.



— Por aqui, — o mais alto engasga. Caminhamos por um corredor, ouvindo gritos e gemidos. Eu olho por cima do ombro para ver os olhos de Marcus selvagens, seus punhos cerrados como sua mandíbula. Eu sei que isso vai ser difícil para ele.

Então ouvimos - o som que enche meu sangue de gelo.

Um tiro.





Capítulo 35



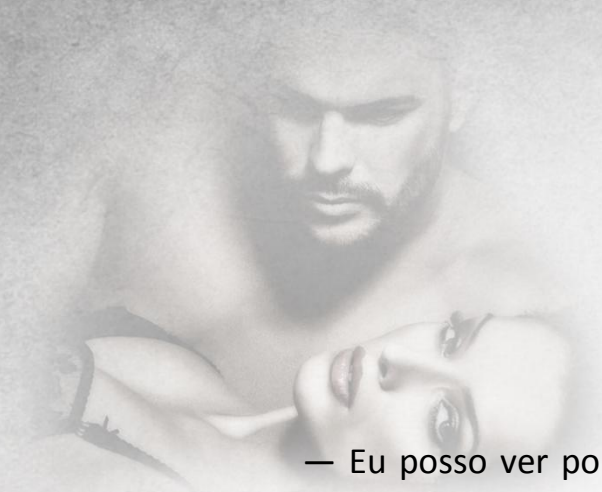
Lilliana

Algo vem pelo rádio que faz Iris largá-lo. Ele quica no chão, se espatifando. Ela começa a andar, seus olhos se voltando para mim enquanto anda, pegando algo em sua mesa no caminho. Eu vejo a fita prateada em suas mãos enquanto ela arranca um pedaço com os dentes antes de enfiá-lo na minha boca.

— Fique quieta ou vou matá-la. — Eu aceno, entendendo.

Tara agarra minha mão, apertando com força enquanto Denzel nos estuda do outro lado da sala. Ele saiu para entrar em contato com o vendedor e disse a Iris que estaria aqui em breve e que me queria.

Iris lança mais um olhar para nós antes de abrir a porta, batendo-a atrás dela.



— Eu posso ver porque ele quer você de volta. Se ele não me tivesse entre a espada e a parede, eu mesmo teria mantido você. — Meu corpo convulsiona com suas palavras, trazendo meus joelhos mais perto para parecerem menores, tentando desaparecer.

Iris volta com Lance. Eles falam em sussurros baixos, seus olhos se voltando para os meus.

— Agarre-a! — ela rosna.

Ele me pega, jogando-me sobre seus ombros.

— Para onde você a está levando? Meu comprador está a caminho... — Um toque alto ecoa pela pequena sala. Quando saímos, vejo o corpo de Denzel bater contra a cadeira, os olhos abertos, sem vida.

Meu corpo estremece com os passos largos de Lance, fazendo-me chiar quando seus ombros se conectam com meus hematomas.

— Andar de cima. — Iris fala rápido enquanto assume o controle, suas unhas cravando-se nos braços de Tara, fazendo com que o sangue apareça.

Ela nos empurra para uma sala que cheira a sexo e lágrimas.

— Agora! Torne-o verossímil.

Levantando o punho, ele o envia em seu rosto, rompendo a pele sob seu olho.



— Novamente. — Iris sorri quando Lance dá outro golpe. Ela geme, lambendo os lábios, sentindo o gosto do sangue. Caminhando até Lance, ela agarra seu cabelo, esmagando sua boca contra a dele, esfregando seu corpo contra ele.

Outro toque ensurdecedor ecoa, e Lance cambaleia para trás, com a mão apertada contra o estômago enquanto o sangue jorra. Ele olha para baixo antes de voltar para Iris. Ele cambaleia para trás, seu grande corpo caindo no chão ao nosso lado, o rosto olhando diretamente para nós. Tara choraminga, movendo-se para perto de mim e para longe do corpo de Lance.

Iris olha para mim antes de disparar para dentro da sala, eu caio de lado enquanto a dor atinge meu braço. A tontura toma conta de mim quando ouço a porta bater.

— Lilliana.

Eu gemo tentando me mover vendo o sangue cobrindo meu braço.

Rompo os laços assim como Malachi e Hayden me ensinaram.

— O que você está fazendo? — Tara engasga enquanto eu rastejo até Lance, batendo em seu corpo antes de pegar a arma de sua jaqueta.

— Vamos, estamos saindo daqui. — Seus olhos se arregalam e ela hesita um pouco antes de se levantar, segurando minha mão.



Abro a porta e todos os olhos se voltam para mim. Os olhos do guarda se arregalam, mas antes que eles possam agir, estou descendo as escadas, mais rápido do que meu corpo é capaz, tropeçando em alguns passos.

Iris se vira, com o choque registrado em seu rosto quando ela vê a arma que estou segurando, apontada para ela.

Antes que um sorriso surja em seus lábios. — Você vai me matar? Ele vai odiar você! Você sabe o que é perder um irmão. Você vai fazê-lo viver com a mesma dor?

Suas palavras fazem minhas mãos tremerem.

Enquanto eu encaro Iris nos olhos, vejo como seu sorriso cresce.

— Lilliana. — Uma lágrima rola pela minha bochecha com a voz áspera e suave que soa como uma oração quebrada.

Então eu sinto, a eletricidade que faz todos os pelos finos do meu corpo se arrepiarem. O cheiro que me circunda e que só pode pertencer a uma pessoa. Meu braço cai com a visão dele, parado ali, sua respiração pesada, fazendo seu peito subir e descer, seus punhos cerrados com força. Inferno, em seus olhos escuros. Macho puro e cru.

— Lilliana. — Meu nome sai de seus lábios enquanto seus olhos dançam entre mim e Iris.



Meus olhos voltam para ela, e não a vejo mais, a mulher que estava sofrendo e perdida, o animal ferido que em vez de aceitar ajuda lutou contra ele. Toda a dor, a dor... é tão cegante que não vejo mais nada, não sinto mais nada.

— Eu sinto muito. — Cai dos meus lábios e não tenho certeza para quem se destina. Iris, por tudo que ela passou, que ela não conseguiu encontrar paz e, em vez disso, se transformou no monstro que ela temia e pior? Malachi, porque eu sei que enquanto meu dedo desliza para trás, ele nunca vai olhar para mim da mesma forma.

Meu braço estremece enquanto vejo a bala correr pelo ar, pousando em seu peito, em seu coração.

O sangue flui, manchando sua blusa branca. Ela olha para Malachi enquanto o sangue começa a escorrer de seus lábios. Ele a pega.

Deitada no chão, ela sussurra enquanto se agarra a ele, antes que seu aperto afrouxe, as mãos caindo moles em seus lados.

Malachi fecha os olhos antes de se levantar. Eu olho em volta pela primeira vez, notando diferentes homens segurando os guardas contra a parede. As meninas estão amontoadas no canto da sala, lágrimas silenciosas escorrendo por seus rostos. Medo e esperança giram em seus olhos enquanto elas me olham, sem piscar.



Malachi dá um passo em minha direção e eu levanto a arma.

— Fica longe. Estou nos tirando daqui e ninguém vai me impedir. — Eu vejo sua sobrancelha subir quando ele se vira para Marcus, que está me observando. Eles veem a mudança em mim. Como eu não poderia ser mudada após os últimos meses, ir para o inferno e não ser queimada por suas chamas? Não sei quando aconteceu ou se foi um efeito dominó, mas eu senti, da maneira como isso me torceu, me dobrou até que eu não tive outra opção a não ser quebrar, me render ao novo sentimento que se formava dentro de mim, aceitando isso. Eu tinha acabado de atirar em uma mulher, matá-la à vista de todos e não senti remorso, nada. E isso me assusta mais do que tudo.

— Tara, venha ao meu lado. — Estendo minha mão, e seus dedos frios e trêmulos encontram os meus. Marcus dá um passo à frente, fazendo Tara guinchar ao meu lado.

— Você passou por uma merda, garota. Eu entendo que você não sabe em quem confiar. Você não sente nada além de dor, por dentro e por fora. — Uma lágrima solitária escorre pela minha bochecha. — É horrível aqui, as coisas que eles fizeram.

Os olhos de Marcus piscam de tristeza, quando de repente estou no ar e pressionada contra um grande corpo enquanto outra pessoa pega a arma. — Me solte!



Sinto um hálito quente na testa. — Não há nenhuma maneira de eu deixar você ir de novo.

A voz de Malachi me envolve. Sua mão vem ao meu redor, acariciando meu cabelo até que estou cercada por ele.

Estou nos braços do homem que amo, odeio e tudo mais. Eu luto contra ele, para afastá-lo e me segurar mais perto.

Começamos a nos mover, e quando o ar fresco atinge minha pele, a luz brilhante me fazendo estremecer, causando uma dor na minha cabeça, todo o meu corpo parece que está flutuando. Sinto algo macio contra mim quando meus dentes começam a tremer; parece desencadear o resto do meu corpo.

Eu ouço murmúrios quando um motor liga, e tudo das últimas semanas passa por mim. Cada vez que respiro fundo, as próximas ondas chegam, levando-me para baixo. Não sei mais para que lado estou lutando, mas meu corpo está muito fraco. Fecho os olhos, deixando que tudo me reivindique, sabendo que nunca serei aquela garotinha que se apaixonou pelo amor, pela magia e pelos contos de fadas de príncipes e princesas, dragões e cavalos brancos. Foi-se a garota que amava sem cuidados, sem medo, que se apegava à esperança em um mundo sem esperança.

Eles não levaram meu corpo, mas algo muito pior.



Minha alma.

O rosto sem nome caminha em minha direção com uma serra, rindo enquanto tento correr.

O corredor é longo, sem fim, e todas as portas que tento estão trancadas. Não importa o quanto eu corra, ele ganha de mim. Sua figura sombria se inclina sobre mim, vestida com um longo casaco branco coberto com manchas de tinta vermelha - não, sangue. Está pingando da serra. Eu olho para a minha barriga e o sangue escorre pelas minhas mãos.

— Não, não.

— Bela, Bela! Acorde. — Eu recomeço, meu corpo coberto de suor e os cabelos grudados na minha testa. Minha respiração sai espaçada enquanto eu rastejo para trás na cama, pulando quando sinto a cabeceira fria nas minhas costas. Eu pisco rápido quando o rosto de Malachi aparece.

— Foi um pesadelo. — Meu lábio treme quando eu digo isso. Eu o aperto entre os dentes para parar o tremor.

Ele me olha como um animal selvagem, um olhar intenso em seus olhos, como se ele não pudesse acreditar que estou aqui.



Não mais vigiada, ele está me mostrando tudo. É demais, não é suficiente; sufocante, libertador. Nossas peças denteadas de alguma forma agora combinam, nascidas da mesma escuridão. Já não me afoga porque sou parte dela, ou porque é parte de mim. Não há mais um espaço entre nós, qualquer área cinzenta para navegar.

Ele estende a mão, me fazendo recuar. Seus olhos traem seu corpo forte e poderoso com uma centelha de dor.

Eu saio da cama, gemendo pelas contusões que ainda cobrem meu corpo. A dor dentro de mim, o vazio que constrói um novo sentimento: raiva, crueza que não sei como lidar.

— Lilliana! — Eu paro em sua voz de comando.

— Não, — eu cuspo, a mesma resposta que dei a ele nas últimas duas semanas. Há dias em que não consigo olhar para ele. Cada vez que faço isso, vejo seus rostos: o do pai, de Iris, de Declan. Todos eles se transformando em um, estabelecendo-se em seu rosto, e eu vejo seu reflexo em seus olhos negros, nesta casa. A prisão que me cerca, guardas que cuidam de mim. Vendo-os em todas as sombras, vozes sussurrando em minha cabeça. Mesmo com todos eles mortos, eu sinto que ainda estou lá, de volta àquela sala. É como se eu não tivesse escapado, esperando que a casa, Malachi, tudo se desvanecesse, e me encontrasse ainda sentada naquela cama enferrujada.



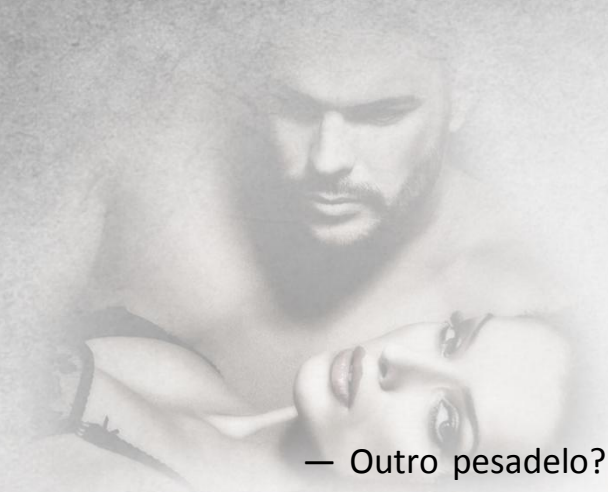
Virando-me para olhar por cima do ombro, vejo sua mandíbula apertar, restringindo as palavras que ele quer dizer. Isso dói, e eu sei que não deveria. O lado racional de mim sabe que ele está me dando tempo para resolver tudo, para resolver a confusão na minha cabeça. O outro lado o odeia por isso. Quero que ele me diga que vê os demônios lá dentro e lhes dá as boas-vindas. Eu quero que ele me leve brutalmente, tire toda aquela sujeira que não importa quantos banhos quentes eu tome, eu ainda não consigo me livrar. Para foder as imagens doentias da minha cabeça até que ele me consuma novamente, me possua inteiramente.

Estou confusa, doente da cabeça para desejar isso, a ele.

Para querer sua dor.

Entro na sala de jantar, sabendo que ele está me seguindo. Eu quero me virar e dizer a ele para ir embora, dizer a ele para me puxar para seus braços e nunca me deixar ir, mas em vez disso, mantenho minha boca fechada.

Tara levanta os olhos quando entro. Ela não quer ir para casa ainda. Ela não está pronta para o 'normal'. Compreendo. Mesmo que ela esteja parecendo melhor, seus olhos ainda têm aquele olhar assombrado que sei que vive nos meus também. Seus lábios se erguem em um sorriso gentil enquanto eu sento, antes de se encher de preocupação.



— Outro pesadelo? — Sua voz é suave como um sussurro. Eu pego a torrada, colocando manteiga sobre ela, balançando a cabeça, sentindo Malachi tomar o assento oposto, ao lado de Marcus.

Eu não preciso dizer mais nada a ela, porque nós duas conhecemos os homens que nos assombram. Os monstros de nossos pesadelos são os mesmos, e me pergunto se as outras garotas são iguais.

— O que aconteceu com as outras garotas? — Eu questiono, a pergunta saindo dos meus lábios antes que eu possa impedi-la.

Malachi e Marcus olham para mim, olhando como se não pudessem acreditar que eu falei. Nas semanas que voltei, apenas algumas palavras passaram dos meus lábios, com medo de que a verdade se desvendasse.

Eles olham um para o outro, e Marcus parece estar pedindo permissão a Malachi para falar. — O armazém está totalmente queimado. Todas as meninas voltaram para casa ou foram para um lugar seguro. — Observo seus olhos brilharem, sabendo que ele sabia onde éramos mantidas, as condições. Meu rosto arde, sem saber o quanto ele sabia. Tara pega minha mão. Eu agarro, apertando, sabendo que ela está sentindo a mesma vergonha rastejando contra sua pele, como mil formigas de fogo.

— Todos os guardas foram mortos. — A raiva gira em torno das palavras de Malachi, com a força de uma adaga e tão afiada. Meus olhos se fixam nos dele, para vê-lo me estudando, observando minha reação. Eu



aceno, como se estivesse concordando com o tempo, não que ele tivesse acabado de me dizer que matou um bando de homens, em minha homenagem. O pensamento maligno traz meu corpo vivo, imaginando-o de pé acima deles, coberto com seu sangue, pingando em seu sangue. Ouvindo seus apelos, implorando por misericórdia, para tirar sua dor. Estou com ciúme por não ter conseguido ver, testemunhar seu último suspiro enquanto sorria para eles.

Eu odeio os pensamentos que se insinuam, que querem se enterrar bem fundo, onde ninguém pode vê-los. Eu sou uma boa pessoa! Eu sou o tipo de pessoa que pega gatos vadios, que os alimenta mesmo que meu estômago doa de fome. Eu costumava salvar vidas, fazer qualquer coisa para garantir que as famílias não recebessem as mesmas notícias que recebi quando soube da morte de Hayden. Agora é tudo diferente. Eu sou diferente!

Eu me levanto abruptamente, jogando a cadeira atrás de mim para trás no chão, causando um gemido de Tara e fazendo que os dois homens se levantem.

Meu corpo todo treme com uma emoção que nem consigo nomear. Está crescendo como uma força, girando por dentro, procurando uma fuga. Dou mais um passo para trás, com medo do sentimento que agora está me dominando, me mantendo prisioneira. Meus olhos voam para todos eles,



vendo Marcus empurrar Tara atrás dele. Ele vê isso. Então eu olho para Malachi, lágrimas caindo pelo meu rosto enquanto eu olho para ele, implorando sem um som para me ajudar. Para ouvir meus gritos silenciosos.

— Eu não sei o que está acontecendo, — eu sussurro, e então Malachi está na minha frente, segurando meu queixo para olhar nos meus olhos. O que ele vê? Morte?

Eu puxo meu queixo de seu aperto, com medo do que vou fazer, o que a emoção significa. — Fique longe. Você precisa ficar longe. — Eu recuo até que minhas costas batam na parede, e ele acompanha cada passo meu.

Acho que ouvi a porta fechando com a batida frenética do meu coração. — Deixa pra lá, Lilliana. — Eu balancei minha cabeça. Ele não sabe o que está pedindo.

— Você não conhece as coisas enterradas aqui. — Eu bato minha cabeça, tentando fazê-lo ver. Em vez disso, seus lábios se curvam quando ele se inclina, roçando-os contra minha têmpora.

— Eles te machucaram, te degradaram e te fizeram sofrer todos os dias; mal te alimentaram, te mantiveram vulnerável. Eles mereciam morrer, cada um deles. Tudo bem querer isso, querer que eles sofram da mesma forma que você.



Minha boca se abre com suas palavras. É como se ele pudesse ver cada pensamento confuso.

— Estou confusa, porque sei que você os matou e, em vez de ficar com medo, enjoada, fiquei excitada, com ciúmes de não ter sido eu. — A vergonha cobre cada uma das minhas palavras, fazendo-me inclinar a cabeça.

Sua mão se enrola em volta da minha nuca, apertando, fazendo minha cabeça levantar. Seus lábios descem sobre os meus, nada além de um sussurro, uma provocação, antes que ele trace o contorno com a língua. Eu me inclino mais perto, como uma mariposa em uma chama, incapaz de me impedir de pressionar meus lábios com mais força contra os dele. O aperto no meu pescoço aumenta, fazendo com que um gemido saia dos meus lábios enquanto ele pressiona nossos corpos juntos.

Tomando minha boca do jeito que ele quer, sob seu controle, cada varredura de sua língua, mordida de seus dentes, faz todo o resto desaparecer. Eu faço o que ele sempre quis: eu me submeto ao beijo, a ele.

Eu sei que ele sente a mudança em mim porque o beijo se transforma em outra coisa; quente, pesado, sensual, como se ele estivesse fodendo minha boca. Meus pulmões queimam por oxigênio. Ele está no controle, até mesmo da minha respiração. Minhas unhas arranham seu couro cabeludo, cravando em seu cabelo, e seu peito vibra com o rosnado que escapa dele.



Nós dois ficamos frenéticos, unhas, dentes e dor, tudo esmagado juntos com paixão, esperando pela euforia que nos espera, a sensação que só vem quando ele está dentro de mim, enquanto nossos corpos se unem.

Malachi me leva para trás, nunca removendo seus lábios dos meus. Quando minhas costas atingem a mesa, ele me levanta, espalhando minhas pernas para que ele possa caber entre elas. Eu sinto sua dureza escovar contra mim, me fazendo empurrar de volta, querendo senti-lo. Enfiando os dedos pelo meu cabelo, me fazendo sibilar quando seu aperto aumenta, ele me beija como se nunca tivesse uma chance novamente, machucando meus lábios.

Eu encontro a barra de sua camisa e a puxo, enviando botões voando em todas as direções. Conforme a camisa se abre, meus dedos correm pelos sulcos profundos de seus músculos, sentindo seu calor sob minhas mãos enquanto arrasto minhas unhas por seu peito, através de seu mamilo, fazendo-o soltar meus lábios em um assobio.

Seus olhos me fixam, cheios de poder, força e calor. Respirando com dificuldade, lábios inchados, peito nu, com listras vermelhas de minhas unhas, ele parece um homem puro e cru, sangue quente bombeando por seu corpo, pronto para acasalar, para reclamar. Ele rasga minha blusa, deixando meus seios nus para ele, doendo apenas pelo seu olhar, carente e desejoso.



Jogo minha cabeça para trás enquanto seus dedos circulam meu mamilo, querendo que ele me toque. Abrindo meus olhos, vejo aquele sorriso em seus lábios, cabelo despenteado dos meus dedos. A dor entre minhas pernas aumenta quando eu levanto meus quadris para esfregar contra ele. Mas como se conhecesse meus movimentos, ele se afasta, apenas fora de alcance, me deixando louca de desejo, ficando bêbada com isso.

Eu grito quando ele inclina a cabeça, lambendo a ponta do meu mamilo antes de fazer o mesmo com o outro. Suas mãos os juntam rudemente, apertando, e o prazer explode pelo meu corpo enquanto eu arqueio em direção a ele, oferecendo-lhe mais. Eu sinto seu sorriso contra minha pele.

— Me tire. — Desavergonhadamente, eu movo imediatamente, puxando a fivela do cinto, abrindo antes de puxar o zíper para baixo. Envolvo minha mão em torno dele, quente e pesada. Ele me observa com olhos pesados, me mostrando o que eu faço com ele, a paixão crua e não adulterada que está correndo em suas veias e algo mais, logo abaixo da superfície, forte e poderoso como o próprio homem.

— Mais forte. Foda-se! Sim, isso mesmo, Bela, muito bom. — Sua respiração fica tão pesada quanto a minha enquanto seus dedos deslizam na calça do meu pijama, correndo pela parte interna da minha coxa antes de serpentear sob a minha calcinha. Ele corre os dedos pela minha umidade,



empurrando dentro de mim, e meus quadris balançam para a frente. Seu polegar circunda meu clitóris enquanto seus dedos acariciam dentro de mim, atingindo aquele ponto que me faz ver estrelas.

— É isso, Bela, monte minha mão.

Tudo em mim sobe. Esse sentimento que só ele pode causar começa a se contorcer no meu estômago enquanto eu aperto em torno dele.

— Olhos em mim. — Meus olhos se abrem e não tenho certeza quando os fechei, assim que me quebro em seus braços. Ele cobre minha boca com a sua, como se quisesse capturar meus gritos, reivindicá-los como seus.

Eu o sinto na minha entrada. — Preservativo, — eu suspiro.

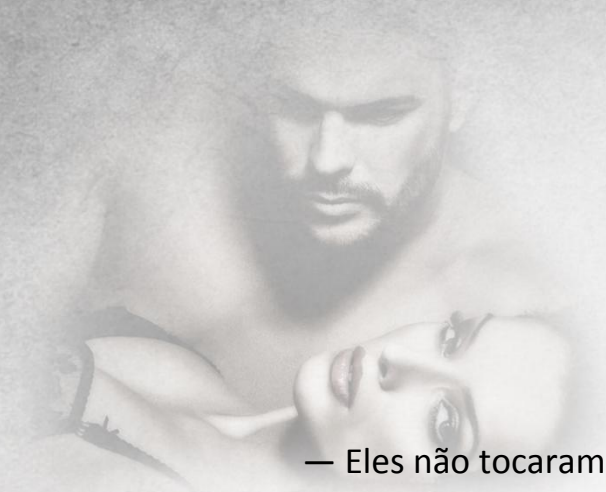
Ele congela, apenas a ponta dentro de mim. — Nada entre nós. Você é minha.

Eu balanço minha cabeça enquanto a alta que eu estava montando me manda de volta ao chão.

Vendo algo no meu rosto, ele dá um passo para trás e eu quero chorar pela perda.

Ele agarra meu rosto, sua grande mão me segurando com força, e eu percebo que ele está tremendo.

— O médico disse... Ele disse que não tocaram em você. — Eu sei o que ele está dizendo, e balanço minha cabeça.



— Eles não tocaram.

Seus olhos se estreitam. — O que você não está dizendo? — Eu balanço minha cabeça novamente, não percebendo que estou tentando fugir até que seu aperto aumenta.

— Os pesadelos, — ele murmura, mais para si mesmo, como se estivesse juntando as peças.

— Deixe isso, Malachi.

Ele dá um passo para trás como se não pudesse pensar em torno de mim, empurrando seu pau para trás em suas calças. Eu luto para colocar minha blusa de volta, saindo da mesa.

— Você sempre me deixou tomá-la sem proteção. Você goza no meu pau quando me sente liberar dentro de você.

A raiva me atinge como um raio, acendendo todas as terminações nervosas. Meus lábios se curvam enquanto eu pulo da mesa.

— Você nunca pergunta! Você apenas pega.

Minhas palavras ricocheteiam nele enquanto ele levanta uma sobrancelha, caminhando em minha direção até que está tão perto que sua respiração sussurra em minha bochecha. Ele se inclina, lambendo a concha da minha orelha, causando um arrepio em todo o meu corpo, até os dedos dos pés.



— Veja, você me quer. Seu corpo reage ao meu toque. Seus doces ruídos te traem. A maneira como seu corpo se arqueia ao meu toque prova que você é uma mentirosa. A maneira como sua boceta agarra meu pau... — ele sussurra em meu ouvido antes de morder o lóbulo, como se me punisse pela mentira.

— Você é minha. Nada se interpõe entre nós novamente.

Dou um passo para trás, quebrando a névoa ao meu redor. — Não.



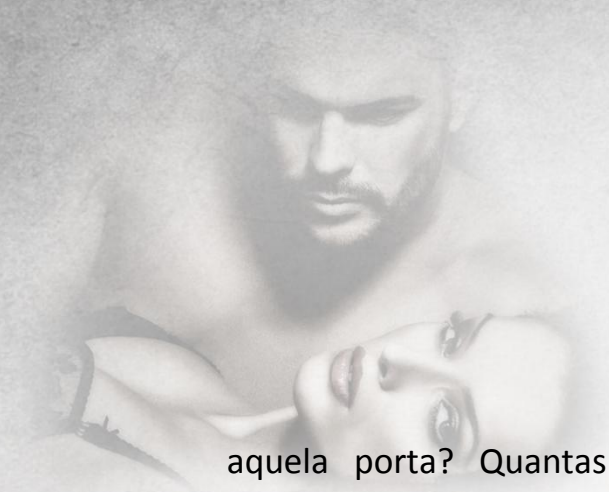
Capítulo 36



Prince

Eu deixei-a se afastar de mim três dias atrás. Vi o medo em seus olhos, a maneira como ela congelou embaixo de mim. O médico me disse que ela não tinha sido estuprada. Quando entrei naquela sala em que ela estava presa, todo o lugar fedia a sangue, urina e desespero. As meninas eram como fantasmas, nada além de pele e ossos. Era uma tática para mantê-las fracas, então elas não fugiriam. Declan tinha aprendido com meu pai. Foi a mesma lição que ele me ensinou por não aceitar meu lugar por um mês. Ele me deixou fraco, mal me alimentando, mandando seus homens me baterem, até que um dia eu revidei. Escrevi foda-se nas paredes com o sangue deles, sabendo que ele estava assistindo.

Essas mulheres foram tratadas pior do que cães, e eu deixei isso acontecer. Aconteceu sob o nome Kingston. Quantas garotas passaram por



aquela porta? Quantas mulheres foram enterradas debaixo da terra, perderam suas vidas para aqueles animais?

Fizemos cada um daqueles guardas pagar. Seus gritos encheram o céu de Londres enquanto eles imploravam para que eu acabasse com suas vidas. Eu não fiz. Eu os apanhei, os torturei nos últimos dias, até que não sentiram nada além de dor, até que pensaram que a morte estava ali, esperando por eles, orações respondidas, apenas para abrir seus olhos e me ver sorrindo para eles.

Alimentei-me de seu medo, saboreei seus gritos, me alegrei com os apelos que saíram de suas bocas encharcadas de sangue. Eles machucaram minha garota. Cada hematoma em que ela estava coberta, eles tinham o dobro. Eu os deixei com fome até que estivessem fracos e os fiz correr com a promessa de liberdade. Mas eles nunca seriam livres.

Seus corpos foram queimados no armazém, junto com a minha... Iris.

Nenhum deles machucaria Lilliana novamente. Eles não eram nada além de cinzas.

Lilliana acha que Declan está morto, mas ele está desaparecido. De alguma forma, ele escapou novamente. Estou começando a pensar que ele é Houdini. Tenho homens trabalhando horas a fio procurando por ele, mas ele está se escondendo profundamente, como o covarde que é.



Não dei espaço ainda para pensar no fato de ter Declan e Iris por trás de tudo. Não quando Lilliana está andando por aí como um zumbi, os círculos sob seus olhos ficando maiores a cada dia. Tara está se adaptando melhor, ganhando peso, enquanto minha garota parece estar perdendo peso. Eu sabia que ela tinha demônios dentro dela quando vi o fantasma de um sorriso aparecer em seus lábios quando contei a ela sobre os guardas. Ela se odiava por se sentir assim. Ela está perdida em um mundo que não entende mais. Seu desejo sombrio, ela anseia, mas ainda vê como errado quando parece tão, tão certo.

Isso me faz amá-la mais. Antes, ela era a garota perfeita que eu segurei em um lugar que não existia. Agora, nossa escuridão combina, nos une, nos tornando inteiros. Ela ainda é doce, atenciosa - eu observei a maneira como ela falava e tratava Tara - mas agora há um lado negro nela também, e ele me chama de uma forma que nada mais fez. Como uma sereia para o pescador.

Mas algo está comendo minha garota; ela está se afastando de todos. Ela olha para o nada ao longo do dia como se não estivesse na mesma sala que nós. À noite, os pesadelos a tomam, mantendo seu corpo prisioneiro enquanto os gritos feridos escapam. Ela anseia por meu controle. Seu corpo se submete a mim, seu coração é sempre meu, mas sua mente pertence a outra pessoa.



Estou com ciúmes dos pensamentos dela, que ela não esteja tão consumida quanto eu.

Já chega.

Eu sei o que tenho que fazer.

— Marcus. — Ele levanta os olhos de sua mesa no meu escritório. — Eu vou precisar de você.

Seus olhos se arregalam quando ele se levanta. — Você acha que agora é o melhor momento? Faz apenas um mês.

Só um mês. Parece que anos se passaram desde aquele dia.

— Eu não a recuperei, apenas para perdê-la.

Ele abre a porta, balançando a cabeça. Já sei onde ela estará; trancada no quarto que compartilhamos. A única hora em que ela me permite aproximar é de madrugada.

Entrando em seu quarto, vejo Tara falando baixinho com ela. Sua cabeça se vira para mim quando ouve a fechadura da porta. O medo assume cada uma das características enquanto seus olhos olham entre mim e a porta trancada.

Marcus se aproxima, sussurrando algo que parece fazer o medo desaparecer, e ela concorda. Não antes de olhar para Lilliana.



Ela sabe.

Lilliana se endireita.

— Malachi? — Há uma pergunta em sua voz, mas também uma ameaça. Ela sabe para que vim aqui. Podemos não estar morando separados, mas ela me deixou, fez isso desde aquele dia na sala de jantar.

Ela pula da cama, seu corpo todo preparado e pronto. Ela vai lutar comigo, mas eu vou lutar mais, porque não vou deixá-la ir.

Ela passa por mim, tentando a maçaneta, para encontrá-la trancada. Puxa a porta até que chacoalhe sob sua força.

— Deixe-me sair, Malachi. — Eu ignoro a maneira como sua voz falha, sabendo que ela está se lembrando de como eles a mantiveram trancada. Com o canto do olho, vejo Marcus mostrar discretamente a Tara a chave na palma da mão, tranquilizando-a.

Eu observo enquanto Lilliana olha ao redor da sala. O pânico começa a dominá-la quando ela sabe que não há saída.

— Por favor, — ela implora, suas pernas balançando. Leva tudo de mim para não atravessar a sala e segurá-la em meus braços, ceder aos seus apelos. Lamber as lágrimas que caem em seus cílios negros.

— Não até que você me diga o que está comendo você. Quem é o dono dos seus pesadelos?



Eu vejo quando ela recua com a dureza do meu tom.

— Deix... — Eu a interrompo, sabendo o que ela iria dizer; a mesma coisa que ela diz toda vez que vou perguntar.

— Todas as manhãs você me olhou nos olhos e mentiu para mim. — Eu vejo a luz do fogo atrás de seus olhos.

— Eu não sou a mesma garota em quem você manda, que te amou, caiu de pé e ansiava pela atenção que você me dava. Ela se foi! — Ela está certa, ela não é a mesma garota de antes. Ela passou pelo inferno e reivindicou-o como seu.

— Eu não quero você! Eu nunca quis! Você simplesmente me pegou.

Atravesso a sala, caminhando em sua direção. Seus olhos se estreitam quando eu não digo nada, em vez de inclinar seu queixo para trás. Pegando suavemente seus lábios nos meus, leva segundos para ela se submeter, toda a tensão caindo de seu corpo, mesmo com outras pessoas na sala.

Eu me inclino para trás, colocando um sorriso em meus lábios enquanto arrasto um dedo em sua mandíbula e pelo pescoço.

— Sim, continue mentindo, linda, e vou bater nessa bunda na frente deles.



Seus olhos se arregalam, como se ela tivesse acabado de lembrar que Marcus e Tara ainda estão aqui. Um rubor sobe por suas bochechas, fazendo meu sorriso crescer.

— Desgraçado.

Eu assumo uma postura que faz os homens adultos se mijarem. — Você não viu nada ainda. — Eu corro meu dedo pela sua bochecha, através de sua mandíbula, traçando o padrão de seu lábio. Lábios que poderiam levar os homens à guerra, rosados e inchados por causa do nosso beijo. Lábios que me enlouquecem.

— Eu te disse, você é minha! Para sempre. Você saiu há um mês. Eu observei você, esperando você voltar para mim. Agora, seu tempo acabou.

Agarro sua mandíbula, forçando-a para frente. — Lembra do que eu disse a você no escritório de Gage? — Seus olhos dilatam quando ela balança a cabeça. — Você é minha corajosa e linda garota. A mulher mais forte que conheço. — Eu coloco um beijo suave no canto de sua boca. Ela engasga com o contato, tentando se afastar, mas eu a seguro no lugar.

— Aqueles homens não podiam quebrar você, não maricas assim. Você conhece este mundo, como ele pode ser distorcido. Você é mais forte. — Ela balança a cabeça, vai falar, mas eu coloco outro beijo em seus lábios, interrompendo as palavras. — Quebrada, quase morta de fome, espancada,



você atirou nela. Protegeu sua amiga. Colocou uma arma em nós para garantir que ela saísse.

Uma única lágrima escapa, e eu me inclino e lambo seu salgado. — Não estou dizendo que ainda não dói, não estou dizendo que você ainda não está com aquelas cicatrizes do mesmo jeito que eu, só que as suas estão por dentro. — Seus olhos ficam suaves enquanto estudam a cicatriz no meu rosto que ainda parece viva e vermelha. Toco sua têmpora. — Não digo que os lugares aqui ainda estão mexendo com você. — Outra lágrima cai. Desta vez, pego com meus lábios.

— Por favor.

É como um apelo final, caindo de seus lábios, se desfazendo como uma bola de lã bem na minha frente.

— Saia.

Marcus se levanta, mas Tara hesita, olhando para Lilliana, que lhe dá um sorriso tenso. Espero até ouvir a porta se fechar atrás de mim.

Eu capturei seu rosto, deixando-a sem opção a não ser olhar para mim, não ver nada além de mim, cercada.

— Vi a expressão nos teus olhos quando entrei naquela sala, as lágrimas que correram pelo teu rosto, não de tristeza, mas alívio por ter sido eu quem te encontrei. Você lutou de volta. É o que você faz, sua mente guerreando



entre querer o homem que você ama e odiar o que você ama. — Ela respira fundo, estremecendo, sabendo que minhas palavras são verdadeiras, atingindo onde eu quero. Eu continuo.

— Quando eu te segurei perto, você parou de lutar. Foi em mim que você se envolveu, tentou se enterrar dentro de mim. Você se agarrou a mim como se estivesse se afogando. Mesmo de volta em casa, era de mim que você não desistia. Tudo isso, eu!



Capítulo 37



Lilliana

Suas palavras são como balas, cada uma se chocando contra mim. Lágrimas quentes correm pelo meu rosto, meus olhos se arregalam quando percebo o que ele está fazendo.

Ele está tentando me separar até que toda a feiura se espalhe entre nós. Até que todos os nossos segredos nos abram. Até que não haja mais nada além de nós.

Cru, não filtrado.

A raiva queima por mim enquanto eu continuo tentando me agarrar a tudo.

— Não me pressione, Prince, estou avisando!





Eu tento sair de seu aperto, e seus olhos brilham. No fundo nunca temi Malachi. Sim, suas mãos não estão limpas e ele tirou vidas. A cor negra de seus olhos mostra a cor de sua alma. Ele é poderoso, intenso e totalmente masculino. Esse nome, essa ameaça, é uma mistura letal, fazendo com que seus lábios se curvem e os dentes surjam. Seu aperto em mim aumenta antes de flexionar.

— Eles tocaram o que é meu? Estou começando a achar que o médico mentiu. — Sua mandíbula aperta com força, o olhar em seus olhos mais letal do que qualquer outro, como se o próprio diabo estivesse olhando para mim.

— Eles não me tocaram, não do jeito que você está pensando. — Um rosnado escapa dele.

— Então me diga o que está comendo você! O que está rasgando você! Tirando você de mim.

— Você não sabe o que está pedindo!

Antes que eu possa piscar, ele me tem contra a parede, uma mão em volta da minha garganta.

— Você acha que eu não consigo lidar com os problemas da minha mulher?

— Eu não sou sua mulher. Isso, entre nós, é uma bagunça!



Seus dedos flexionam na minha garganta, cortando meu oxigênio enquanto seus lábios colocam beijos suaves contra os meus.

— Eu matei por você, faria de novo. Tudo isso tem mantido você segura. Eu morreria por você, Lilliana. Você é minha. — Ele coloca mais beijos contra meus lábios. Eles continuam a acariciar minha pele enquanto ele muda de tática. Eu odeio como me submeto a ele, sem dúvida. Como suas palavras acendem algum desejo escuro dentro de mim.

— Pare de lutar comigo. — Sua voz soa como um apelo, mas não vou parar de lutar com ele porque ele está certo. Eu sou dele.

Eu sempre fui dele.

Assim como ele me salvou, eu o estou salvando, da verdade do que aconteceu naqueles primeiros dias, do que eles tiraram de mim, de nós.

Estou salvando-o de ser destruído, da dor constante em meu peito, como se meu coração tivesse sido arrancado. Do vazio dentro de mim.

Ele pode ser capaz de olhar o diabo nos olhos e dizer-lhe para ir embora, mas as verdades de minhas palavras são piores do que o diabo. É a porra do Armagedom.

Ele vai se culpar, ou pior, me culpar.

Assim como eu. E esse é o verdadeiro medo.



Eu o empurro para trás alguns centímetros, o suficiente para que sua mão caia da minha garganta, e eu escape de seu aperto. Eu começo a andar, balançando a cabeça, tentando afastar o ruído branco que me cerca. Os sentimentos que acabaram de surgir na superfície agora saltam para a frente.

Malachi me agarra pelos ombros. — Conte-me.

O tópico final se encaixa. — Eu estava grávida. — Fecho minha boca, não acreditando que as palavras estão lá fora.

Eu não acho que ele me ouviu, então eu vejo a mudança. Cada um de seus músculos se contraiu, as mãos apertando com força, os músculos de sua mandíbula saltando. Ele dá um passo para trás como se eu o tivesse queimado. Seus olhos vão para minha barriga lisa, como se tentasse ver algo que não está mais lá. Eu luto contra a vontade de envolver meu braço em volta do meu estômago. Seus olhos voltam para os meus.

— Você disse que eles não tocaram em você! — Sua voz chicoteia contra minha pele. Enquanto ele me olha, seus dedos se contraem, como se ele quisesse estender a mão e me agarrar. Algo mais forte o impede. Ele sabe que há mais, muito mais.

Eu balanço minha cabeça, desviando o olhar da ferocidade em seus olhos.



— Eles não tocaram. — Ouço um ruído sibilante que me faz voltar. Malachi está inclinado, com as mãos nos joelhos enquanto tenta respirar. Depois de alguns minutos, ele levanta a cabeça, os olhos mais selvagens do que eu já tinha visto antes. Eles parecem pura brutalidade.

— Meu... — Eu mordo meu lábio para impedir que ele trema, sentindo o sangue escorrer pelo meu queixo. Eu concordo.

Seu corpo todo estremece, tentando conter a raiva que está vibrando por ele.

— Você deveria ter me contado. — Ele está certo, ele tinha o direito de saber, mas quando você ama alguém, você não poupa a dor em que ele agora está se afogando? O que eu fiz não é igual a ele me protegendo?

Ele vai abrir a porta. Ele está se afastando de mim. Agarro a parte de trás de sua camisa e ele se vira, agarrando meus pulsos. — Saia. Vai!

Ele sai da sala com o meu grito.



Capítulo 38



Prince

Eu não podia ficar naquele quarto sabendo agora que a razão por trás de seus olhos sou eu. Eu falhei com ela, os dois. Ela estava tendo um bebê, meu bebê, e os homens de Kingston o roubaram.

Assim como Hayden.

Assim como seu pai.

Assim como vou fazer com ela. Lilliana tem razão, estamos fodidos. Achei que nossas arestas irregulares se juntaram como um quebra-cabeça, em vez disso, cortaram a outra, fizeram sangrar e um dia não sobrará nada. Ela precisa escapar, escapar antes que eu a destrua.





Eu tropeço em meu escritório; não consigo respirar, a dor no meu peito é forte, tornando cada respiração mais difícil do que a anterior. Grávida do meu bebê...

Aterrando de joelhos, pego a lixeira, esvaziando meu estômago. Eu sabia que era ruim, mas isso... sinto dois braços grossos me envolvendo, e fecho meus olhos, esperando que seja o diabo vindo para me reivindicar, para me afastar da expressão em seu rosto, da dor nela, em seus olhos, suas palavras.

— Peguei você, chefe. — Eu conheço essa voz. Eu sei que ele está falando mais, mas tudo que eu posso ouvir é o bater do meu coração.

Grávida.

Bebê.

Se foi.

Roubado.

Meu.

Nosso.

O rosto de Marcus aparece quando ele me passa um copo de uísque, e eu o levo à boca. — Outro. — Ele enche o copo e eu engulo o líquido. Isso queima minha garganta. Querendo sentir essa dor, estou perdendo o controle, algo que nunca fiz.



— Outro.

Quando ele hesita, pego a garrafa, dando um grande gole, assim que Benson, meu motorista, entra no escritório.

— Senhor, as senhoras estão prontas para partir. — Eu agarro a garrafa, sentindo-me ceder sob a pressão para ficar no meu lugar, para dizer a Lilliana que vou aceitar qualquer coisa que ela me der, desde que ela fique.

Em vez disso, eu aceno, fazendo Marcus se levantar. — Leve-a para onde ela quiser. Puxe a segurança para apenas vigilância. — Benson olha entre Marcus e eu antes de assentir.

Marcus espera até sair para dar a volta na minha mesa. — O que aconteceu? Você lutou por anos para conquistá-la e agora está apenas... deixando-a ir?

Eu não vou deixá-la ir, estou salvando-a. Eu estou salvando-a.

— Ela estava grávida. — As palavras soam tão feridas quanto eu sinto. Seus olhos se arregalam.

— Eu pensei... — ele para, amaldiçoando enquanto seus olhos suavizam. — Seu? — ele sussurra.

Eu aceno, tomando outro gole.



Só então, a porta se abre e Lilliana está parada lá como se estivesse sem fôlego. Nós dois ficamos parados ao mesmo tempo, olhando para trás em busca do perigo que coloca uma expressão de inferno em seus olhos.

— Você me culpa? — Eu franzo a testa com suas palavras. É isso que ela pensa; que a estou mandando embora porque a culpo? Marcus se aproxima de mim, — É hora de libertar a verdade, não se esconda dela. Agora não. — Ele dá um sorriso tenso para Lilliana, antes de nos deixar a sós.

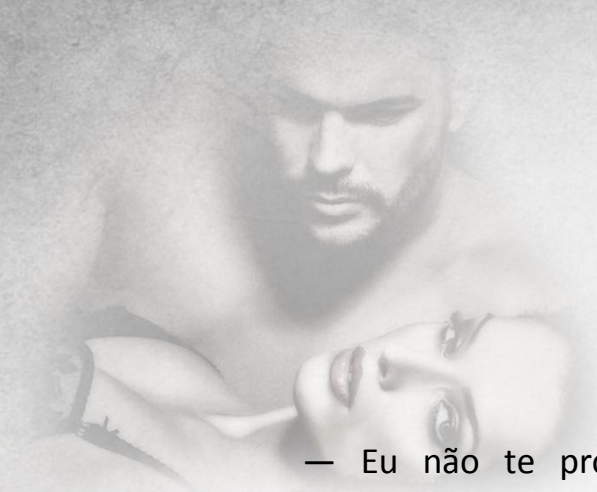
— Não! Eu me culpo, e à minha família fodida. Eles tiraram tudo de você. Você pagou o suficiente. Você está livre. — Ela respira dolorosamente enquanto balança a cabeça.

— Isso era tudo sobre pagamento? Nada mais? Não minta para mim! Você queria a verdade, agora é a sua vez.

Eu aperto meu queixo, falando por entre os dentes. — Não. — Seu corpo relaxa um pouco. Ela não vê o que faz comigo?

— Você estava me protegendo. Não foi isso que você disse? Jack estava com tempo emprestado. Você me salvou do mesmo destino que ele? — Eu aceno, sem saber para onde ela está indo com isso.

— E eu estava protegendo você! Droga! Não é isso que você faz quando ama alguém? Proteja-os da mesma dor que está matando você! Poupe-os da dor que está rasgando você! — Eu balanço minha cabeça.



— Eu não te protegi. Eles sequestraram você, torturaram você, mataram nosso bebê! Eu falhei com você! — Uma única lágrima cai por seu rosto enquanto ela caminha em minha direção.

— Não, você me salvou. Você me procurou, matou os homens que me machucaram, parou sobre seus corpos com o sangue pingando no chão em minha homenagem. Eles são os culpados, não você, não eu. Eles colocaram tudo isso em movimento. Eles traçaram as linhas de batalha e você trouxe a guerra. — Erguendo a mão, ela acaricia meu queixo, a pele levantada da minha cicatriz.

— Eu não posso fugir disso. Existem muitas pontas soltas. Você pode viver com isso, sabendo que tomarei o lugar de meu pai, Rei deste mundo escuro?

Ela balança a cabeça, fazendo minha respiração prender. — Eu sempre quis ser sua princesa, mas estava errada. — Eu coloco minha mão sobre a dela, ainda no meu queixo, parando o que quero dizer.

— Eu quero ficar ao seu lado. Eu não sou sua princesa que precisa ser salva. Eu sou sua rainha.

Eu a empurro contra a parede, a mão em sua garganta, observando enquanto seu pulso bate furiosamente sob sua pele. Sua respiração fica mais rápida enquanto seus olhos vidram, o desejo escuro circulando como fumaça naqueles tons de cinza.



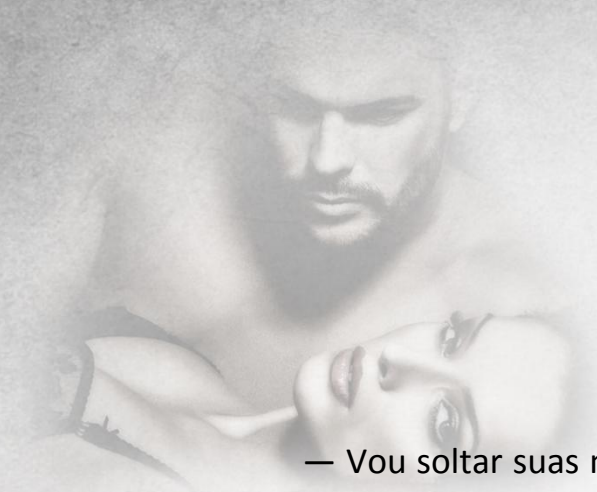
Espero a luta aparecer. Em vez disso, ela sussurra: — Leve-me. Eu sou sua. — Eu me inclino para a frente, mordendo sua orelha antes de lamber a dor.

Sua respiração se acelera e eu sei o que ela quer. Liberando sua mandíbula, agarro seus pulsos, segurando-os acima de sua cabeça com uma força que faz seus olhos se arregalarem. Corro meu nariz em seu pescoço. — Eu sei do que você precisa, doce menina. — Eu lambo sobre o ritmo frenético de seus batimentos cardíacos. — Você está pronta para se submeter a mim, para me deixar possuir você?

Um gemido sai de seus lábios. — Sim. — É um sussurro ofegante enquanto beijo ao longo de sua mandíbula até o canto de sua boca.

— Você pode ficar quieta? Há homens do lado de fora da porta. — Minhas palavras causam outro gemido quando ela balança a cabeça. Estou mentindo. Este quarto é totalmente à prova de som, mas ela não precisa saber disso. Estou dando a ela o desejo de que ela precisa, o perigo do fio de uma faca para andar, testando seus limites. Mas não há como alguém ouvir seus gritos. Eles são todos meus.

Eu a viro com força, mantendo seus pulsos presos acima dela enquanto me pressiono em sua bunda, mostrando-lhe o que ela está fazendo comigo. Ela empurra de volta, tentando causar mais atrito.



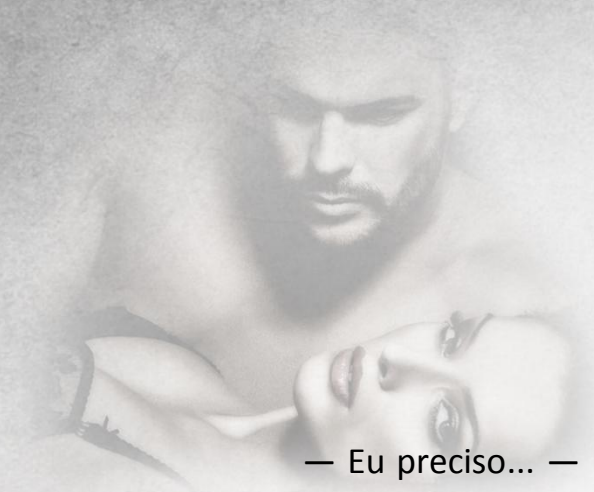
— Vou soltar suas mãos, mas você vai mantê-las na parede ou eu paro, está me ouvindo? — Ela geme, balançando a cabeça enquanto eu libero seus pulsos. Sorrio quando ela os coloca contra a parede, empurrando sua bunda ainda mais. Eu caio de joelhos, puxando para baixo suas calças, beijando a pele nua. Batendo nos tornozelos, ela sai. Eu beijo de volta suas pernas, a parte interna de sua coxa, beliscando e lambendo, tão perto do lugar que ela precisa de mim, mas apenas fora de alcance.

— Malachi. — Ela se contorce, tentando me levar aonde ela precisa de me ter. Eu me afasto, abrindo minhas calças, meu pau pesado na minha mão. Aperto a base ao vê-la curvada na minha frente.

— Você está pingando. É para mim? — Eu vejo como ela se contorce novamente, sabendo que minhas palavras a estão afetando. Quando ela não responde, eu bato em sua bunda, forte o suficiente para deixar uma marca perfeita, e um gemido sai de seus lábios.

— Sim. — Saiu um sussurro rouco, e ela empurra a bunda ainda mais para mim. Eu dou a ela mais quatro, até que sua pele fique rosa claro. Pré-gozo escorre pelo meu pau com a visão. — Bela.

Movendo minhas mãos, eu a seguro, sentindo sua própria excitação. — Eu quero ir devagar, mas não posso, — sussurro em seu ouvido enquanto deslizo meus dedos dentro dela, sentindo-a apertar em torno de mim.



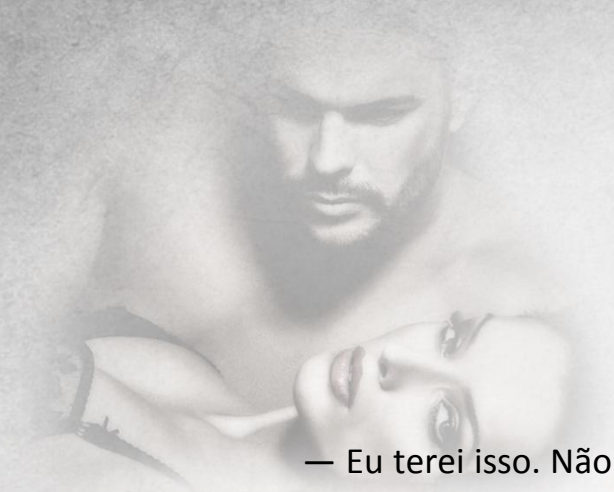
— Eu preciso... — Ela se interrompe e eu puxo meus dedos, fazendo-a choramingar com a perda.

— Me diga o que você precisa. — Eu circulo a borda de sua entrada, provocando-a. Ela balança a cabeça para a frente e para trás, louca de luxúria.

— Eu preciso que você me leve com força. Foda-me, — ela rosna, submetendo-se ao seu desejo, a verdade saindo de seus lábios. Com suas palavras, eu entro nela, fazendo-a gritar enquanto a preencho até que minhas bolas descansem contra sua bunda. Esperando alguns segundos para ela respirar, envolvo seu cabelo em volta do meu pulso, puxando sua cabeça para trás enquanto clamo seus lábios. Nesse ângulo, pareço ir mais fundo do que possível, fazendo nós dois gemermos. Afastando-me, eu olho em seus olhos.

— Eu te amo, Lilliana. Vou te levar forte, fazer você gritar, mas nunca será apenas foda.

Antes que ela tenha a chance de responder, eu me afasto antes de bater nela, repetindo o movimento, puxando todo o caminho para fora antes de bater de volta. Seu calor me cobre enquanto suas paredes se fecham em torno de mim. Eu corro meus dedos sobre seu buraco proibido, e ela congela embaixo de mim enquanto brinco com ele.



— Eu terei isso. Não hoje, mas logo, — eu rosno enquanto movo minha mão para envolver em torno de sua garganta, trazendo suas costas niveladas contra a minha frente, lambendo sua orelha enquanto desacelero meu ritmo. — Assim, bom, baby. — Seus lábios se separam enquanto eu aperto mais forte. Suas costas arqueiam enquanto ela se aperta em torno de mim com mais força, me dizendo que está perto. Eu me movo para ficar em um ângulo diferente, atingindo o ponto que a faz choramingar, e seu corpo inteiro treme embaixo de mim.

— Mais forte, — ela geme. Rosnando, bato forte, fazendo-a gritar, sentindo-a ali, apenas no limite. Mordo seu ombro até sentir meus dentes rompendo a pele. Ela grita frases indecifráveis enquanto se sacode e se contorce embaixo de mim. Suas paredes me apertam com tanta força que não consigo mais segurar. Quando bato nela, meus músculos do estômago se contraem e minhas pernas tremem.

Minhas bolas se contraem, mas eu puxo, virando-a para me encarar. Ela envolve suas pernas em volta de mim quando entro nela com força, fazendo seus olhos rolarem.

— Toque-me, — eu rosno. Sabendo do que preciso, assim como faço por ela, ela arrasta as unhas nas minhas costas, fazendo-me chiar e meus impulsos se tornarem mais poderosos. Ela se inclina, pegando meus lábios, me beijando de uma forma que nos deixa livres.



A mágoa, a traição e a dor entre nós desaparecem com cada movimento de nossos corpos e lábios.

Ela morde meu lábio inferior, segurando-o como prisioneiro enquanto tento segurar, para fazer durar o máximo que posso, querendo que nunca acabe.

— Solte, — ela sussurra, antes de morder meu ombro. A dor e o prazer se chocam, me enviando ao limite enquanto chamo o nome dela.

Eu movo seu cabelo úmido para fora do caminho, e seus olhos se abrem enquanto ela olha para mim com um sorriso no rosto. Ela levanta a mão, acariciando minha cicatriz como se para suavizá-la.

— Eu disse aos cinco que ia me casar com você. Eu disse aos dezesseis anos que te amo. Estou lhe dizendo aos 23 anos, sou totalmente sua, você é meu dono.

Eu me inclino, selando suas palavras com um beijo.



Epílogo



Lilliana

Saio do hospital privado depois de terminar meu turno de doze horas.

Malachi se recusou a me deixar voltar ao meu antigo emprego. Com o hospital sendo tão aberto, qualquer um de seus inimigos poderia me pegar. Ele tinha um médico em sua folha de pagamento, o tipo de médico que aparecia e não fazia perguntas, que estava procurando uma enfermeira. É menor e a segurança é forte. Eu sei que ele também colocou homens ao redor do prédio. É tão bom estar de volta ao trabalho, em um emprego que amo. Eu amo Malachi mais, sabendo como é difícil me deixar trabalhar aqui, mas me recuso a viver com medo.

Vacilo quando o vejo encostado no carro. Ele parece tão casual, mas poderoso, seu cabelo escuro caindo levemente em seu rosto enquanto ele olha para algo em seu telefone. Como se estivesse me sentindo, sua cabeça



levanta e nossos olhos se conectam. Nós nos encaramos como se não acreditássemos que o outro está ali.

Malachi fecha a distância entre nós, e antes que eu possa falar, seus lábios caem sobre os meus, a mesma força de um homem faminto comendo sua primeira refeição. Lentamente, o beijo diminui, até que nossos lábios mal se tocam.

— Bela.

Sua respiração faz cócegas em meus lábios, olhos me segurando prisioneira, me possuindo.

Ele pega minha mão, levando-a aos lábios. O contato traz um arrepio ao meu corpo quando me lembro da noite passada. A maneira como ele beijou meu corpo até que eu estivesse embaixo dele, murchando, implorando para ele me levar, para parar, nunca parar. Ele abre minha porta observando enquanto eu deslizo para dentro, o couro frio embaixo de mim. Eu o vejo andar pela frente do carro. Saltando no banco do motorista, ele pega minha mão enquanto deslizamos no trânsito. Os últimos meses não foram fáceis. Eles têm sido difíceis. Mas um com o outro, nós superamos isso. Malachi me segurou enquanto os pesadelos me tomavam, e então fazia amor comigo até que fosse apenas ele que eu visse. Provei para ele que meu lugar é ao seu lado, voltando ao lugar que tudo começou: o complexo. Quando ele entrava e eu sabia que ele teve um dia ruim, certificava-me de que ele se lembrasse



do homem por trás do monstro, aquele que é amado por aqueles que são próximos.

Chegamos ao cemitério, o que me faz franzir a testa. Não voltei aqui desde Jack.

Malachi sai do carro sem dizer uma palavra. Seu exterior normal e calmo é tenso. Ele está nervoso com alguma coisa. Encontrando-me na porta, ele me beija. Mesmo neste lugar, a dor desaparece. Eu envolvo meus braços ao redor de seus ombros, ficando na ponta dos pés.

Quando uma tosse invade o ar, eu me afasto, atordoada, me virando para ver Marcus e Tara. Tara parece totalmente diferente. O peso que ela ganhou aumenta sua beleza. Ela cortou o cabelo em um penteado que fica sobre os ombros, emoldurando suas feições. Seus olhos verdes ainda contêm dor, e eu sei que sempre terão. Fiquei naquele lugar por um mês. Ela ficou lá por mais de um ano, e as coisas que eles faziam ainda a assombravam. Tara tentou ir para casa, mas tudo mudou. Ela voltou dentro de alguns dias; ela não era mais a mesma garota.

Marcus me contou a história de Emily, Emmie. Eu me lembrei dele. Não conseguia acreditar que ele era o mesmo homem que me acompanhou pelo bairro naquele dia. Lembro-me de como ele olhou para Emmie, tentou mandá-la para casa e meu coração se partiu por ele. Ele nunca vai desistir até que tenha as respostas para o que aconteceu com sua melhor amiga.



Malachi aperta minha nuca, trazendo meus olhos de volta para ele. — Eu te amo.

Acho que nunca vou me cansar de ouvir essas palavras, o que elas fazem comigo, ouvindo-as naquela voz baixa e suave.

— Eu também te amo. — Observo a reação de descrença aparecer em seus olhos, enquanto eles suavizam a maneira que só fazem comigo, quando um fantasma de um sorriso toca seus lábios.

Agarrando minha mão, ele aperta com força, me levando para a frente. Eu sei de imediato para onde vamos, cujo túmulo está à frente.

Hayden.

Marcus e Tara ficam para trás. Quando paramos em frente ao túmulo, eu suspiro, caindo de joelhos enquanto as lágrimas correm pelo meu rosto. Um soluço se solta enquanto eu traço as palavras douradas em itálico.

Rose Kingston, nosso lindo anjo.

Te amaremos sempre,

Mamãe e papai.





Havíamos conversado sobre o bebê que perdemos; juntos, lamentamos a perda. Malachi tinha certeza de que era uma menina, e o nome Rose era algo que ambos concordávamos. Seu túmulo é lindo, de mármore branco com uma coroa de ouro esculpida no topo. Rosas cor de rosa enchem os três vasos da frente.

Eu sinto Malachi se ajoelhar ao meu lado. — Ela merece isso. Você também. — Eu levanto meu rosto, vendo seus próprios olhos úmidos enquanto me atiro nele, segurando-o tão perto, nunca querendo me soltar.

— É... é lindo. Rose é a garota mais sortuda por ter você como seu pai. — Eu sinto seu próprio corpo estremecer enquanto seu aperto aumenta em torno de mim.

Eu volto para o túmulo, correndo meus dedos sobre ele. — Eu te amo tanto, tanto, baby. Nós dois amamos. — Há um movimento atrás de mim, então Tara dá um passo à frente.

— Eu também, pequena Rose. — Ela me dá um sorriso lacrimejante, apertando minha mão enquanto vem se sentar ao meu lado, quando Marcus passa os dedos por cima.

— Eu também, pequenina. — Ele aperta o ombro de Malachi, tomando seu lugar ao nosso lado.



Uma borboleta branca dança entre nós, antes de pousar no túmulo, movendo suas delicadas asas algumas vezes antes de voar.

A pequena rosa está rodeada de amor.

Todos nós nos levantamos quando o túmulo de Hayden chama minha atenção. Eu vou até lá.

— Cuide de nossa Rosa. — Eu limpo uma lágrima enquanto sorrio. — Estou bem agora. — É apenas um sussurro, entre irmão e irmã. — Eu te amo e sinto sua falta todos os dias. — Eu sinto Malachi tenso ao meu lado, um olhar estranho em seu rosto, me fazendo sorrir. — Você sabe, ele teria chutado a sua bunda por me fazer viver em pecado. — Funciona, e seus lábios se contraem quando ele balança a cabeça.

— Certamente ele teria, embora isso não tivesse me impedido. — Eu não posso deixar de rir de sua declaração, sabendo que ele está certo. Ele me beija como se quisesse provar.

Esfrego seus braços, olhando diretamente nos olhos. — Você sabe que ele aprovaria. Ele te amava como um irmão. — Dor e algo mais cruzam suas feições enquanto ele acena com a cabeça.

Eu olho para baixo quando algo frio desliza sobre meu dedo e vejo um anel de ouro branco com um grande diamante negro. Em ambos os lados estão brilhos de safira e diamantes. Olho para Malachi. — Isto é…?



Seus olhos escuros se arrastam sobre mim, antes que ele acene, agarrando meu rosto com as mãos.

— Você será minha esposa. — Eu levanto uma sobrancelha.

— Oh serei?

Ele dá um beijo na minha testa. — Sim. Eu sei que este é o lugar errado para dar o anel. Devem ser todas palavras doces e flores. Mas não somos nós. Amo você, Lilliana, de um jeito que me rouba o fôlego toda vez que olho para você. Faz meu coração parecer que vai pular do meu peito toda vez que você está perto. Não posso prometer um conto de fadas, mas posso jurar que vou te amar para sempre. Eu vou matar por você, morrer por você. Você me pediu uma vez, para deixar você me amar. — Lágrimas correm pelo meu rosto enquanto eu aceno, lembrando daquele dia em seu apartamento. — Me ame para sempre, Bela. Porque você me possui, completamente.

Eu pulo para ele, batendo meus lábios nos dele em uma promessa. Eu sei que as pessoas levantariam suas sobrancelhas, uma proposta em um cemitério. Mas eu não conseguia pensar em nenhum lugar melhor, cercada pela minha família. Aqueles que estão aqui e aqueles que não podem estar.

Quando nos separamos, Marcus dá um tapinha no ombro de Malachi. Uma convenção silenciosa é passada entre eles, antes que eles deem aquele abraço de homem estranho. Tara jorra sobre o anel seu sorriso largo.



Eu deixo todos eles andarem na minha frente, observando enquanto eles vão na minha frente. Podemos não ser todos do mesmo sangue, mas somos muito mais. Uma família.

Tínhamos passado por sangue, lágrimas envoltas em dor e perda.

Mas sobrevivemos.

Eu não sei o que o futuro reserva, o que o amanhã trará.

Mas sei que enfrentaremos isso juntos.

FIM



